

Raul Leal e o segundo modernismo: Relações epistolares com Simões e outros afins

Enrico Martines*

Palavras-chave

Raul Leal, João Gaspar Simões, Alberto de Telles Machado, Alberto de Serpa, segundo modernismo, cartas.

Resumo

A coleção de manuscritos de Fernando Távora guarda vários testemunhos do diálogo epistolar entre Raul Leal e os representantes do chamado “segundo modernismo”. Depois das missivas trocadas com José Régio, publicadas no número 12 da *Pessoa Plural*, apresenta-se aqui outro conjunto documental, cuja maior parte testemunha das relações entre Raul Leal e João Gaspar Simões, outro diretor-fundador da *Presença*. Este núcleo inclui também (ou faz referência a) manuscritos reveladores dos contatos mantidos com mais duas figuras de alguma forma ligadas a revistas que apareceram nos anos vinte do século passado: Alberto de Telles Machado e Alberto de Serpa. Os diversos temas tratados têm sobretudo a ver com uma avaliação da figura de Fernando Pessoa e com a situação de Raul Leal enquanto intelectual isolado. Quanto ao primeiro tópico, destacam-se algumas ideias expressas por Leal em desacordo com João Gaspar Simões, refutando a suposta intenção mistificadora presente nas atitudes mais arrojadas e nos escritos mais agressivos do heterónimo Álvaro de Campos, contradizendo a possível influência da eventual homossexualidade platónica de Fernando Pessoa na concepção, que Simões presume “maternal”, dos heterónimos, e impugnando a sua interpretação da despersonalização pessoana como percurso de progressiva espiritualização, antes sugerindo que se tratasse de uma queda da dimensão espiritual para uma vida de sensações terrenas e carnisais, em Pessoa todas reprimidas e sublimadas na sua vida mental.

Keywords

Raul Leal, João Gaspar Simões, Alberto de Telles Machado, Alberto de Serpa, second modernism, correspondence.

Abstract

Fernando Távora's collection of manuscripts keeps a number of testimonies of the epistolary dialogue between Raul Leal and the representatives of the so-called "second modernism". Following the missives exchanged with José Régio, published in *Pessoa Plural* 12, I present here another documentary set, most of which testifies to the relationship between Raul Leal and João Gaspar Simões, another founding director of *Presença*. The article also includes evidence of the contacts kept with two other figures in different ways linked to magazines that appeared in the 1920s: Alberto de Telles Machado and Alberto de

* Università degli Studi di Parma.

Serpa. The various themes dealt with have mostly to do with the critical evaluation of Fernando Pessoa and with the situation of Raul Leal as an isolated intellectual. As for the first topic, some ideas expressed by Leal in disagreement with João Gaspar Simões stand out: he refutes the supposed mystifying intention present in the more daring attitudes and writings of the heteronym Álvaro de Campos; he contradicts the possible influence of the Platonic homosexuality of Fernando Pessoa in the conception, that Simões presumes "maternal", of heteronyms; and he challenges Simões' interpretation of the personal depersonalization as a course of progressive spiritualization, rather suggesting that it was a fall from the spiritual dimension to a life of earthly and carnal sensations, in Pessoa all repressed and sublimated in his mental life.

A coleção de manuscritos de Fernando Távora guarda alguns tesouros no que diz respeito às relações entre Raul Leal e os representantes do chamado “segundo modernismo” português. No número anterior desta revista – inteiramente dedicado ao arquivo reunido pelo famoso arquiteto – foram apresentadas algumas cartas trocadas entre o autor da *Liberdade Transcendente* e José Régio, diretor-fundador da *Presença*, e foi resumida a colaboração de Leal para a folha coimbrã, assim como a ação corajosa de Régio – por vezes contra a opinião da maioria, no seio da revista – para tentar dar a conhecer a complexa e por vezes inquietante figura do poeta e filósofo que também se assinava pelo nome do profeta bíblico Henoque (cf. MARTINES, 2017). Aqui reúne-se outro conjunto documental, cuja maior parte testemunha das relações entre Raul Leal e João Gaspar Simões, outro diretor-fundador da *Presença*, mas que inclui também (ou faz referência a) manuscritos reveladores dos contatos mantidos com mais duas figuras de alguma forma ligadas a revistas que apareceram nos anos vinte do século passado: Alberto de Telles Machado e Alberto de Serpa.

Os diversos temas tratados têm sobretudo a ver com uma avaliação da figura de Fernando Pessoa e com a situação de Raul Leal enquanto intelectual isolado. Quanto ao primeiro tópico – talvez o ponto de maior interesse desta correspondência – destacam-se algumas ideias expressas por Leal em desacordo com João Gaspar Simões. Reagindo à publicação de trabalhos críticos do antigo diretor da *Presença* – uma vez em carta dirigida diretamente a ele, outra vez de forma indireta, escrevendo a Alberto de Serpa – Raul Leal refuta algumas teorias expostas por Simões e propõe interpretações pessoais muito estimulantes: desmente a suposta intenção mistificadora identificada pelo crítico presencista nas atitudes mais arrojadadas e nos escritos mais agressivos do heterónimo Álvaro de Campos, por trás de quem Pessoa assim se esconderia, sublinhando a natureza profundamente psicológica e “fantásmica” das personalidades criadas por Pessoa, que não as estudou objetivamente mas sim as viveu “substancialmente”, não as utilizou como simples pseudónimos mas sim as sentiu como “outros de si”. Leal contradiz a possível influência da eventual homossexualidade platónica de Fernando Pessoa na sua defesa das *Canções* de António Botto e da *Sodoma divinizada* do próprio Leal, e rejeita o peso que Simões lhe atribui na criação dos heterónimos – descrita pelo crítico presencista como uma “maternidade mental” – realçando a diferença entre a concepção carnal de filhos como “seres aparte” e a concepção “metapsíquica” de personalidades “em si próprio” e afirmando que um homossexual superior nunca se sente mulher e, portanto, mãe. Finalmente, Raul Leal impugna a interpretação simoniana da despersonalização pessoana como percurso de progressiva espiritualização, antes sugerindo que se trate de uma queda da dimensão espiritual para uma vida de sensações terrenas e carnavais, nele todas reprimidas e sublimadas na sua vida mental. Trata-se de pontos de vista que serão explicitados e comentados neste artigo e que, mais uma vez, demonstram a grande

autonomia de pensamento de Raul Leal e a sua grande proximidade intelectual e espiritual com o seu “Grande Amigo”, Fernando Pessoa.

Os documentos aqui apresentados vão desde 1924 até 1950, excedendo, portanto, os limites da atividade da *Presença*, que acabou as suas publicações em 1940. Por ordem cronológica, este conjunto é formado por:

1. carta de Alberto de Telles Machado a Raul Leal, de 11-4-1924 (enviada ao cuidado de Fernando Pessoa);
2. rascunho incompleto e muito esbatido de carta de Raul Leal. Elementos presentes numa carta a ele dirigida por João Gaspar Simões, que traz o carimbo postal de “23.12.36”, fazem supor que este diretor da *Presença* pudesse ser o destinatário da carta preparada por Leal e que esta possa ser datada como imediatamente anterior à epístola enviada por Simões a 23 de dezembro de 1936;
3. carta de João Gaspar Simões a Raul Leal não datada, cujo envelope mostra o carimbo postal datado “23.12.36”: parece ser a resposta ao que Leal dizia no rascunho incompleto descrito anteriormente;
4. rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões. O documento não é datado, contudo a referência à receção do livro *Novos Temas*, de João Gaspar Simões, publicado em 1938, permite colocar cronologicamente o documento nesse ano;
5. carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28-11-1939;
6. carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 18-6-1940;
7. apontamentos de Raul Leal datáveis aproximadamente como posteriores a 1 de dezembro de 1949. De facto, a última página mostra uma indicação autógrafa que diz: “trechos por vezes modificados e truncados da carta ao Alberto de S[erpa]”. Por causa das condições do testemunho, a leitura do apelido é conjecturada, mas a carta de que foram tirados estes trechos é mesmo a que Leal escreveu ao poeta, colaborador da *Presença* e colecionador de manuscritos a 1 de dezembro de 1949 (presente na coleção conservada na Biblioteca Pública Municipal do Porto). A carta enviada para Serpa é transcrita depois do conteúdo destas folhas de apontamentos.
8. rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões. A carta enviada é datada de 23 e 24 julho de 1950 e já foi publicada no número 7 da revista *Persona*, de agosto de 1982, conforme revela o próprio Távora numa anotação de meta-arquivo que acompanha o rascunho.

O manuscrito mais antigo – havendo um intervalo de tempo de doze anos entre este e o sucessivo – insere-se, do ponto de vista da história da literatura, na fase pré-presencista do segundo modernismo, nos anos que preparam o

aparecimento da revista coimbrã. O autor da carta para Raul Leal escrita a 11 de abril de 1924 foi Alberto de Telles Machado – de seu nome completo, Alberto van Hoertre (ou *Wanhoertre*, ou *de Hutra*, ou ainda *de Utra*¹) de Telles Machado. O artista plástico e poeta nascido em 1897 foi também colaborador da *Athena* nesse mesmo ano de 1924, participante da 4.^a exposição organizada pela revista *Contemporânea* em 1923, e ainda cofundador da revista *Tríptico. Arte, Poesia, Crítica*, que se publicou em Coimbra de 1 de abril de 1924 a 20 de abril do ano seguinte (nove números). O amplo grupo que fundou a revista, que tomava o seu nome do facto de ser constituída por uma folha dobrada em três partes, era também integrado por Afonso Duarte, Agostinho Jorge, António de Sousa, Branquinho da Fonseca, Augusto Telo, Campos de Figueiredo, Guilherme Filipe, João Gaspar Simões, Ângelo César e Vitorino Nemésio². Composta e frequentada por personalidades da mais variada extracção artística, *Tríptico* desempenhou a importante função de agente de ligação dos vários jovens que, dispersos por diversas publicações de breve duração, perseguiram os mesmos objectivos. Um destes objectivos era a fusão, no próprio horizonte de interesses e na lista de colaborações, de artes plásticas e literatura, mas procurava-se também a inclusão de artigos de crítica artística e literária, indicativa da “vocação pedagógica” que caracterizará a *Presença* (o epíteto “fôlha de arte e crítica” não é um acaso) e o segundo modernismo. O agrupamento que lançaria a *Presença* em 1927 derivou da fusão do grupo da *Tríptico* – em que, como vimos, figuravam João Gaspar Simões e Branquinho da Fonseca, futuros diretores daquela revista – com o da *Byzancio* – revista que aparecera, também em Coimbra, em maio de 1923, e em que colaboraram importantes presencistas como José Régio e Edmundo de Bettencourt.

A carta escrita por Telles Machado a Raul Leal, além de mencionar a oferta de um número da *Tríptico* (o primeiro), contém um pedido de colaboração para a revista que, de facto, não se concretizará. Telles Machado, também autor de gravuras e desenhos que ilustram as páginas do periódico, refere-se à heterogeneidade e à escassa coesão que caracterizava o grupo da *Tríptico*: “A minha independencia continua marcante, pois de todo o grupo que edita o jornal só conheço 2 ou trez que veem buscar a collaboração a minhas mãos, e a minha

¹ Conforme refere José BARRETO (2016: 694): “A forma *de Utra* é o aportuguesamento mais comum de *van Hurtere* [reprodução literal da pronúncia de *Hoertre*, em língua neerlandesa], apelido de flamengos povoadores do Faial”.

² Recebeu também colaborações de Teixeira de Pascoais, Luís Guedes de Oliveira, José Régio, Aquilino Ribeiro, Vergílio Correia, Tomás da Fonseca, Visconde de Villa-Moura, Joaquim de Almeira, Alfredo Brochado, José Bruges d’Oliveira, João Carlos (gravuras), Raúl Brandão, José de Azevedo, Manuel Lopes d’Almeida, Alexandre d’Aragão, Celestino Gomes, Fausto dos Santos Júnior, Alberto de Serpa, José Crespo, Diogo de Macedo (desenho e prosa), Antão de Moraes Gomes, António Ferreira Monteiro, Álvaro Cebreiro (desenho), Eu. Correa-Calderón, Ramón Cabanillas, G. Lópes Abente, Antonio Noriega Varela, Cláudio Basto, Mily Possoz (gravura), Américo Durão, João Neto, Mário de Castro, Eva Aggerholm (desenho), Augusto Casimiro.

colaboração colloca-se sosinha na revista na escala de valores, e no degrau que lhe convem". O próprio João Gaspar Simões, também colaborador da *Tríptico*, aludirá às diferenças que caracterizavam os membros desta revista:

Nela se acolhiam consagrados de facciosa ideologia e de exclusivismo erudito. Como puderam conciliar em tão apertado espaço gentes de tão oposta natureza é um enigma a que facilmente responde a extrema juventude dos seus dois principais esteios, um com dezanove anos – Branquinho da Fonseca –, o outro com vinte e um – o autor destas linhas.

(SIMÕES, 1977: 152)

Outro dado marcante da missiva é a expressão da amizade ("eterna amizade") que unia Telles Machado, Raul Leal e Fernando Pessoa. Já o facto de a carta para Leal ter sido enviada ao cuidado do poeta dos heterónimos e de este ter servido de intermediário para a entrega do número da *Tríptico* e para o anúncio da própria carta são factores que definem o grau de proximidade entre os três. Além disso, leia-se a expressão que caracteriza a conclusão da carta: "Escreva-me de suas novas e diga-me as suas interessantes obras, já que não podemos trocar impressões no nosso canto do Martinho, em que os 3 estávamos sempre bem longe de Lisboa e por vezes bem perto de nós". Pessoa, elo de ligação indispensável na relação entre Telles Machado e Leal, aparece evocado na lembrança dos momentos vividos juntos³ que, na sua expressão, quase parece antecipar os versos com que Álvaro de Campos fechará o seu poema *Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra*, datado 11-5-1928:

Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,
Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim...

Essa Lisboa em que os três partilharam os momentos relembrados é comparada (negativamente) por Telles Machado com a Coimbra em que vive, com "o seu ambiente tão cheio de Passado e de Alem", os seus "arredores que são uma maravilha para mim", as suas "pequenas serras", esse cenário natural que tem "qualquer coisa de grande". Um contexto que lhe permite concentrar o seu esforço e não se dispersar, como aconteceria na capital, "que tanta honra tem na sua fama de pseudo-grande-cidade", mas que, na sua opinião, "Não é grande nem cidade senão na Alma desconhecida do seu Povo".⁴

Aliás, o parágrafo em que Telles Machado expressa a sintonia entre o ambiente de Coimbra e a sua intenção de "trabalhar e beber Deus n'um cantico do

³ Conforme informa José BARRETO, "Existe uma foto de Fernando Pessoa com Utra Machado na Rua Augusta, ambos de gabardine, chapéu e papillon" (2016: 695).

⁴ Nas outras cartas ou rascunhos aqui apresentados figuram outras referências negativas a Lisboa – por parte quer de Raul Leal, quer de João Gaspar Simões – em relação à mesquinhez do seu ambiente cultural, como veremos a seguir.

meu Egotismo cada vez mais feroz” revela certo grau de parença entre o estilo do autor e o de Raul Leal, quer na complexidade da sintaxe, no uso enfático das maiúsculas e nas indecisões ortográficas, quer na tendência para o mito e a espiritualização:

Coimbra para quem não esteja núma phase de “montée” vers Dieu en-Soi, pode ser que Romantise isto e Decadentise d’uma maneira media e burg[u]ezmente chata o Eu, mas para mim que com as Mãos Promethaicas do Instincto abraço Deus no seu ambiente tão cheio de Passado e de Alem, concentra-me o meu esforço para dentro de mim e não me disperso tanto como n’essa Lisbôa que tanta honra tem na sua fama de pseudo-grande-cidade.

Esta tendência aflora também na colaboração poética de Alberto de Telles Machado na *Tríptico*, por exemplo no poema *Sol*, publicado no n.º 1 (1 de abril de 1924), que se conclui com a exortação sincrética ao deus egípcio: “Gloria a Ammon-Râ!”

O corpus principal, dentro do conjunto de documentos que é objeto deste artigo, diz respeito à correspondência entre Raul Leal e João Gaspar Simões, embora, mais do que um diálogo completo, estejam disponíveis peças isoladas da relação epistolar entre os dois. O crítico de Figueira da Foz dedicou ao autor de *Sodoma divinizada* um capítulo do seu livro *Retratos de poetas que conheci*, publicado em 1974, reconhecendo de forma explícita a grande honra de ter encontrado “a fama, a glória, do seu incompreendido génio – incompreendido e malogrado, reconheçamo-lo” (SIMÕES, 1974: 160).

O antigo diretor da *Presença* lembra ter conhecido Raul Leal por volta de 1932, na altura do *I Salão dos Independentes*, na mesma ocasião em que também conheceu Fernando Pessoa, em circunstâncias que não recorda: “Recordo sim – como esquecê-la? – a figura desse quase vagabundo, ele que fora um *dandy* [...] Raul Leal, que, por debaixo das roupas quase andrajosas, continuava um *gentleman*” (SIMÕES, 1974: 138). O autor das memórias sublinha como, nessa altura, Leal – que conhecera uma glória efémera e escandalosa em 1922, por causa da polémica que o envolvera, junto com Fernando Pessoa, contra os moralistas que atacaram as *Canções* de António Botto – “estava virtualmente «morto»” ou, quando muito, “sobrevivia a si mesmo «como um fósforo apagado», parafraseando Alvaro de Campos” (SIMÕES, 1974: 143, 137), esquecido por todos, até pelos antigos companheiros na aventura do *Orpheu*.

Foi a *Presença*, e particularmente José Régio – continua Simões – quem o lembrou fazendo com que ele ressuscitasse⁵ graças à publicação de “algumas das suas mais importantes páginas, se é lícito chamar «importantes» a páginas em que o génio vive paredes meias com a loucura” (SIMÕES, 1974: 143). Para Simões, de

⁵ Acrescenta Simões: “se é que alguma vez chegara a estar vivo como escritor, que, aliás, não era escritor que Raul Leal pretendia ser, mas profeta, nada mais, nada menos, que Henoch!” (SIMÕES, 1974: 137).

facto, Raul Leal era “o mais ardente lábaro desse quinhão de loucura” (SIMÕES, 1974: 136) que caracterizou alguns dos protagonistas do grupo de *Orpheu*, uma loucura que, contudo, não era capaz – na opinião do crítico – de diminuir a importância da sua presença intelectual e humana no panorama literário português, porque era a loucura de um génio, “a loucura que paira como uma auréola na fronte iluminada dos místicos, a loucura que atinge os fundadores de religiões” (SIMÕES, 1974: 156). Os homens da *Presença* foram capazes de receber e difundir o discurso lealino sem o compreender inteiramente, já que “Raul Leal vivia num plano onde muito dificilmente o poderíamos acompanhar, fosse qual fosse o esforço de compreensão que para isso fizéssemos [...] Porque, desde sempre, Raul Leal *vivera* segundo leis alheias à nossa compreensão, pelo menos alheias à minha compreensão”, refere Simões (1974: 139). A lógica de Raul Leal era “a lógica de alguém que sobrepõe à argumentação racional a intuição visionária, o arroubo de iluminado”, de quem fala “como um possesso, um mago, um vidente” (140); a sua ética era a de “um místico do mal, um aliado de Satã”, de alguém para quem “tão divino era o bem como divino era o mal” (141). Este último comentário demonstra a compreensão incompleta de Leal, por parte de Simões, já que talvez a figura de Satã para Leal fosse menos simbólica de mal do que de heterodoxia.

Naturalmente, Simões dirigia-se a Leal para pedir-lhe colaboração para a *Presença*. As contribuições lealinas destinadas à folha coimbrã não eram de fácil gestão para a redação, já que, segundo lembra o autor de *Retratos de poetas que conheci*:

[Leal] enviava-nos obras infinitas – trechos dramáticos de centenas de páginas, trechos filosóficos sem fim, novelas «vertigicas» de uma alucinante extensão, tudo nervosamente rabiscado, e igualmente infinito. As últimas páginas que dele recebi empenhavam-se em denegrir a humanidade inteira para apenas exaltarem a lealdade, a generosidade, a camaradagem, a pureza de alma dos melhores dos seus amigos: os *boxeurs* sem *rings*.

(SIMÕES, 1974: 144)

As amarguras da sua condição de intelectual isolado; as conjuras que ele via a ser montadas contra si por parte dos seus múltiplos inimigos; a exaltação das atitudes nobres dos poucos amigos nos quais podia (ou pudera) contar ao longo da sua vida atormentada; a crítica acerada ao meio intelectual português e a vontade de abandonar o país; as preocupações que derivavam desta situação, relativamente ao futuro da sua grande Obra; estes temas surgem repetidamente nas cartas de Raul Leal, juntamente com os efeitos práticos e materiais desta sua condição existencial.

Desde o fragmento de rascunho que, de forma conjecturada, estabelecemos como possivelmente preparatório de uma carta para João Gaspar Simões de dezembro de 1936⁶, encontramos a declaração da prioridade absoluta que Leal

⁶ Cf. a nota 1 à transcrição deste rascunho.

confere à conclusão e à divulgação da sua obra “que há de iluminar o Futuro criando uma nova humanidade”, que dará ao mundo “uma nova crença, um novo poder, uma nova espiritualidade”. Contudo, ao lado da expressão desta aspiração máxima, Leal diz estar “farto de esgrimir com inimigos invésíveis” e deseja que estes venham à luz do dia para o atacar violentamente de frente; desta forma, ninguém poderá acusá-lo de mania de perseguição, enquanto ele tem certeza de que “processos tenebraes, reles, cobardes” estão a ser empregados contra a sua pessoa.

Na carta que supomos ser a resposta à epístola de Leal, resultante do referido rascunho, João Gaspar Simões expressa a sua perplexidade em relação às calúnias denunciadas pelo autor da *Liberdade transcendente*, declarando não conhecer nenhuma espécie de campanha contra ele e confiando na sua dedicação ao trabalho para que ele sobreviva num país em que existem “torpezas mesquinhas ou sórdidas tipo Brasileira do Chiado”. Aliás, o famoso café dos intelectuais é várias vezes citado como local que é preferível não frequentar porque associado à hipocrisia dos homens que lá costumavam reunir-se: sempre Simões, na carta de 28 de novembro de 1939, escreve “Do Botto e da gente da Brasileira fala você com razão às carradas. De há muito que deixei de frequentar a Brasileira e de há muito que o Botto é para mim aquele que de facto é – um belo artista, mas um torpe character”. Raul Leal, na carta para Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949, refere-se a “certas qualidades vis dos portugueses”, e acrescenta: “Por isso, enojado, não vou nunca ou quasi nunca ao antro deles: a Brasileira do Chiado aonde também o Fernando Pessoa nunca queria ir. Por isso, fazíamos vida apárte”.

Se no referido fragmento Leal fala em “inimigos invésíveis”, na carta para Serpa que acabámos de citar o seu protesto é, pelo contrário, muito direto e circunstancial. O escritor declara-se indignadíssimo por ter sido abandonado por aqueles que se diziam seus amigos, aquando da apresentação do filme “ocultista” *Mistérios da vida*⁷ que esteve a seu cargo, no Tivoli, na sessão organizada pelo Jardim Universitário de Belas Artes (JUBA). Raul Leal fora encarregado da dita apresentação por Guilherme Filipe – que já vimos como integrante do grupo de direção da revista *Tríptico* – definido por Leal como “o unico Artista que depois de Fernando Pessoa se tem mostrado sinceramente meu amigo neste meio reles, porco de Lisboa e arredores”. O autor da carta denuncia certos “entes viperinos” que “viscosamente se introduziram” no JUBA para “desfazer qualquer alta influencia que por ventura eu podesse alcançar com as minhas intervenções de Iluminador”; uma “fauna” que, diz Leal, é muito frequente em Lisboa e provavelmente também no Porto, sendo uma qualidade de certos portugueses o saberem ser simultaneamente grandes e abjetos, habitantes ideais desse “santo Portugal de

⁷ O filme americano, cujo título original é *Flesh and Fantasy*, dirigido pelo realizador francês Julien Duvivier e com Charles Boyer e Barbara Stanwyck como atores principais, estreara-se mundialmente em 1943.

rufias e prostitutas”, desse país que o escritor e mago Aleister Crowley aconselhara Raul Leal a abandonar por ser um meio demasiado pequeno para ele. O que sobretudo parece revoltar Raul Leal não é a reação fria do público à sua apresentação – Leal é consciente do elitismo do seu discurso e admite que “muito fizeram eles em não me atirarem batatas” – mas sim o facto de não ter aparecido à sessão “nenhum daqueles que se diziam meus amigos e admiradores”, nem os intelectuais sobreviventes do grupo do *Orpheu*, nem os da *Presença*, nem os “simpatizantes varios das tendencias modernistas e ultramodernistas”. E indica uma lista de nomes de pessoas que ele esperava terem vindo para o ouvirem e apoiarem: “Almada, Alfredo Guisado, João Gaspar Simões, Antonio Navarro que tanto meu amigo se fazia, Mario Saa, Ferreira Gomes, Abel Manta e tantos outros, conhecidos e não conhecidos, sumiram-se pelo chão abaixo”. Perante esta ignorância e este abandono, Raul Leal preocupa-se pelo futuro da sua Obra – “que tantos esforços e tantos sacrificios me tem imposto” – pelo destino dos seus muitos manuscritos inéditos, já que “Aqui, todos se isolam de mim, procurando premeditadamente apagar toda a minha influencia, inutilisar por completo os meus esforços geniaes, afundar-me inteiramente num olvido absoluto de modo que eu seja apenas uma sombra que passou e se esvaiu, perdendo-se na Imensidade”.

Leal suspeita que uma intriga – “muita reles, porca intriga!” – o impedira de publicar o livro *Plano de Salvação do Mundo* pela editora Portugália, do Porto, que desistira da publicação quando um terço da obra estava já composto por razões que o autor não aceitara. Ele, que em 1949 sente cada vez mais perto de si “os passos angustos da Morte”, vê a sua Obra – e a sua Alma que nela vive – “perdida para sempre, tornando-se uma palavra vã o *Paracletianismo* que eu queria que fosse o Animador do Futuro. Estou só, absolutamente só perante um Destino sombrio que consome as Maiores Existencias!”.

Perante esta solidão, esta “ausencia absoluta de camaradagem”, Raul Leal evoca, mais do que uma vez, a que parece ter sido uma das poucas grandes satisfações da sua vida. Refere-se a quando, tendo sido atacado por “falsos moralistas e falsos católicos” por causa da publicação de *Sodoma divinizada*, “uma unica voz se ergueu em minha defeza para afugentar a matilha que me perseguia de todos os lados: a de Fernando Pessoa, o meu Grande, o meu Unico Amigo que altivamente, duma forma brilhantissima, chicoteou os meus inumeros inimigos” e o ergueu aos astros⁸. E depois de citar as frases que o seu Grande Amigo lhe dedicara no texto *Sobre um Manifesto de Estudantes*, Leal acrescenta que Pessoa assim falou “como jamais falára em defeza, fosse de quem fosse!”

⁸ Além de o fazer na carta a Alberto de Serpa, Leal cita orgulhosamente a atitude de Pessoa em sua defesa na carta a João Gaspar Simões de 23 e 24 de julho de 1950, para desmentir as motivações que Simões atribuirá à posição de Pessoa, como se verá em breve.

Juntavam-se a estes problemas existenciais as dificuldades económicas derivantes do facto de ter desbaratado a fortuna herdada do pai, que afligiam a vida de Raul Leal e que o levavam a pedir ajuda às pessoas com quem mais se relacionava. Do início da carta de João Gaspar Simões de 28 de novembro de 1939 – “Gostei muito de saber notícias suas. Infelizmente vejo que a sua situação material não é boa” – depreende-se que o autor de *Sodoma divinizada* se tinha dirigido ao diretor da *Presença* na esperança que este lhe conseguisse alguma colaboração paga em revistas brasileiras ou, ainda melhor, um emprego na Imprensa Nacional, onde Simões trabalhava. A resposta deste não é positiva: quanto à última hipótese seria preciso esperar por uma anunciada reorganização administrativa daquela casa, antes da qual não seria possível admitir novo pessoal.

Quanto à possibilidade de publicar artigos pagos em periódicos culturais de além-oceano, a resposta de Simões é interessante porque testemunha das relações entre a *Presença* – e este diretor em particular – e as revistas brasileiras. Como é sabido, a partir de 1932 – isto é, depois da entrada de Adolfo Casais Monteiro na direção da revista – a *Fôlha de Arte e Crítica* foi atenta às expressões literárias do grande país de língua portuguesa e estabeleceu contactos com algumas revistas brasileiras⁹ entre as quais, porém, não se regista a *Revista do Brasil* a que se refere João Gaspar Simões como sendo “A única revista onde tenho publicado artigos pagos” e para a qual, segundo informa o autor da carta, Alberto de Serpa servia de intermediário. Além de referir que as vantagens económicas de uma eventual colaboração seriam escassas – “só de ano a ano daqui se podem receber uns 100.00!” – Simões lamenta o facto de ser pouco considerado pelas empresas jornalísticas do Brasil e queixa-se da maneira de proceder de outra revista, a *D. Casmurro*, a qual “recorta artigos meus e de outros escritores portugueses dos jornais ou revistas onde foram publicados e insere-os com o subtítulo pomposamente abusivo (*Especial para D. Casmurro*)”. Aliás, esta prática fora já denunciada por Adolfo Casais Monteiro na nota intitulada “Estado presente do intercâmbio intelectual Luso Brasileiro”, publicada no segmento “Comentário” do n.º 53-54 da *Presença* (novembro de 1938), em que, mesmo destacando uma recente, renovada atenção para com as recíprocas produções literárias, o crítico observava que no Brasil se limitavam a publicar transcrições de revistas e jornais portugueses. João Gaspar Simões, nesta carta particular para Raul Leal, vai um pouco mais longe na sua crítica à atitude dos brasileiros, afirmando:

⁹ A este propósito tive a oportunidade de apresentar no Congresso Internacional *Revista presença: 90 anos depois* (organizado pelo CLEPUL - Centro de Literaturas e Culturas Lusófonas e Europeias da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e pelo CER – Centro de Estudos Regianos de Vila do Conde, e realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa a 9 e 10 de maio de 2017) a comunicação intitulada “A presença do Brasil na *presença*”, que será publicada no próximo número da revista *Estudos Regianos*, a sair em 2018.

Como vê, os brasileiros são bem nossos filhos – nêles refinaram os nossos próprios defeitos. Para êles a literatura continua a ser uma mania de uns sujeitos maníacos que é legítimo explorar. Exactamente como cá se diz que não é roubo roubar o Estado, lá e cá não se considera roubo roubar os escritores. Temos de ser roubados e fazer outra coisa se não queremos morrer de fome.

Contudo, a carta de 18 de junho de 1940 testemunha da tentativa feita para publicar um artigo de Raul Leal na *Revista do Brasil* que, porém, nessa altura, não tinha aparecido. Sempre desta carta deriva a informação de que Leal pedira a João Gaspar Simões o contato de Gastão de Bettencourt, que trabalhava no Secretariado da Propaganda Nacional, não se sabe se para arranjar emprego nessa instituição ou se por outra razão.

As cartas de João Gaspar Simões também dão testemunho de dois importantes momentos da história da *Presença*: a 28 de novembro de 1939, o diretor-fundador da revista escrevia a Raul Leal:

A *Presença* vai sair breve com novo formato e novas esperanças... Quere você dar-nos colaboração para ela? Contamos que de futuro fique a sair de dois em dois meses, devendo o primeiro número aparecer ainda êste mês. A sua colaboração poderia destinar-se ao número de Janeiro. Se puder ser, preferimos que nos mande um trecho completo – não fragmentos – o qual pode ser relativamente grande, pois a *Presença* sai agora em formato de livro – livro grande – mas com mais páginas.

De facto, os primeiros sintomas de uma crise tangível na *Fôlha de Arte e Crítica* levaram a uma tentativa de renovação da revista, que iniciou uma segunda série nesse novembro de 1939, alterando o formato e o grafismo; os diretores permaneceram, mas a eles se juntou um secretário, Alberto de Serpa. Apesar das esperanças, a segunda série da *Presença* só durou dois números, o segundo dos quais saiu em fevereiro de 1940. A carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 18 de junho atesta os momentos finais da vida do periódico, com um comentário em que Simões liga a suspensão (definitiva) da *Presença* a outros, mais graves, sinais da crise que dilacerava o mundo nesses meses:

Realmente há desinteligencias na *Presença*. Houve que suspender, pelo menos por agora, a sua publicação. Oxalá que a loucura que vai pelo mundo – esse ódio ao individualismo, como você muito bem diz – não acabe de vez com os últimos luzeiros do espírito. A *Presença* parece ter suspenso a sua publicação no momento mais trágico da história do espírito humano: essa suspensão é sintomática.

As desinteligências a que se refere o diretor da revista eram as que ele próprio mantinha com outro diretor, Adolfo Casais Monteiro. Em desacordo com um artigo de Simões, publicado no nº 2 da segunda série (“Diálogos Inúteis”), Casais Monteiro enviou à *Presença* um texto onde atacava Gaspar Simões, definindo-o como um “idealista ingênuo”. José Régio recusou-se a publicar esta

resposta de Casais Monteiro: abriu-se assim o caminho para a cisão definitiva. Gaspar Simões ainda propôs a continuação da revista sem aquele que, em último lugar, se tinha agregado à sua direção; mas os tempos tinham mudado e Régio já não estava disposto a enfrentar uma nova fase de uma revista que tinha, de facto, chegado ao fim. Nem *A divinização da Carne*, nem *Deus e Luxúria*, nem a página de memórias – trechos de Raul Leal que João Gaspar Simões diz ter na sua posse (o último dos quais iria para a *Presença*) – seriam publicados na folha coimbrã.

Nas suas cartas, Raul Leal teve a oportunidade de expressar a sua consideração a respeito da produção crítica de João Gaspar Simões. Como se pode ler, nem sempre a avaliação do trabalho do fundador da *Presença* foi positiva e isenta de críticas. Em 1938, aquando da publicação do livro de ensaios *Novos temas*, Leal expressa a sua gratidão pela oferta do exemplar que acabara de receber e dedica ao seu autor palavras muito elogiosas em que o seu espírito crítico é reconhecido como perfeitamente integrado no “génio português”. Para Leal, esta era uma característica nacional que Simões partilhava – aplicando-a embora de forma diferente – com os “poetas portugueses dos ultimos 50 ou 60 anos”: ou seja, quer os poetas (através da emoção), quer o crítico (através da sua inteligência) têm para Leal a capacidade de arrancar do subconsciente humano elementos confusos e obscuros do mundo anímico, da vida psíquica, para dar-lhes uma expressão capaz de ser comunicada; expressão emotiva em forma de versos, no primeiro caso, expressão clara, subtil e iluminante, no discurso crítico de João Gaspar Simões.

O tom muda onze anos depois, quando Raul Leal, escrevendo a Alberto de Serpa a 1 de dezembro de 1949, se declara indignado por causa de um artigo de João Gaspar Simões publicado na véspera no *Diário Popular*, intitulado “No aniversário da morte de Fernando Pessoa”. Como foi explicado no início deste ensaio, a carta para Alberto de Serpa foi aqui convocada – e, consequentemente, apensa a este conjunto documental – pela anotação que o próprio Leal acrescentou no fim de umas folhas de apontamentos, presentes na coleção de manuscritos de Fernando Távora, em que – como se depreende pela anotação – ele transcreveu “trechos por vezes modificados e truncados da carta ao Alberto de S[erpa]”. Graças à colaboração de Ricardo Vasconcelos, foi possível verificar: 1) que o nome escrito por Raul Leal na sua anotação era, de facto, Alberto de Serpa; 2) que a carta mencionada era a de 1 de dezembro de 1949, presente na coleção de manuscritos reunida pelo destinatário, conservada na Biblioteca Pública Municipal do Porto. O texto integral da carta permite contextualizar e melhor definir o significado dos trechos transcritos por Raul Leal nas suas folhas (em que utiliza muitas abreviaturas) possivelmente para utilizar o seu conteúdo em algum ensaio dedicado a Fernando Pessoa e à construção heteronímica. Sobretudo, o texto da carta revela que as ideias transcritas nas folhas de apontamentos tinham sido escritas para refutar as opiniões expressas por João Gaspar Simões no citado artigo publicado a 30 de novembro de 1949, definido como “absolutamente

achincalhante”, em que o crítico, através de “pontos de vista absurdos”, demonstrara uma “falta de respeito absoluta pela Memória que para todos deve ser sagrada, do meu Grande Amigo”, que é por ele “completamente incompreendido”.

Em primeiro lugar, Leal declara não aceitar que o mesmo crítico que fala, a propósito da heteronímia de Fernando Pessoa – “aliás muito fóra de proposito, como vou mostrar” – “da transmutação alquímica da personalidade em outras personalidades”, fale também, “então contraditoriamente, *duma formidável mistificação* quando Fernando Pessoa assina os seus escritos mais agressivos e irritantes com o heterónimo de Alvaro de Campos”. João Gaspar Simões, no seu artigo, tinha escrito:

Possuíam Goethe e Fernando Pessoa o segredo da Verdade Primeira? [...] Que a não possuía Goethe, *Fausto* o comprova, vendendo a sua alma ao diabo. Que Fernando Pessoa a não possuía, a sua obra de poeta o diz, obra essa em si mesma “caminho alquímico”, transmutação da personalidade em outras personalidades, através das quais, de espiritualização em espiritualização, alcançaria um dia a fusão com o Ente Supremo, com o Absoluto.

(SIMÕES, 1949: 4)

E antes disto, para justificar o facto de Fernando Pessoa ser, para a maioria das pessoas que lidava com ele, um modesto “correspondente estrangeiro”, ignorando eles de que se tratava de “o maior poeta português que ainda viera ao Mundo nesta pátria de poetas de Antero e João de Deus para cá”, o crítico explicara:

Por que não fixaram os lisboetas o nome de Fernando Pessoa? Pela razão extraordinariamente simples de que o nome de Fernando Pessoa não comparecia nestes desregramentos voluntários da sua personalidade naturalmente “desponderada”. Não foi Fernando Pessoa quem escreveu a *Ode Triunfal* do primeiro numero do *Orpheu*, tão pouco foi ele quem assinou o *Ultimatum* ou quem dirigiu a explosiva carta ao director de *A Capital* –, o autor de todas estas irritantíssimas mistificações fora um tal Alvaro de Campos, engenheiro naval formado em Glasgow, que, segundo a opinião do seu íntimo amigo Fernando Pessoa, costumava embriagar-se de quando em vez...

E, assim, se descobre parte do véu que esconde o enigma da obscuridade paradoxal deste formidável mistificador que foi o modesto “correspondente estrangeiro” da praça de Lisboa.

(SIMÕES, 1949: 4)

Raul Leal não aceita esta interpretação da heteronímia, neste caso aplicada à figura de Álvaro de Campos. Sobretudo, não admite a teoria segundo a qual a referida mistificação se explica pela eventual necessidade de Fernando Pessoa de se esconder detrás de outra personalidade, de se ocultar utilizando o nome do engenheiro naval quando queria tomar atitudes pessoais fortes ou escrever de forma mais agressiva. Esse “ser franzino” – escreve Leal citando implicitamente e

ironicamente o artigo em que Simões por duas vezes apelidara Pessoa de tal forma – não precisava “esconder-se cobardemente por detraz de *pseudonimos* – que então seriam verdadeiros *pseudonimos* – quando pretendia mostrar arrogancia e agressividade”. A prova era – lembra mais uma vez Leal – o “arrojo intelectual – se não físico – verdadeiramente espantoso” demonstrado atravez do manifesto publicado em sua defesa e “assinado por Fernando Pessoa, *propriamente Fernando Pessoa*, não, é claro, por Alvaro de Campos”. Portanto, explica o autor de *Sodoma divinizada*:

A razão por que as Odes orfaicas e o Ultimatum têm a assinatura de Alvaro de Campos é *profundamente psicologica*, não sendo por cobardia moral nem para mistificar o publico que Fernando Pessoa assinou essas obras com esse nome que não era o dele *mas que também não era um simples pseudonimo*.

Raul Leal explica Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis como sendo “tres personalidades distintas entre si e de Fernando Pessoa que as criou [...] todas tres descendentes directas de Fernando Pessoa que nelas vive certos aspetos psiquicos, assim personificados, dele proprio que era um ser complexo, contraditorio”. E voltando aos escritos assinados pelo engenheiro naval formado em Glasgow, esclarece:

A razão do emprego de tal heteronimo é, pois, de facto, profundamente psicologica, derivando da circunstancia de Alvaro de Campos ser a personalidade, saída de Fernando Pessoa, que se exprime precisamente nos escritos que trazem a sua assinatura e que não podiam pois, trazer outras. E Fernando Pessoa nesses escritos sente-se Alvaro de Campos, vive-se *substancialmente* como tal, não se tratando, portanto, duma personalidade que ele estudasse objetivamente *de fóra* como quaesquer personagens de romance ou peça teatral, tendo, assim, o parvo do Augusto da Costa mostrado uma absoluta, uma absurda incompreensão quando comparou Alvaro de Campos, Caeiro e Ricardo Reis com os personagens de Eça que os tratou objetivamente *de fóra*, não os vivendo substancialmente, subjetivamente como Fernando Pessoa viveu os seus fantasmas em que se transfigura, tornando-se eles proprios.

Na mesma linha de pensamento, Raul Leal escreverá em 1959, na segunda parte do artigo “As tendências orfaicas e o saudosismo”, publicada no n.º 7 da revista *Tempo Presente*:

Mesmo as *Odes* de Fernando Pessoa, assinadas com o heterónimo de Álvaro de Campos, uma das personalidades distintas surgidas no espírito criador do Génio (tratando-se do mesmo modo que Caeiro e Ricardo Reis, de uma *verdadeira personalidade fantásmica* em que Fernando Pessoa se integrava absolutamente, que vivia integralmente, *que substancialmente se tornava*, criando-a *metapsiquicamente* em si próprio e não se tratando, pois, dum simples produto *objectivado* de imaginação e análise moldado *fora* do seu criador à maneira do Primo Basílio, Conselheiro Acácio ou Pacheco, com os quais, porém, Álvaro de Campos, Caeiro e Ricardo Reis foram para aí comparados por um crítico idiota) [...]

(LEAL, 1959b: 42)

Mesmo reconhecendo a boa-fé de João Gaspar Simões, “que pretendeu elogiar Fernando Pessoa sem saber elogiá-lo e ridicularizando-o até mesmo, ainda que involuntariamente” – distinguindo-o nisto de Alfredo Pimenta, que chamara Pessoa de “mistificador”, sendo por isso violentamente atacado na obra *Paracletianismo* – o que aqui Raul Leal coloca em causa é o problema da interpretação da “sinceridade” pessoana por parte dos presencistas. Embora tivessem sido os primeiros a atribuir a Fernando Pessoa o estatuto de mestre do modernismo português, os teóricos da folha coimbrã tinham na suposta tendência pessoana para a mistificação um motivo de menor sintonia com Pessoa. O próprio José Régio teve a oportunidade de escrever em 1946:

persiste em Fernando Pessoa muito de mero talento de assimilador, muito de mero gosto da mistificação, muito de mero virtuosismo literário, para que esse seu gongorismo intelectual e verbal algumas vezes não desvirtue a sua obra, atingindo-a quer no seu poder de comunicação, quer na sua verdadeira qualidade poética e humana (RÉGIO, 1994: 248).

O agastamento de Raul Leal em relação ao artigo publicado por João Gaspar Simões tem também a ver com a reconstrução de alguns detalhes biográficos pessoanos ligados à sua profissão de correspondente estrangeiro. O crítico tinha escrito:

Alguns dos seus patrões – vivia Fernando Pessoa, como é sabido, da profissão que a si próprio se deu de “correspondente estrangeiro em casas comerciais” –, alguns daqueles que lhe davam as suas cartas estrangeiras a redigir ignoravam completamente que aquele senhor franzino, de óculos de aro de ouro, bigode à americana e modos tímidos, escrevia versos e era em verdade apreciado, numa roda de gente moça, dentro e fora de Lisboa, como o maior poeta português que ainda viera ao Mundo nesta pátria de poetas de Antero e João de Deus para cá. [...] É certo que entre os seus patrões alguns houve, mais ilustrados e perspicazes, que se deram conta de que alguma coisa de *anormal* havia no modesto “correspondente estrangeiro” que a certas horas vinha sentar-se em frente da máquina de escrever onde rapidamente passava a inglês ou a francês a minuta da carta que encontrara em cima da mesa. Tinha acontecido já que de Londres ou Liverpool perguntassem, surpreendidos, quem era o autor das cartas comerciais escritas em inglês *isabeliano* que de Lisboa lhes eram dirigidas.

(SIMÕES, 1949: 4)

Raul Leal, além de não tolerar o emprego da palavra “patrões” – “essa designação referente ao Génio irrita-me os nervos” – desmente a informação dada por Simões afirmando que “nenhum deles ignorava que tinha ao seu serviço um poeta e um escritor muito admirado nos meios intelectuais e artísticos”. Embora não compreendessem a sua literatura (e talvez nem o lessem), “tinham por ele a consideração que é devida a um grande escritor”. O autor de “No aniversário da morte de Fernando Pessoa” é também censurado por Leal a propósito da avaliação

do estilo das cartas comerciais escritas em inglês. Gaspar Simões aplicara à escrita das ditas cartas o rótulo atribuído ao registo estilístico usado nos *English poems*, talvez antecipando certa tendência para a “biografia romanceada”, sublinhada por Eduardo Freitas da Costa a propósito da *Vida e obra de Fernando Pessoa* do ano seguinte. Raul Leal tem muitas dúvidas quanto ao suposto estilo *isabeliano* das cartas comerciais escritas pelo seu Grande Amigo:

Que na Grã Bretanha afirmavam que os poemas ingleses de Fernando Pessoa tinham o estilo do tempo de Isabel e, portanto, quinhentista, sei-o bem, e Alleister Crowley que já citei, afirmava-o igualmente, mas que as cartas comerciais fossem escritas com o mesmo purismo classico, no mesmo estilo isabeliano, é que não posso crêr visto Fernando Pessoa possuir em portuguez varios estilos, cada um deles adaptado áquilo de que queria tratar, e á maneira como pretendia tratar de qualquer assunto, sendo muito escrupuloso – como Grande Artista que era – na escolha do estilo apropriado e não sendo, pois, crível que em inglez procedesse de modo diferente a ponto de escrever cartas comerciais em puro estilo classico. Isso é, com certeza, fantasia e se não o fosse, seria um contrasenso.

Mas Raul Leal deixa para o fim da sua carta a Alberto de Serpa a denúncia do “maior absurdo do artigo”, que diz respeito à já citada interpretação da despersonalização pessoana como “caminho alquímico” em que, num percurso de progressiva espiritualização, Fernando Pessoa procuraria alcançar a “fusão com o Ente Supremo, com o Absoluto”. O autor da *Liberdade transcendente* vira do avesso a exegese simoniana afirmando que esse caminho “não é nada espiritualizador, aperfeiçoador, sublimador, purificante como devia ser se fosse, na verdade, alquímico”. Ao contrário, a transmutação de personalidade em personalidade representa uma *queda*, sendo Álvaro de Campos, Alberto Caeiro e Ricardo Reis “personalidades muito mais terrenas, menos sublimadas do que a de Fernando Pessoa *enquanto que propriamente Fernando Pessoa*”. É uma involução que tem um significado dramaticamente humano, é uma fuga “da vida espiritual para a vida de sensações terrenas de que a natureza humana não pode prescindir, por mais asceta que se queira ser”. O “Grande Drama Humano de Fernando Pessoa”, explica Leal, é a constante e angustiante tensão entre a tendência espiritualista – não perfeitamente alcançada, porque as personalidades humanas, ainda “imperfeitas, impuras, por muito altas que sejam [...] apenas entram no limiar do Espirito puro” – e a descida para a vida terrena,

num movimento assim oscilante cheio de angustia, cheio de ancias sempre terrivelmente insatisfeitas por só encontrarem imperfeições quer no seu Mundo de Espirito que ainda não é Vertigem de Além, quer no Mundo terrestre onde tantas vezes se precipitam desvairadamente para só se conspurcarem com as suas impurezas.

Para Leal, o que torna ainda maior o drama humano de Fernando Pessoa é que o “erotismo estupendo”, através do qual ele “vivía a vida terrestre de sensações convulsivas, torrencias, espasmodicas – as que genialmente exprimia

nas Odes de Alvaro de Campos, feitas dum masoquismo terrível e despedaçador”, esse erotismo era só mental, não era “exteriormente carnalisado” e, portanto, não podia satisfazê-lo “não tanto pelo que tem de impuro, mas sobretudo pelo que tem de irreal”. Fernando Pessoa vivia assim – na interpretação de Raul Leal – “num horrível retraimento masturbador que o enchia de perene angustia”, condenado a permanecer “um ser intermédio, vivendo convulsivamente entre o Espírito e a Carne, sempre dentro dele próprio, num hermetismo fechado que lhe era extremamente doloroso”, porque o seu “furor íntimo” era “sempre terrivelmente comprimido sem nunca se libertar na vertigem dos sentidos, no delírio da carne”.

Num artigo escrito em novembro de 1961 publicado no *Diário da Manhã* a 9 de dezembro do mesmo ano, intitulado “A monadologia discriminatória de Fernando Pessoa”, Raul Leal defende a mesma ideia, sublinhando também a diferença entre a atitude do seu Grande Amigo e a sua própria, a de quem procurava atingir através da Luxúria uma fusão mística com o Absoluto, como explicara em *Sodoma divinizada*:

Por isso ele [Fernando Pessoa] separa completamente a vida carnal da vida espiritual, não admitindo a sua fusão, não admitindo, pois, a espiritualizadora sublimação da carnalidade pura que eu defendo, concebendo uma verdadeira Carne-Espírito ou Vida Carnal Divinizada como alta expressão do Furor ou Fogo aniquilantemente Criativo, diabòlicamente Divino, de que falo nas minhas obras theometafísicas e nos meus poemas profundamente místicos ou ascéticos.

(LEAL, 1970: 34)

É interessante notar como oito meses mais tarde, escrevendo diretamente a João Gaspar Simões para agradecer a oferta do seu *Vida e obra de Fernando Pessoa* e lhe dedicar um breve comentário na carta que é já conhecida, Raul Leal tenha criticado a excessiva utilização no seu discurso crítico de “processos freudistas ou super-realistas”. Curiosamente, Simões recebera o mesmo tipo de crítica por parte de Fernando Pessoa, na carta que este lhe enviara a 11 de dezembro de 1931, a propósito do livro *O mistério da poesia* (cf. PESSOA, 1998: 172-182). Pessoa escreveu: “Entre os guias que o induziram no relativo labirinto para que entrou, parece-me que posso destacar o Freud, entendendo por Freud ele e os seus seguidores”. Apesar de achar Freud “um homem de génio, creador de um critério psychologico original e attrahente”, Pessoa achava que o éxito do freudismo era devido principalmente ao facto de o seu critério assentar:

numa interpretação sexual. Isto dá azo a que se possam escrever, a título de obras de sciencia (que por vezes, de facto, são), livros absolutamente obscenos, e que se possam “interpretar” (em geral sem razão nenhuma critica) artistas e escriptores passados e presentes num sentido degradante e Brasileira do Chiado [cf. *supra*] – assim ministrando masturbações psychicas á vasta rede de onanismos de que parece formar-se a mentalidade civilizacional contemporanea.

O poeta dos heterónimos considerava o freudismo um “systema imperfeito, estreito e utilíssimo”, estreito se, através dele, tudo é reduzido à sexualidade. Se o próprio Pessoa reconhecia a Freud o mérito de ter chamado a atenção para a sexualidade – “cuja importancia havia sido, por diversos motivos, diminuída ou desconhecida anteriormente” – declarava ao mesmo tempo ter-se interessado muito pouco pela sexualidade, própria ou alheia, e não ter precisado de Freud para chegar às conclusões mais interessantes do seu sistema.

O mesmo Raul Leal que, escrevendo a Alberto de Serpa a propósito do drama humano de Fernando Pessoa, evocara as suas pulsões sexuais reprimidas ou mentalizadas, na carta de julho de 1950 critica Simões por ter procurado, no seu estudo, motivos psicológicos ou psicopatológicos para algumas atitudes pessoais e por sugerir a sua suposta homossexualidade platónica como motor da concepção da estrutura heteronímica. O autor de *Vida e obra de Fernando Pessoa*, no capítulo intitulado “Sexualidade frustrada”, ao comparar o tom e o sentimento dominante dos dois poemas ingleses – *Antinous* e *Epithalamium* – definidos por Pessoa como “nitidamente obscenos”, relevava que o sentimento de obscenidade não sobressai no primeiro poema – dedicado à paixão do imperador Adriano pelo efebo que afoga nas águas do Nilo – mas sim no segundo, que descreve a dolorosa antevisão, por parte de uma noiva, do amor conjugal que se vai realizar na noite nupcial. Em *Epithalamium*, Simões sublinhara a repulsa, o horror, a angústia e a náusea que caracterizam o antegozo do amor heterossexual; em *Antinous*, realçara a espiritualidade serena, alta e majestosa do homem que chora sobre o cadáver do seu amante. E, assim, Gaspar Simões propusera a sua explicação:

Que Fernando Pessoa, concebendo o amor físico entre os sexos diferentes como uma brutal *realidade* – uma “obscenidade” –, aceitava o amor físico entre o mesmo sexo como uma serena e bela *abstracção*. Longe de mim insinuar, contudo, que no poeta de *O Menino da Sua Mãe* houvesse claras provas de homossexualidade. Se homossexualidade havia, era apenas platónica. Mas o que nele se manifestava, por certo, era uma sexualidade anormal.

(SIMÕES, 1991: 452)

Depois de sugerir que a origem dessa sexualidade anormal, da inibição que o impediu de realizar-se sexualmente, residia numa fixação sexual infantil ligada à figura da mãe, Gaspar Simões concluía assim o seu capítulo:

É conhecido o grande amor que desde criança o prendeu a sua mãe. E não se ignora como esse amor foi parcialmente frustrado pelo “intruso” e os outros “meninos da sua mãe”. Muito bem pode ser que a frustração sexual do poeta de *Antinous* se filie nessa fixação infantil da sua *libido* numa imagem pura de mais para consentir a satisfação normal plena do instinto da espécie. E então aí o temos perante as inibições que se pintam na sua obra e na sua vida sempre que o instinto sexual entra em causa. Não amou qualquer monstro Fernando Pessoa? É verdade. Mas também é certo que rigorosamente não amou ninguém. Não teria, porém, sofrido qualquer desvio o seu instinto sexual? A bela, serena e lacrimosa dor de Adriano perante o cadáver de Antinous não funcionará como elemento

compensador? E a defesa de António Botto e do ideal estético que era o dele – o ideal estético homossexualista? E o seu culto de Walter Pater e Whinkelman? E o seu manifesto em defesa da *Sodoma Divinizada*? E o tendenciosismo das edições da Olisipo, reeditando as *Canções*, de António Botto, editando a *Sodoma Divinizada*? Não. Fernando Pessoa, se porventura cedeu ao desejo de satisfazer a sua *obscura libido* – fê-lo de forma puramente platónica. Ninguém pode apontar-lhe um real desvio da norma. Mas não terá seja o que for de homossexualismo a *maternidade* mental que lhe permitiu criar a família heterónima? Pessoa, dando vida a Álvaro de Campos, a Ricardo Reis e a Alberto Caeiro, não falando nos demais heterónimos, denuncia, talvez, uma fecundidade mental muito mais parecida com a da mãe que gera filhos no seu ventre de carne do que com a do escritor que concebe personagens no seu *ventre* de substância cinzenta.

(SIMÕES, 1991: 454)

De facto, o alvo da crítica de Raul Leal não era propriamente a alusão à homossexualidade *tout court*, mas o peso que Gaspar Simões atribuía à eventual homossexualidade platónica de Pessoa na decisão de o defender através do panfleto *Sobre um manifesto de estudantes* e, sobretudo, na concepção dos seus heterónimos. No primeiro caso, o autor da *Sodoma divinizada* pergunta:

por que procura o meu querido Amigo uma razão subtilmente psicológica, a meu vêr injustificada, ou psicopatológica que ainda menos se pode justificar, da *seriedade* com que o Fernando me defendeu no seu admirável manifesto, se, de facto, a razão é clara sem ser necessario ir-se buscar subtilezas de psicanalise, por vezes apenas conspurcadora, para a explicar?

E a razão é a “sincera indignação” que levou Pessoa à “atitude nobilíssima” de empregar todo o seu grande prestígio de intelectual e de artista para defender o amigo que fora vilmente atacado e conspurcado. Quanto ao segundo argumento, Raul Leal não pode “aceitar que a omossexualidade platónica ou erótica, enfim, teórica do Fernando – aliás, *verídica*, a meu vêr – seja o motivo que *subconscientemente* o levou a criar – de facto *metapsiquicamente* e não *carnalmente* – *em si proprio* varias personalidades”. Porque Pessoa, ao criar estas personalidades, “não se sentia Mãe – portanto Femea – a parir filhos, tendo a sua criação de personalidades varias um carater, como acabo de dizer, *metapsiquico* e de modo algum *carnal* ou *psicocarnal*”. Além disso, Leal realça a diferença entre a concepção de personalidades “*em si proprio*”, por parte de quem assim se torna “*substancialmente* elas”, e a de filhos por parte de uma mãe, que nunca “*se sente* os filhos que concebe”, os quais sempre serão “seres *aparte* que engendrou *para fora de si propria*”. Fernando Pessoa não se sentia mãe até porque, explica Leal, “um omossexual superior – platónico ou não platónico – *nunca se sente mulher* que ele considera até um ser impuro”, alguém que quebrou a “Unidade do Ser” e que é congenitamente inferior. O homossexual superior, acentua Raul Leal, “*sente-se sempre homem*”, não podendo, portanto, sentir ou desejar alguma *maternidade* mental.

Raul Leal sentia-se a única pessoa em condições para falar e escrever sobre Fernando Pessoa, como revela a Alberto de Serpa na carta de 1 de dezembro de 1949. Só ele, que era “o seu Maior Amigo depois de Sá-Carneiro”, podia falar de Pessoa com acerto e descortinar a “Tragédia Enorme do Fernando”, projetando para esse fim “a Maior das minhas Obras”, intitulada *Paracletianismo*, “cujo plano gigantesco é cada vez mais longo – por isso ainda não a conclui”. E continua: “enquanto ela não surgir, Fernando Pessoa continuará a ser sempre um enigma que ninguém decifrá”. Leal denuncia, enfim, os tantos que tinham falado de Fernando Pessoa sem atingir “a Verdade da sua Alma semi-divina, suspensa entre Deus e o Homem, entre o Espirito e a Carne”, os que “acotovelando-se” tinham conseguido passar adiante dele, tomando assim o lugar que lhe competia ter na escolha das obras pessoanas merecedoras de publicação – João Gaspar Simões era um destes – nem sequer lhe oferecendo um exemplar delas, os que o puseram absolutamente à margem como se nunca tivesse conhecido o seu Grande Amigo. Não será descabido afirmar que as ideias expressas por Raul Leal acerca de Fernando Pessoa, na correspondência que aqui se apresenta, demonstram uma capacidade de discernimento e de análise da figura pessoana muito própria, muito “lealina”, mas que é talvez merecedora de uma leitura mais atenta e de uma consideração maior da que lhe foi atribuída até agora.

A carta para Simões de julho de 1950 – cujo texto é já conhecido desde 1982 – é também notável pela reconstrução que Leal aí faz do caso da Boca do Inferno e da estada em Lisboa do mago inglês Aleister Crowley, com interessantes considerações e informações sobre magia, ocultismo e astrologia, interesses que Raul Leal partilhava com Fernando Pessoa. Notável é a advertência que o autor da *Liberdade transcendente* lança a João Gaspar Simões, reveladora da seriedade com que ele queria que fossem tratadas essas questões: “Se não crê *convictamente* nos factos ocultos, é melhor não tratar deles e muito menos fazer blague com eles pois isso pode ser *perigosissimo* para si e para a sua existencia, na Terra ou no Astral”.

Em conclusão, saliento um elemento que não se releva nos documentos aqui apresentados, mas cuja evocação é justificada pelo título deste artigo que, na sequência do que foi publicado no número anterior desta revista, a *Pessoa Plural* 12, foca as relações entre Raul Leal e o segundo modernismo: quer Leal, quer os principais teóricos da *Presença* incluíam – embora de maneira diferente – o classicismo na visão modernista, o que contradiz certa estética vanguardista. De facto, Leal, na primeira parte do seu artigo “As tendências orfaicas e o saudosismo”, reduz a ideia de ruptura total com o passado. Naturalmente, ele atribui a *Orpheu* os méritos de ter procedido a “uma espantosa revolução literária e, duma maneira geral, artística que abriu novos horizontes ao pensamento e à arte portugueses” e de ter sido “a fonte primordial de todo o movimento ultramodernista português, não tendo sido até agora excedidas as criações orfaicas apesar da bela plêiade de escritores, poetas e artistas plásticos que posteriormente

apareceram, afinal, quase sempre, com carácter menos revolucionário”. Contudo, a propósito da função do modernismo e do carácter da sua revolução, esclarece:

A verdadeira função do modernismo não consiste em destruir o Passado mas em ir além dele, tomando-o, no entanto, por ponto de partida. Era assim que pensava Rodin cuja Obra não é efectivamente *anticlássica* porque é antes *ultraclássica*. E as arrojadíssimas concepções artísticas de Picasso e dos cubistas são, de facto, a transcendentalização sublimadora do classicismo, não sendo, pois, a destruição deste. [...] Portanto, numa palavra, em todas as épocas as tendências mais avançadas nunca romperam com o passado, apenas o ultrapassando. [...] Foi essa a orientação seguida no Grande Movimento Ultramodernista de *Orfeu!* Por isso Fernando Pessoa, que tinha uma poderosa cultura clássica, admirava extraordinariamente a civilização grega assim como Milton e os nossos escritores seiscentistas – mais do que os de Quinhentos que são menos subtilmente buriladores –, tendo obras dum puríssimo estilo clássico posto ao serviço de concepções altamente modernistas, expostas como escarpelística subtilização de concepções antigas. [...] Nós nunca condenámos o passado e toda a sua grandeza, apenas procurávamos transcendê-lo, ultrapassá-lo, erguendo, portanto, ao máximo, supremamente em febre, em delírio toda a sua espiritualidade que surge em nós com uma profundidade purificadora, abstracionante que outrora não era jamais alcançada.

(LEAL, 1959a: 18, 19, 23)

José Régio, desde o primeiro número da *Presença*, estabeleceu, no artigo que abria a revista, que os exemplos de “literatura viva” – essas criações em que “o artista insuflou a sua própria vida, e que por isso mesmo passa[m] a viver de vida própria” – podiam e deviam ser identificados independentemente das épocas e das escolas:

Sendo êsse artista um homem superior pela sensibilidade, pela inteligência e pela imaginação, a literatura viva que êle produza será superior; inacessível, portanto, às condições do tempo e do espaço. E é apenas por isto que os autos de Gil Vicente são espantosamente vivos, e as comédias de Sá de Miranda irremediavelmente mortas; que todos os livros de Judith Teixeira não valem uma canção escolhida de António Bôtto; que os Sonetos de Camões são maravilhosos, e os de António Ferreira massadores; que um pequeno prefácio de Fernando Pessoa diz mais que um grande artigo de Fidelino de Figueiredo; que há mais força íntima em catorze versos de Antero que num poemeto de Junqueiro; e que é mais belo um adágio popular do que uma frase de literato.

(RÉGIO, 1927a: 2).

Régio já reconhecera em 1925, na sua tese de licenciatura publicada sob o seu nome de José Maria dos Reis Pereira com o título de *As correntes e as individualidades da moderna poesia portuguesa*, que o “O Modernismo é antes uma disposição de certa sensibilidade moderna, do que uma nova concepção de Arte, e portanto uma nova escola artística” e que uma das tendências fundamentais da Arte moderna – a que produz uma “Arte toda intelectualista ansiosa de construção e de equilíbrio” – “leva a um novo classicismo, á criação de novos preconceitos, a uma Beleza sobretudo de intenção e concepção” (PEREIRA, 1925: 56).

Ao tema “Classicismo e modernismo”, Régio dedicou outro dos seus ensaios programáticos, destinados a fixar, desde os primeiros números, as coordenadas teóricas da *Presença*, publicado no n.º 2 (28 de março de 1927). Neste texto, Régio abandona as velhas definições de classicismo, definindo-o como “característica de todas as superiores realizações artísticas”. Para o poeta, clássica não é apenas a Arte grega ou romana, ou melhor, o artista contemporâneo que tenta ser clássico não deve imitar os gregos ou os romanos, mas descobrir o próprio classicismo que, por si só, não tem época: “Onde quer que o motivo inspirador e o meio de expressão se harmonizem numa realização de Beleza – aparece Arte clássica”. Por este mesmo motivo, Régio admite a compatibilidade entre classicismo e modernismo e assim conclui:

Eis porque o modernismo superior é individualista e clássico – tomando agora o termo individualista no melhor sentido, e considerando clássica toda a obra de Arte em que determinado motivo encontra o seu meio de expressão próprio, em que as características da inspiração caracterizam a realização. É assim que para ser clássico, um modernista deve ser inteira e verdadeiramente modernista.

(RÉGIO 1927b: 2)

É sabido que a partir da contraposição das noções de disrupção e continuidade foi discutida a participação da *Presença* na suposta revolução modernista e proposta a etiqueta de contra-revolução para o movimento presencista. Todavia, Raul Leal, um representante a cem por cento da geração do *Orpheu* – aliás, *Orpheu* demais¹⁰ – deu uma interpretação mais matizada da postura modernista em relação ao passado, talvez mais próxima da de José Régio, embora neste falte a intenção lealina de ultrapassagem e de transcendentalização sublimadora do classicismo.

¹⁰ É Sá-Carneiro quem o diz: “O que diz do Leal, curioso e certo, creio. É muita pena que o rapazinho seja um pouco Orfeu de mais” (SÁ-CARNEIRO, 2015: 413).

Carta de Alberto de Telles Machado a Raul Leal de 11 de abril de 1924¹

Coimbra 11 de Abril de 1924

Meu querido Raul

Só hoje enfim lhe posso escrever um grande abraço de eterna amizade e dar-lhe de minhas novas. Pelo Fernando deve ter tido o anuncio d'esta minha carta e um numero do Triptico para si. Se você achar alguma coisa pequenina entre a sua obra e lhe apeteça mandar, nós a publicaremos com muita honra. A minha independencia continua marcante, pois de todo o grupo que edita o jornal só conheço 2 ou trez que veem buscar a collaboração a minhas mãos, e a minha collaboração colloca-se sosinha na revista na escala de valores, e no degrau que lhe convem. Então meu caro Raul como vae? Eu por aqui sinto-me lindamente para trabalhar e beber Deus n'um cantico do meu Egotismo cada vez mais feroz, com a minha companheira que me completa maravilhosamente a minha Ansia. Coimbra para quem não esteja núma phase de "montée" vers Dieu en-Soi², pode ser que Romantise isto e Decadentise d'uma maneira media e burg[u]ezmente chata o Eu, mas para mim que com as Mãos Promethaicas do Instincto abraço Deus no seu ambiente tão cheio de Passado e de Alem, concentra-me o meu esforço para dentro de mim e não me disperso tanto como n'essa Lisbôa que tanta honra tem na sua fama de pseudo-grande-cidade-. Não é grande nem cidade senão na Alma desconhecida do seu Povo. Os arredores são uma verdadeira maravilha para mim e sobre as pequenas serras já se abraça bastante horizonte. Uma d'estas tardes em que as constantes chuvas tinham formado no ambiente uma tenue nevoa, em Santo Antonio dos Olivaes o poente tinha qualquer coisa de grande.

Com respeito à vida material, ella continua bastante mais em conta do que ahi pois ainda por 350 mil reis se tem um quarto (sem mobilia) e pensão em pittorescos sitios da alta.

Na fabrica visto ainda não ter aberto a secção que vou dirigir, trabalho umas horas por dia na esculptura de moldes estando portanto ainda em vigor a *combinação* que sabe, (muito particularmente).

¹ Escrita a tinta preta nas duas faces de uma folha de papel de carta. É também disponível o envelope que continha a carta, em cujo rosto se lê o endereço do destinatário: "Ex.mo Senhor | Dr. Raul Leal | Ao cuidado do | *Exmo Senhor Fernando Pessoa* | Apartado 147 | *Lisbôa*"; no canto inferior esquerdo figuram os dois selos, parcialmente cobertos pelo carimbo postal. No verso do envelope lê-se o endereço do remetente: "Remette: | A de Telles Machado | 8 Ladeira do Seminario | *Coimbra*".

² O "S" inicial de "Soi" sobreposto a um "s" minúsculo.

Meu querido Raul. Escreva-me de suas novas e diga-me as suas interessantes obras, já que não podemos trocar impressões no nosso canto do Martinho, em que os 3 estávamos sempre bem longe de Lisbôa e por vezes bem perto de nós.

Adeus com mais um grande abraço de Amigo Sincero
et in aeternum
do seu amigo

Alberto

Coimbra 11 de Abril de 1924
 Meu querido Raul
 Tô hoje enfim lhe porro escrever um grande
 abraço de eterna amizade e dar-lhe de mi-
 nhas novas. Pelo Fernando deve ter tido o
 anúncio d'esta minha carta e um numero
 do Triptico para si. Se você achar alguma
 coisa pequenina entre a sua obra e a minha
 mande, nós a publicaremos com muita hon-
 ra. A minha independencia continua mar-
 te, mais de todo o grupo que edita o jornal
 não conheço 2 ou tres que nem buscam a
 collaboração a minhas mãos, e a minha
 collaboração coloca-se sozinha na revista
 na escala de valores no degrau que lhe
 comen. Então meu caro Raul como vai?
 Eu por aqui sinto-me lindamente para
 trabalhar e beber Deus n'um cantico do
 meu Egotismo cada vez mais feio, com
 a minha companhia que me completa
 mais maravilhosamente a minha Ausia.
 Coimbra para quem não esteja n'uma phase
 de "montré" vers Dieu en Soi, pode ser que
 Romantise isto e Decadentise d'uma
 maneira media e surgeymente chata
 o Eu, mas para mim que com as mãos
 Promethicas do Instincto abraço Deus no
 seu ambiente tão cheio de Passado e de
 Alem, concentra-me o meu esforço para
 dentro de mim e não me despeço tanto
 como n'esta birlôa que tanta herve-
 ra tem na sua lama de pseudo-grande-
 cidade. Não é grande nem Cidade
 senão na Alma desconhecida do seu Poeta.

Fig. 1a. Carta de Alberto de Telles Machado a Raul Leal de 11 de abril de 1924. Rostó.

Os andores são uma verdadeira maravilha para mim e sobre as pequenas senas já se abrace bastante horizonte. Uma destas tardes em que as constantes chuvas tinham formado no ambiente uma tenue neblina em Santa António dos Olivais o poente tinha qualquer coisa de grande.

Com respeito à vida material, ella conta uma bastante mais em conta do que ali pois ainda por 350 mil reis se tem um quarto (sem mobilha) e pensa em pitorrescos sitios da alta.

Na fabrica nisto ainda não ter abito a neção que vou dar-lhe trabalho umas hoias por dia na escriptura de moldes, estando portanto ainda em meos a combi-
nação que sabe (muito particularmente).

Mes quando Raul. Escreva-me de mas novas e digame as suas inter-
esses olhas, já que não podemos trocar impressões no nosso canto do Martinho, em que os 3 estavamos sempre bem longe de Lisboa e por mezes bem perto de nós.

Cideus com mais um grande abraço de Amigo sincero
et in eternum
do seu amigo

Alberto

Fig. 1b. Carta de Alberto de Telles Machado a Raul Leal de 11 de abril de 1924. Verso.

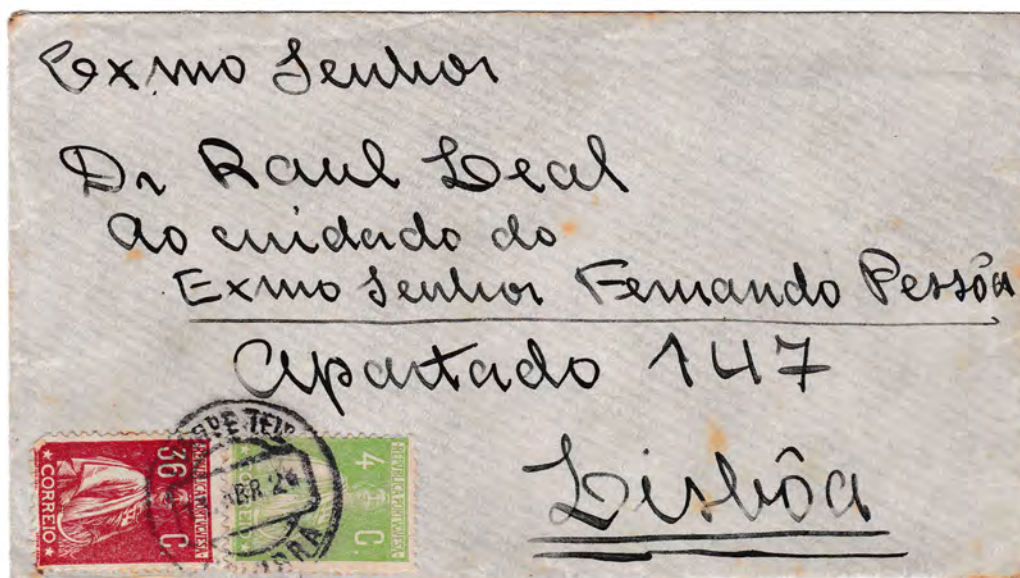


Fig. 1c. Envelope da carta de Alberto de Telles Machado a Raul Leal de 11 de abril de 1924. Rosto.

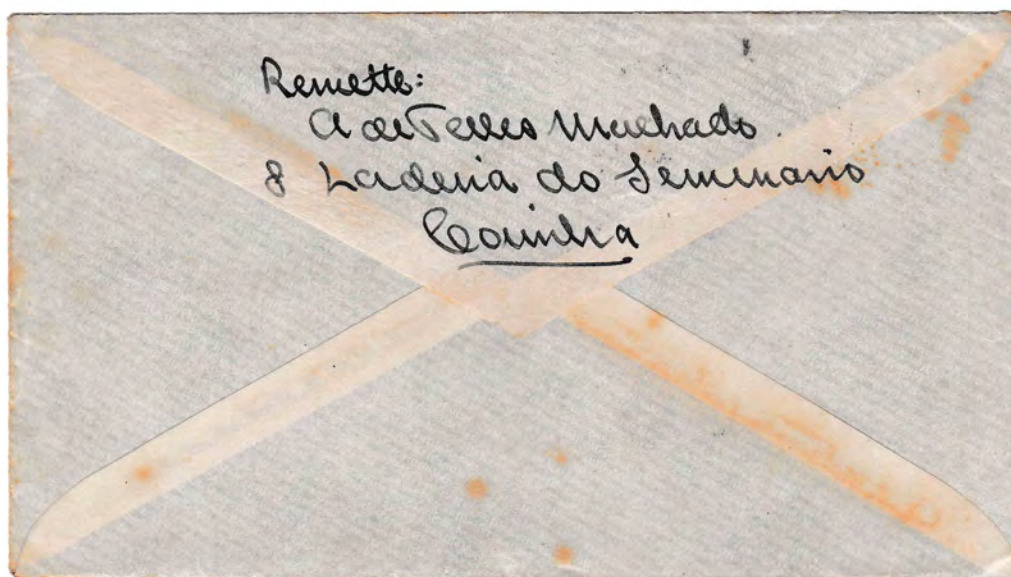


Fig. 1d. Envelope da carta de Alberto de Telles Machado a Raul Leal de 11 de abril de 1924. Verso.

Fragmento de rascunho de carta de Raul Leal [a João Gaspar Simões, dezembro de 1936?]¹

Não digo isso por querer á viva força colaborar na Pres. ou noutra revista pois *hoje* só me interessa verd. concluir e espalhar no mundo² a ³obra que ha de iluminar o Fut. criando uma nova humanid. Mas é que já estou farto de esgrimir com inimigos inveseíveis. Que apareçam enfim⁴ á luz do dia atacando-me⁵ viol. de frente como eu costumo atacar, em vez de me⁶ anavalharem constantemente⁷ pelas costas para desaparecerem logo em seguida em alçapões sem me darem tempo a⁸ vêr donde vem a navalha. Hão⁹ de dizer depois que tenho a mania a pers.^{ção} quando de facto as pers.^{ões} se acumulam a cada passo¹⁰ duma forma evidente ainda que se empreguem nelas¹¹ processos tenebraes, reles, cobardes e não claros como a luz não só criadora mas tambem das [†]. E passar a vida a esgrimir com sombras está-se tornando uma enorme chatisse!

¹ Fragmento de um rascunho de carta escrito por Raul Leal, a lápis, nas duas faces de uma lauda. O documento apresenta uma única intervenção a tinta preta, resultado de uma revisão posterior. Elementos presentes numa carta a ele dirigida por João Gaspar Simões, que traz o carimbo postal de “23.12.36” e que se transcreve a seguir (a alusão de Simões a campanhas de calúnia de que Raul Leal lamentava ser alvo, também referidas neste documento, e a menção acerca de possível colaboração para a *Presença*) fazem supor que este diretor da revista coimbrã pudesse ser o destinatário da carta preparada por Leal e que esta possa ser colocada cronologicamente logo antes dessa epístola enviada por Simões a 23 de dezembro de 1936. Trata-se, contudo, de uma conjectura, sendo possível que os mesmos temas fossem tratados na preparação de uma carta dirigida a outro presencista – José Régio, por exemplo – em outro momento.

² “e espalhar no mundo” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³ Riscado entre “a” e “obra”, “minha”.

⁴ “enfim” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵ “atacando-me” acrescentado na entrelinha superior, acima de “combatendo-me”, riscado.

⁶ “em vez de me” acrescentado na entrelinha superior, acima de “não passando mais a vida a”.

⁷ “constantemente” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁸ “a” sobreposto a “de”.

⁹ O autor escreve inicialmente: “Passar a vida a esgrimir com sombras está-se tornando uma enorme chatisse! E não de dizer depois que tenho a mania a pers.^{ção} quando de facto as pers.^{ões} se acumulam [↑ a cada passo] duma forma evidente ainda que se empreguem [↑ nelas] processos tenebraes, reles, cobardes e não claros como a luz não só criadora mas tambem das [†].” (a parte final da frase não se consegue ler por estar muito apagada, encontrando-se na margem inferior da página). Posteriormente, o autor resolve inverter a ordem das duas frases escrevendo “2” no início da que escrevera em primeiro lugar (“Passar a vida”) e “1” onde começa a segunda (“E não de”); também corrige o início das duas proposições, acrescentando “E” antes de “passar”, cuja inicial minúscula é sobreposta á maiúscula, e riscando “E” antes de “Hão”, cuja inicial maiúscula é sobreposta á minúscula. Ao mesmo tempo, traça duas linhas que ajudam a perceber a nova sequência das frases.

¹⁰ “a cada passo” acrescentado na entrelinha superior.

¹¹ “nelas” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

No aborrec. que sinto com isso trata-se¹² apenas duma questão de nervos e não dum jogo de interesses pois suceda o que suceder, não poderão nunca tirar-me a imort. e só a imortalid. me interessa, só para ela convergem todas as minhas altas ambições. O resto é trampa!

Criar o Futuro, dar ao mundo uma nova crença, um novo poder, uma nova esp.^{dade}, é a minha unica aspiração! E basta o poderoso¹³ auxilio diabolico e divino do Além¹⁴ para eu conseguir satisfazê-la¹⁵ onnipotentemente.

“Le Saint-Esprit est Mon Bouclier!”

¹² O autor escreve “Trata-se apenas”, depois risca “Trata-se” e acrescenta na entrelinha superior “No aborrec. que sinto com isso trata-se”, acompanhado por sinal de inserção.

¹³ “poderoso” acrescentado na entrelinha superior, a tinta preta.

¹⁴ “do Além” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁵ “satisfazê-la” substitui “realisal-a” por riscado e acrescento na entrelinha superior.

Fig. 2a. Fragmento de rascunho de carta de Raul Leal [a João Gaspar Simões, dezembro de 1936?]. Rosto.

afeição. que, senti em isto trata-
~~do~~ a apenas de uma pas-
 sa de nervos e não de um
 pago de interesses, pois su-
 ceia o que sucede, não su-
 deram nunca tirar. No
 a morte e só, imortal.
 me interessa, só para ela
 convergem todas as minhas
 altas ambições. O resto é
 trampa!
 bruar o futuro, dar ao mundo
 uma nova crença, um
 novo poder, uma nova
^{grate} ~~criação~~ <sup>é a minha única as-
 piração!</sup> ^{poderei} ^{diabólico} ^{doce} ^{para} ^{em}
 conseguir ^{satisfação} ^{a minha}
 potestade.
 "Le Saint-Esprit est chez
 Bouche!"

Fig. 2b. Fragmento de rascunho de carta de Raul Leal
[a João Gaspar Simões, dezembro de 1936?]. Verso.

Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 23 de dezembro de 1936¹

Meu caro Raul Leal:

Não é esta ainda a carta que lhe quero escrever. Não quero, porém, deixar passar mais um dia sem lhe responder. A sua carta deixou-me perplexo. Nunca eu tive conhecimento de nenhuma espécie de calúnia posta a correr sobre você, meu caro Raul Leal. E não tome o meu silêncio e o facto de lhe não ter mandado a *Presença* senão pelo que de facto se passou: perdi a sua direcção – pois estive três meses fora de Lisboa e não sei onde me foram parar várias cartas recebidas nesse entretanto. A sua carta recebida nas vésperas de partida de tal modo se sumiu – carta, não – postal – que não mais lhe pus a vista em cima. Não tendo maneira de saber para onde lhe mandar a *Presença* tive de praticar êste acto inqualificável de lhe não enviar o número da revista em² que você tão generosamente quizer dar-nos a alegria de colaborar³. Não, meu caro Raul Leal, eu não conheço nenhuma espécie de campanha contra si. E que conhecesse – em Lisboa tudo é possível – eu seria o primeiro a repudiá-la. Os homens que admiro estão acima de torpezas mesquinhas ou sórdidas tipo Brasileira do Chiado. Mesmo quando admiro sinceramente ponho a minha admiração acima das fraquezas humanas. Não tenho o Raul Leal, além disso, por superior a todas as misérias que nos cercam. Dentro de dias vou mandar-lhe o meu livro que deve aparecer dentro de pouco⁴. Estimo que a sua fé no trabalho o não abandone nunca. Sem ela como viver neste país?

Até breve, meu querido Amigo. Perdoe a brevidade desta carta que não tinha por fim senão manifestar-lhe a minha muito grande consideração e a minha profunda estima.

Seu Camarada e admirador

João Gaspar Simões

¹ Escrita a tinta preta em ambas as faces duma folha de papel de carta. É também presente na Coleção Fernando Távora o envelope original, em cujo rosto figura o endereço do destinatário, a tinta preta, “Ex.^{mo} Senhor | Dr. Raul Leal | Rua Gonçalves Crêspo, 3 – 3.^o Esq. | Lisboa”, parcialmente coberto pelo carimbo postal, em que se lê a data de “23 DEZ 36”, embora o número “6” não seja totalmente visível por se sobrepor ao “m” de “Ex.^{mo}”. Na parte superior do rosto do envelope figura também o selo postal. Na parte inferior, lê-se a assinatura, a lápis, do remetente, “João Gaspar Simões”. Na parte superior do verso do envelope figura o endereço do remetente, a tinta preta, “João Gaspar Simões | R. Joaq. Ant.^o de Aguiar 7 / 4.^o D.”, também parcialmente coberto pelo carimbo postal. Aqui também se lê a data “23.12.36”, esta vez de forma mais clara.

² “em” sobreposto a “a”.

³ Deve tratar-se do número n.^o 48, de julho de 1936, em que aparecera o primeiro capítulo do livro em preparação *Fernando Pessoa, precursor do Quinto Império*, “Na glória de Deus”, última colaboração de Raul Leal na *Presença*.

⁴ Provavelmente, o livro a que Simões se refere é o romance *Vida conjugal*, segunda parte do ciclo *Uma História de Província*, publicado em 1936.

Meu car. Raul Leal:
 Não é esta, ainda a carta que lhe quero escrever. Não
 quero, porém, deixar passar mais um dia sem
 lhe responder. A sua carta deixou-me perplexo.
 Nunca eu tive conhecimento de nenhuma expre-
 cip de calúnia posta a correr sobre você, meu car.
 Raul Leal. E não tou o meu silêncio e o
 facto de lhe não ter mandado a Presença seu
 pelo que de facto se passou: perdi a sua direc-
 ção - pois estive três meses fora de Lisboa
 e não sei onde me foram parar suas car-
 tas recebidas nesse entretanto. A sua carta
 recebida nas vésperas de partida de tal modo
 o sumir - carta, não - posta - que não me
 lhe pus a vista de cima. Não tendo me-
 neira de saber para onde lhe mandar a
Presença tive de praticar este acto inqualifi-
 cável de lhe não enviar a mimas de
 revista a que você tão generosamente quiser dar
 a categoria de colaborador. Não, meu car. Raul
 Leal, eu não cometo nenhuma espécie

Fig. 3a. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 23 de dezembro de 1936. Rosto.

de campanha contra si. E que conhece - em
 Lisboa tudo é possível - eu sei-o primeiro
 a repudiá-lo. Os homens que admiro, estão
 acima de torpezas mesquinhas ou poidades
 tipo brasileiro de Chiado. Mas quando admiro
 sinceramente penso a mim mesmo admirado
 acima das fraquezas humanas. Não. Então
 o Raul Leal, além disso, por superior a
 todas as misérias que não conhece. Deu-te
 de deus um mandado. Meu filho que deve
 aparecer deute de pouco. Então que a sua
 se um trabalho e não abandone nunca. Tem
 que viver neste país?
 Até breve, meu querido amigo. Tudo
 a brevidade desta carta que não tenho por fim
 senão manifestar-te a minha muito gran-
 de consideração e a minha profunda
 estima.
 Seu amigo e admirador
 João Gaspar Simões

Fig. 3b. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 23 de dezembro de 1936. Verso.



Fig. 3c. Envelope da carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 23 de dezembro de 1936. Rosto.



Fig. 3d. Envelope da carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 23 de dezembro de 1938. Verso.

Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [1938]¹

Meu querido Amigo

Perdôe-me só agora lhe escrever. Muito e muito obrigado pelo seu livro, “Novos Temas”,² que me deu um intenso prazer intelectual. O seu subtilíssimo espírito critico, *bem integrado em sua forma e substancia no génio portuguez*, maravilha-me sempre, desejando eu nunca perder as suas manifestações admiráveis³.

O João Gaspar Simões faz com a inteligencia o que os poetas portuguezes dos ultimos 50 ou 60 anos fazem quasi sempre continuamente atravez da emoção.⁴ Eles procuram arrancar, com maior ou menor força, com maior ou menor exaltação, com maior ou menor sofrimento, do intimo mais oculto do subconsciente para as erguer ao dominio da expressão emotiva⁵ as vagas incertas dum confuso, *ontologicamente indefenivel – indefenivel por natureza, não apenas para nós* – oceano animico onde se debatem indecisamente os mais desencontrados fantasmas do ser⁶ que formam o substrato movel, cheio de labyrinthicos fluxos e refluxos, da nossa vida psychica, presentimento longinquo da vida vertiginica do Além. É sempre atravez da emoção, mais ou menos pura, que os poetas portuguezes dos ultimos anos, só muito débilmente presentidos⁷ nesse processus mental tambem⁸ pelos antigos, arrancam assim do subconsciente para os seus poemas maravilhosamente subjetivistas essas⁹ vagas confusas e obscuramente¹⁰

¹ Rascunho de carta escrito a tinta preta nas duas faces de uma lauda. O documento não é datado, contudo a referência à receção do livro *Novos Temas*, de João Gaspar Simões, permite uma datação aproximada, tendo sido publicado esse livro em 1938.

² ““Novos Temas”,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³ Leal escreve “as suas admiráveis”, depois risca “admiráveis” e acrescenta a seguir “manifestações admiráveis”.

⁴ O autor escreve “continuamente.”, depois acrescenta “atravez da emoção.”; o “a” inicial de “atravez” é sobreposto ao ponto escrito na linha depois de “continuamente”; o resto do acrescento é escrito na entrelinha superior.

⁵ O autor acrescenta, na entrelinha superior, “para o dominio da expressão emotiva”, depois sobrepõe “as” a “o” e continua escrevendo “erguer ao” abaixo do anterior acrescento, com um sinal que indica o lugar de inserção.

⁶ Leal escreve “fantasmas da alma”, depois sobrepõe “o” ao “a” final de “da”, risca “alma” e acrescenta “ser” na entrelinha superior”.

⁷ O autor escreve “que os poetas portuguezes dos ultimos anos e muitos dos antigos”, depois risca “e muitos dos antigos”, acrescenta uma vírgula depois de “anos” e escreve na entrelinha superior “só muito débilmente presen-” acabando esta palavra na linha inferior, onde continua a frase.

⁸ “tambem” acrescentado na entrelinha superior.

⁹ Depois de “essas” aparece riscado um início de palavra, provavelmente “fan”.

¹⁰ “obscuramente” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

labyrinthicas do oceano¹¹ fantasmico do nosso intimo, abysmico¹² ser. É então com a inteligencia, tão subtil como um operar nervoso de escalpelo¹³ que o João Gaspar Simões se afunda no pelago imenso do¹⁴ subconsciente humano,¹⁵ percorrendo num á-vontade prodigioso todo o seu labirinto obscuro¹⁶ de nuvens, para as arrancar dos seus dominios ocultos,¹⁷ sempre atravez do pensamento escarpelizador, e dar-lhes corpo, dar-lhes expressão, iluminando-as¹⁸ com a claridade viva da consciencia a que as ergue vigorosamente. Por isso consegue fazer com a sua subtilissima inteligencia o que atravez da emoção pura fazem¹⁹ continuamente os ultimos poetas nossos cuja obra maravilhosa é um²⁰ espelho magico onde se refletem, sublimadas,²¹ as criações do mundo.

Abraça-o o seu muito amigo e grande admirador

R. L.

¹¹ O autor escreve “do noss”, depois risca o possessivo incompleto e acrescenta, na entrelinha superior, “oceano”, continuando a escrever na linha.

¹² “intimo, abysmico” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹³ O autor escreve “tão subtil como o operar dum escalpelo”; depois risca “o” e acrescenta “um” na entrelinha superior, risca “dum” e acrescenta “nervoso” na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção, finalmente acrescenta “de” na entrelinha superior da linha seguinte, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁴ Riscado, entre “do” e “subconsciente”, “nosso”.

¹⁵ Riscada uma vírgula depois de “subconsciente” e acrescentado, na entrelinha superior da linha seguinte, “humano,”, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁶ “obscuro” acrescentado na entrelinha superior.

¹⁷ O autor risca uma vírgula escrita depois de “arrancar” e acrescenta, na entrelinha superior da linha seguinte, “dos seus dominios ocultos,”, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁸ O autor escreve “dar-lhes expressão, tornando-as”, depois risca “tornando-as” e continua escrevendo, na linha seguinte, “iluminando-as”.

¹⁹ A partir de “continuamente” até “sublimadas,” o autor escreve, por falta de espaço, na margem esquerda, na vertical ascendente.

²⁰ O autor escreve “os poetas nossos, espelho”, depois acrescenta por baixo “cuja obra maravilhosa é um”, com o “c” inicial de “cuja” a sobrepor-se à vírgula escrita depois de “nossos” e um traço curvo a indicar o lugar de inserção do acrescento.

²¹ Daqui até ao fim da carta, o autor continua, por falta de espaço, na margem superior da página.

Meu querido amigo
 Perdão - me só agora
 lhe escrever. Recebi a ^{carta} ~~mensagem~~
 obrigado pelo seu livro, que
 me deu um intenso prazer in-
 tellectual. O seu ~~esteticismo~~ ^{esteticismo} es-
 pírito crítico, bem integrado em
sua forma e substância no gênio
português, maravilha-me sem-
 pre, deixando eu nunca perder
 as suas ~~diversas~~ ^{manifestações} manifestações
 facetas ~~manifestações~~.
 O João Gaspar Simões faz com
 a inteligência e que os poetas
 portugueses dos últimos 50 ou
 60 anos, ^{fazem} ~~faz~~ em ^{gracia} ~~gracia~~ sempre
 continuamente ^{através da música} ~~através da música~~ procuram
 arrancar, com maior ou me-
 nor força, com maior ou me-
 nor exaltação, com ^{maior} ~~maior~~ ou
 menor sofrimento, do ^{instinto} ~~instinto~~
 mais oculto e subconsciente
^{para a expressão emotiva} ~~para a expressão emotiva~~
 as vagas incertas dum confuso,
ontologicamente indefinível - in-
definível por natureza, não apenas
para nós - o plano animico onde
 se debatem indecisamente os mais
 desconhecidos fantasmas ~~de~~ ^{que}
 que formam o substrato novel, cheio
 de labirínticos fluxos e refluxos, da

Fig. 4a. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [1938]. Rosto.

^{as coisas do mundo}
 nossa ^{celebração} vida ^{com um amigo e grande admirador} psíquica, ^{presente}
 mente ^{longínqua} da vida ^{perseguida}
 do ^{céu}. É sempre ^{através} a ^{emoção}
 mais ou menos pura, que os
 poetas portugueses dos últimos
 anos, ^{se} ~~sempre~~ ^{debatidamente} ~~sempre~~ ^{possuem}
 tidos nesse processo mental
 pelas antigas, arrancam assim do
 subconsciente para os seus poemas
 maravilhosamente subjetivistas
 essas ~~as~~ vagas confusas e
~~premeditadamente~~ ^{labyrinthicas} do ~~oceano~~ ^{intimo} ~~far~~
 táctico do ^{nosso} ^{ser}. É en-
 tão com a ^{inteligência}, ^{tão}
 subtil como ^{operar} ~~o~~
 tescalpelo, que o João Gaspar
 Simões se afunda no ^{pelago}
 imenso do ~~nosso~~ ^{subconsciente}
 percorrendo num á-vontade
 prodigioso todo o seu ^{labyrinthico}
 de ^{naves} para as ^{arcanas}
~~as~~ ^{sempre} ^{através} do ^{pensamento}
 escarpado, e dar-lhes corpo,
 dar-lhes expressão, ~~transformando~~
 iluminando-as com a cla-
 ridade viva. Da consciência a
 que as ergue vigorosamente, e
 isso consegue fazer com a sua
 subtilíssima inteligência o que
 através da emoção pura fazem

Fig. 4b. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [1938]. Verso.

Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28 de novembro de 1939¹

Lisboa, 28/11/939.

Meu caro Raul Leal:

Gostei muito de saber notícias suas. Infelizmente vejo que a sua situação material não é boa. E mais infelizmente ainda lhe tenho a dizer que são poucas as probabilidades de se arranjar qualquer colaboração para o Brasil. A única revista onde tenho publicado artigos pagos é a *Revista do Brasil*, publicação mensal, onde, ate agora, só apareceram ainda dois artigos meus. Vários escritores portugueses têm colaborado nesta revista e para ela vou ver se é possível mandar algum artigo seu. Quem tem servido de intermediario para ela é o poeta Alberto de Serpa, a quem vou escrever. Mas, como lhe dizia, as vantagens desta colaboração são pequenissimas, pois só de ano a ano eles publicam os artigos. Quere dizer: só de ano a ano daqui se podem receber uns 100.00! Quando o *Diario de Lisboa* suspendeu o Suplemento literário escrevi para o Brasil – para o José Lins do Rêgo – pedindo-lhe que me conseguisse uma colaboração regular e paga num jornal de lá. Foi isto em Setembro. Até hoje espero resposta a essa carta que para maior brevidade expedi de avião! Por aqui pode ver, Raul Leal, como eu sou considerado pelas empresas jornalisticas do Brasil. De vez em quando um jornal que se intitula *D. Casmurro* recorta artigos meus e de outros escritores portugueses dos jornais ou revistas onde foram publicados e insere-os com o subtítulo pomposamente abusivo (*Especial para D. Casmurro*). Como vê, os brasileiros são bem nossos filhos – nêles refinaram os nossos próprios defeitos. Para êles a literatura continua a ser uma mania de uns sujeitos maníacos que é legítimo explorar. Exactamente como cá se diz que não é roubo roubar o Estado, lá e cá não se considera roubo roubar os escritores. Temos de ser roubados e fazer outra coisa se não queremos morrer de fome.

Também não são boas as notícias que lhe posso dar da Imprensa Nacional. No momento presente e até que seja publicada uma reorganização em que eu ouço falar há, pelo menos, cinco anos, que tantos são os anos que tenho de casa, é expressamente proibido admitir pessoal. Nem eu nem o Salazar poderão, pois, auxiliar o seu amigo enquanto êsse decreto não fôr revogado ou enquanto a

¹ Escrita a tinta preta em ambas as faces de duas folhas de papel de carta. É também presente na coleção o envelope que continha a carta. No rosto, figura o endereço do destinatário, a tinta preta, "Ex.^{mo} Senhor | Dr. Raul Leal | Rua Luciano Cordeiro, 85 r/c | Lisboa", parcialmente coberto pelo carimbo postal; no canto superior direito figura o selo. No verso do envelope figura apenas o carimbo postal.

reorganização dos serviços não estiver promulgada. É com mágoa que lhe dou estas notícias tristes. Creia que gostava bem de lhe ser agradável.

A mais da sua carta digo-lhe que muito a apreciei, não só pelo que vejo que muito tem trabalhado como porque o sinto cheio de ardor e de esperança na sua obra. Para quem vive pelo espírito – a esperança e o ardor intelectuais são tudo na vida. Do Botto e da gente da Brasileira fala você com razão às carradas. De há muito que deixei de frequentar a Brasileira e de há muito que o Botto é para mim aquele que de facto é – um belo artista, mas um torpe character.

A *Presença* vai sair breve com novo formato e novas esperanças... Quere você dar-nos colaboração para ela? Contamos que de futuro fique a sair de dois em dois meses, devendo o primeiro número aparecer ainda êste mês. A sua colaboração poderia destinar-se ao número de Janeiro. Se puder ser, preferimos que nos mande um trecho completo – não fragmentos –² o qual pode ser relativamente grande, pois a *Presença* sai agora em formato de livro – livro grande – mas com mais páginas.

Meu caro Raul Leal, creia na admiração e na camaradagem dêste seu admirador e seu camarada que só nada pode fazer pela modificação da sua vida material, porque continua a ser como você um ardente mas ignorado trabalhador do espírito.

Um abraço do

João Gaspar Simões

² O travessão sobreposto a uma vírgula.

Lisboa, 28/11/39.

Meu caro Raul Leal:

Gostei muito de saber notícia das. Infelizmente
 te vejo que, em situações materiais não é boa. É
 mais infelizmente ainda que tenho a dizer
 que não ponhas as probabilidades de se arranjar
 alguma colaboração para o Brasil. A minha revis-
 ta onde tenho publicado artigos para o
Revista do Brasil, publicação mensal, onde,
 até agora, só a pareceram ainda dois artigos
 meus. Vários escritores portugueses têm es-
 tado nesta revista e para ela ou por se
 o possível mandam algum artigo sem. Quem
 tem serviço de intermediação para ela é o
 poeta Alberto de Sousa, a quem ora escreves.
 Mas, como lhe digas, as vantagens desta colabo-
 ração são pequenitas, pois se de um a um
 não publicam o artigo. Quem digas: se de um
 a um depois se podem receber uns 100.000! Quan-
 do, depois de Lisboa suspendem o suplemento
 literário escrevi para o Brasil - para o Revista
 do Rio - pedindo-lhe que me encaminhasse
 colaboração regular e para um jornal de lá!

Fig. 5a. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28 de novembro de 1939.
 Rosto da primeira folha.

Foi isto em Letture. Até hoje esperava resposta
 a essa carta que para maior brevidade espe-
 di de antes! Por aqui pode ver, Raul Leal, que
 eu por consideração pelo seu livro jurídico
 do Brasil. De vez em quando um jornal que se
 intitula O Casimiro recarta artigos meus e
 de outros escritores portugueses do mesmo re-
 vistas onde foram publicados e insere-os com
 o subtítulo improvemento abuzir (Especial
para D. Casimiro). Com vê, os brasileiros não
 têm nenhum filho — eles refinaram o
 nome próprio defeito. Para eles a literatura
 continua a ser uma mania de uns sujeitos
 maníacos que é legítimo explorar. Exactamente
 como se diz que não é bom provar o Estado,
 lá e lá não se considera bom provar o escri-
 tor. Tem de se provar e fazer outra coisa
 e não queimar mania de fome.
 Também não são boas as notícias que lhe
 prometa de Imprensa Nacional. No momento pre-
 sente e até que se publica uma reorganiza-

Fig. 5b. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28 de novembro de 1939.
Verso da primeira folha.

eis um que eu não falar hi, pelo menos,
 cinco annos, que tanto são o anno que tenho
 de casa, e expressamente prohibido admitter
 pessoal. Nem eu nem o talogão podíamos
 por, encerrar o seu annuo em quanto esse
 decreto não for revogado ou em quanto a res-
 sangada do seu não estiver promulgada.
 É com mágoa que he em estas noticias tristes.
 Cressa que estava bem de elle na afecção.
 O meu de sua carta diz-me que muito a
 a preciei, não só pelo que vejo que muito tem
 trabalhado em por que o seu cheio de vida
 e de esperanca na sua obra. Para quem vive
 pelo espirito - a esperanca e o ardor intellectual
 são tudo na vida. O Botto e o filho de Brasil
 fala-me em ir para as canadas. De hi muito
 que deixei de frequentar o Brasil e de hi
 muito que o Botto é para mim aquil que
 de facto é - um belo artista, mas um
 torpe caracter.

Fig. 5c. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28 de novembro de 1939.
Rosto da segunda folha.

A Presença vai sair breve em nova formula
 e novas esperanças... Que se de-vo
 colaborar para ella? Continuo que de
 futuro fique a sair de dois em dois meses,
 deendo o primeiro numero sair em este
 mes. A sua colaboração podera destinar-se
 a numero de Janeiro. Se puder ser, pre-
 feririam que nos mande um texto completo -
 um fragmento, o qual pode ser relativo -
 mente grande, pois a Presença sae agora
 em formato de livro - livro grande -
 mas com mais paginas.

Meu Sr. Raul Leal, coiza de admirador e
 camaradagem deisto de admirador e
 de camarada que si nada pode fazer pela
 modernizacao de sua vida literaria, por que
 continuo a ser com voce um ardente
 mas quando trabalhado a expor
 um assunto de

João Gaspar Simões

Fig. 5d. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28 de novembro de 1939.
Verso da segunda folha.



Fig. 5e. Envelope da carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28 de novembro de 1939.
Rosto.



Fig. 5f. Envelope da carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 28 de novembro de 1939.
Verso.

Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 18 de junho de 1940¹

Lisboa, 18/6/940

Meu caro Raúl Leal:

O Gastão de Bettencourt trabalha no Secretariado da Propaganda Nacional. Ali o pode você procurar. Infelizmente, no numero de Abril, o último chegado a Lisboa, da *Revista do Brasil*, ainda não vem o seu artigo. Não me lembra do título dêle. Sei que tenho em meu poder *A divinização da Carne e Deus e Luxuria*. O artigo que remete para o Brasil era o terceiro dos artigos – melhor dos trechos literários – que você me remeteu. Para a *Presença* foi a página de memórias. Realmente há desinteligencias na *Presença*. Houve que suspender, pelo menos por agora, a sua publicação. Oxalá que a loucura que vai pelo mundo – esse ódio ao individualismo, como você muito bem diz – não acabe de vez com os últimos luzeiros do espírito. A *Presença* parece ter suspenso a sua publicação no momento mais trágico da história do espírito humano: essa suspensão é sintomática.

Não recebeu o meu romance *Pântano*? Mande-i-lho há mais de dois meses, logo que saíu, mas como tive de interromper as minhas relações com o editor não me admira que não tenham mandado alguns dos exemplares que na editorial deixei endereçados a amigos.

Creia na muita consideração e estima do camarada admirador

João Gaspar Simões

¹ Escrita a tinta preta no rosto de duas folhas de papel de carta que têm, no canto superior esquerdo, a marca estampada “Imprensa Nacional | de Lisboa | Biblioteca | N.º.....”. A mesma marca aparece no canto superior esquerdo do rosto do envelope que continha a carta, em cuja parte superior são também visíveis o carimbo postal e o selo; por baixo figura, a tinta preta, o endereço do destinatário: “Dr. Raul Leal | Rua das Salgadeiras, 40, 2º | Lisboa”; ao lado da indicação da cidade lê-se a assinatura do remetente, a lápis, “João Gaspar Simões”. No verso do envelope figura apenas a marca do carimbo postal.

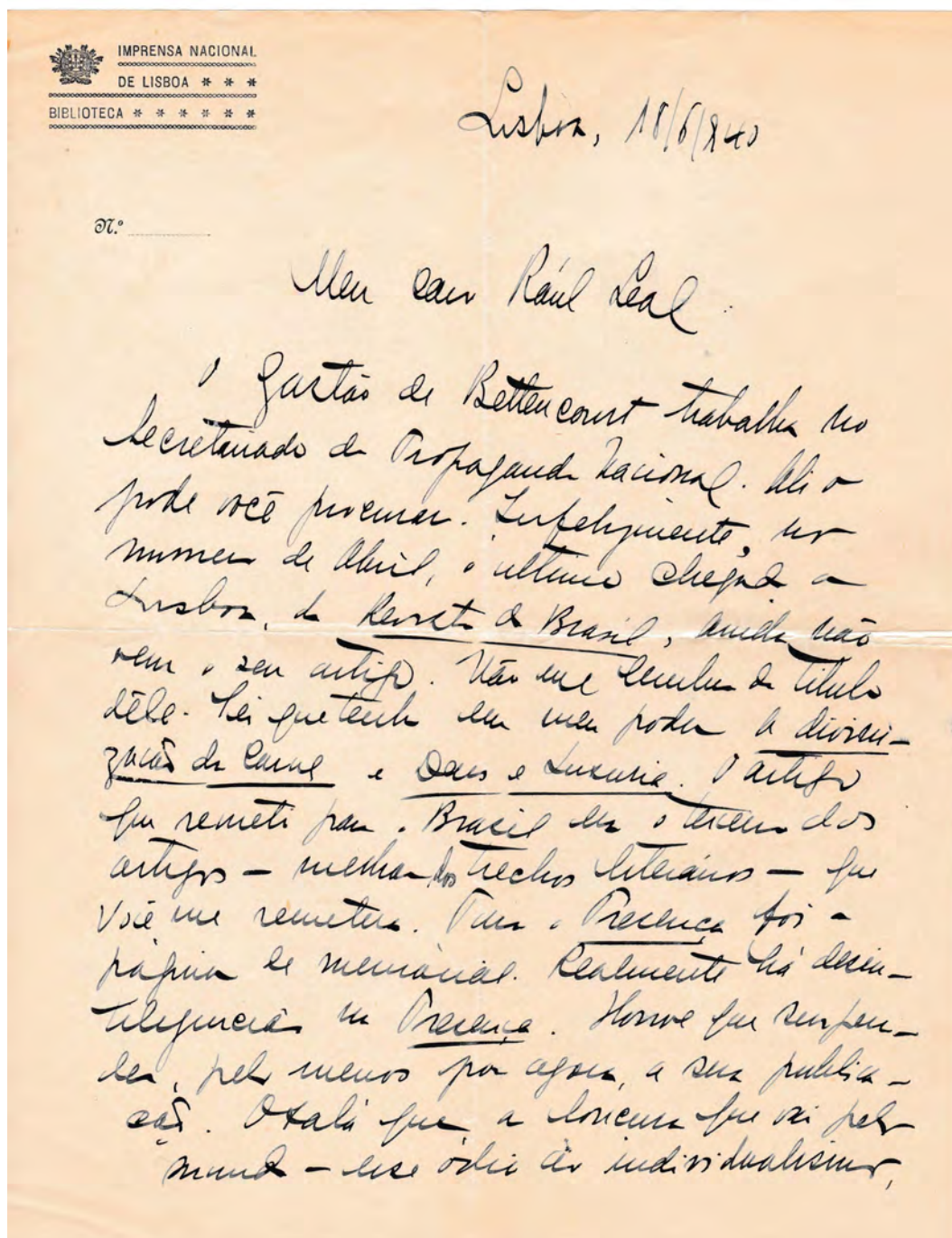


Fig. 6a. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 18 de junho de 1940. Rosto

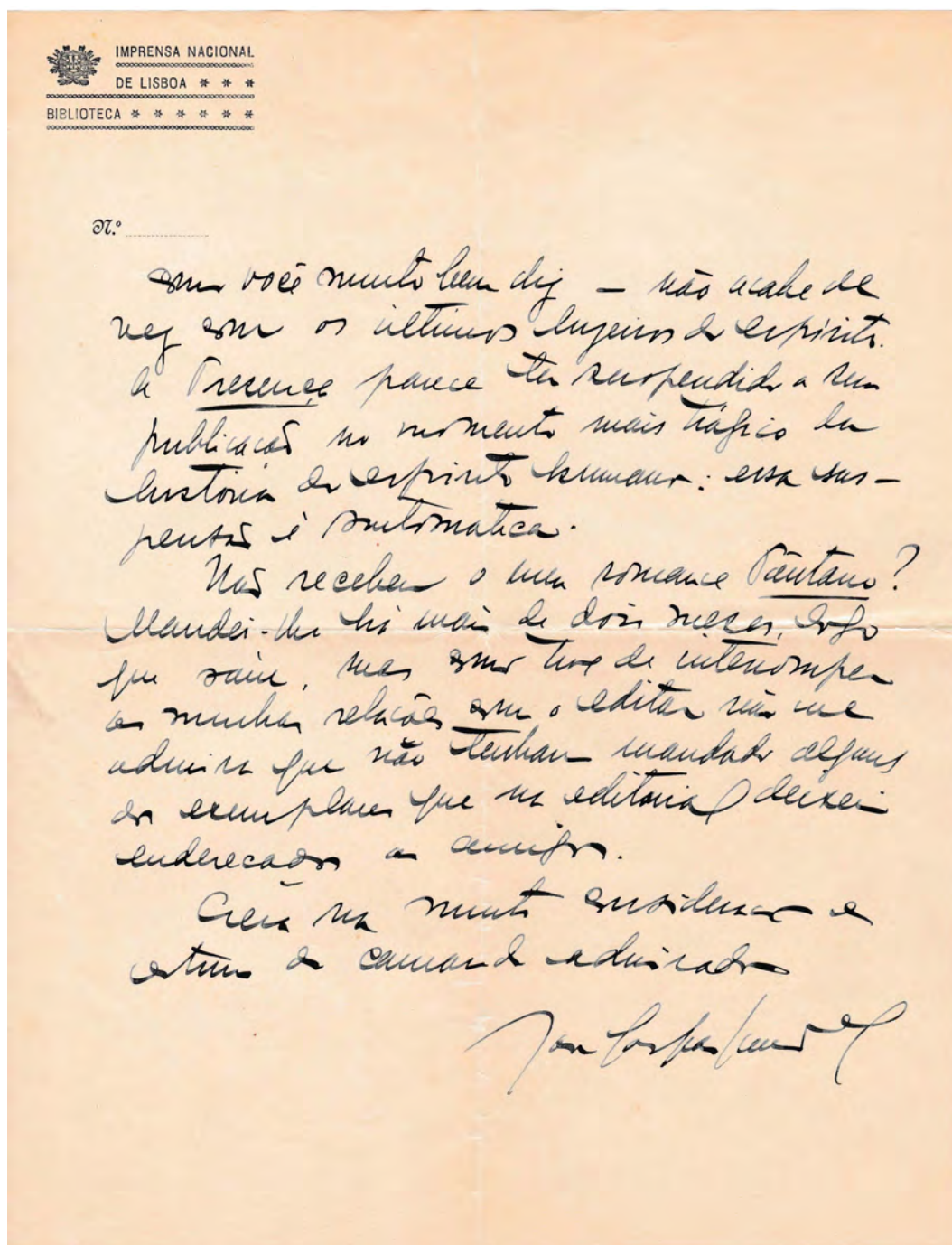


Fig. 6b. Carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 18 de junho de 1940. Verso.



Fig. 6c. Envelope da carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 18 de junho de 1940. Rosto.



Fig. 6d. Envelope da carta de João Gaspar Simões a Raul Leal de 18 de junho de 1940. Verso.

Apontamentos de Raul Leal [elaborados a partir de uma carta a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949]¹

A transmutação da personalidade, então verdadeiramente sublimada, esp.^{al} de Fern. Pessoa enq. que Fern. P. nas outras personalid.s representa, evidentemente, *uma queda* e de modo algum uma progressiva sublimação esp.^{dora}. Alv. de Campos, Caeiro e Ric. Reis são, sem duvida, pers.^{dades} muito mais terrenas, menos sublimadas do que a de F. P. enq. que² *propriamente* F. P. ...

F. P. era dum arrojo intel^{al} – se não físico – verd. espantoso – como prova o manifesto em minha defeza, assinado por F. P., não, é claro, por Alv. de Campos – não se dispondo, pois, nunca, por principio algum, a esconder-se cobardemente por detraz de *pseudonimos* – que então seriam verdadeiros *pseudon.* – quando pretendia mostrar arrogancia e agressividade. A razão por que as Odes orfaicas e o Ultimatum têm a assinatura de Alv. de Campos *é prof. psicol.*, não sendo por cobardia moral nem para mistificar o publico que F. P. assinou essas obras com esse nome que não era o dele *mas que também não era um simples pseud.*^{imo}. Alv. de Campos, Caeiro e Ric. R. são tres person.^{dades} dists. entre si e de F. P. que as criou, tendo cada uma um³ carater proprio, bem *pessoal* apesar de estarem intimamente ligadas por isso que Caeiro é o mestre *sensacionista* dos outros, também *sensacionistas a seu modo*, e sendo, afinal, todas tres descends. diréatas de F. P. que nelas vive certos aspetos psiqs., assim pers.^{icados}, dele proprio (a aversão que F. P. tinha por vezes ao esp. especul. e metaf. – fuga, evasão desse esp. por ancia oculta de vida –, a qual o levava então, nesses momentos, a ser Caeiro) que era um ser complexo, contradit., com varias facetas psicol. opostas, ainda que a *dominante* seja a carateristicamente, puramente esp.^{ista}, aquela que, *por ser dom. ante*, surgia precisamente como sendo de F. P., *propriamente* F. P. Quando nos seus escritos ele vive a alma de Alv. de Campos, tal como a caraterisou – e é esse o caso das Odes e do Ultimatum – evidentemente tem que⁴ os assinar com esse⁵ seu heteron. e não com o seu nome proprio que, nesse caso, seria descabido. A razão ⁶do emprego de

¹ Escrito a tinta preta em ambas as faces de duas folhas de papel de carta e de uma lauda mais estreita de papel de cópia. Os três suportes mostram, no canto superior direito do rosto, o número de página, autógrafo, de “1” a “3”. O rosto da primeira folha apresenta na margem superior, imediatamente à esquerda do número “1”, a indicação não autógrafa, a tinta azul, “Sobre F. P.”.

² “que” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³ O autor escreve “uma”, depois risca o “a” final e continua a escrever “carater”.

⁴ “que” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵ O autor escreve “com seu”, depois risca “seu” e acrescenta “esse na entrelinha superior.

⁶ O autor escreve “A razão não é”, depois risca “não é” e continua escrevendo “do emprego”.

tal heteron. não está pois no desejo de mistif.^{ção} ou em cobardia intel.^{al} mas é, antes, de facto,⁷ prof. psicol., derivando esse emprego da circunst. de Alv. de C. ser a personalid., saída de F. P., que se exprime precisamente nos escritos que trazem a sua assinatura e que não podiam pois logicamente trazer outras. E F. P. sente-se nesses escritos Alv. de C., vive-se subs.^{alm} como tal, não se tratando, portanto, duma personalid. que ele estudasse obj^m *de fóra* como quaesquer personagens de romance ou peça teatral, tendo assim Aug. da Costa mostrado uma absol. absurda⁸ incompreensão quando comparou Alv. de Campos, Caeiro e Ric. R. com os personagens de Eça que os tratou *obj. de fóra*, não os vivendo subst.^{alm}, *subj^m* como F. P. viveu os seus *fants* (metapsíquicos) em que metapsíquicamente se transfigura, tornando-se eles proprios. Não é portanto para mistificar ninguém que F. P. toma por vezes o nome de Alv. de Campos, de Caeiro ou R. R., tomando qualquer desses nomes quando nos seus escritos toma a personalid. de que tal nome é a indicação. (A proposito do pretendido estilo *isabeliano* das cartas commerciaes: F. P. possuía varios estilos, cada um deles *adaptado* áquilo de que queria tratar, e á maneira como pretendia tratar de qualquer assunto, sendo muito escrupuloso – como Grande Artista que era – na escolha do estilo *apropriado*)

A transmutação *impurif.^{dora}* da personalid. de F. P. *propriamente* dito nas outras, essa autentica *involução* tem um sinificado *dramaticamente humano*. É *uma fuga*, semelhante á de Fausto posto que menos integral, da vida esp.^{al} para a vida de sen.^{ões} terrenas de que a natureza humana não pode prescindir, por mais asceta que se queira ser. Se se vivesse efetivamente do verdadeiro Esp. Puro, assim tão *intensificado* que se tornasse infin.^m impetuoso, torr.^{al}, delirante, espasmodico, vert.^{ico}, não se precisava procurar o convulsionismo, ainda impuro, da vida terrena de sens.^{ões} caudalosas porque vivia-se o convulsionismo puro, abstrato, sublimado da vida puramente, intensissimamente esp.^{al}. Mas o Grande Drama é que as personalids. humanas, como simplesmente humanas e, pois, ainda imperfs., impuras, por muito altas que sejam e por muito grande que seja tambem a sua tendencia esp.^{ista}, no fundo, apenas entram no limiar do Esp. puro que nelas surge, portanto, *vagificado*, não em toda a sua impetuosit. suprema. Mas como é pela sua impetuosit., pelo furor que anceiam doidamente atravez da sua ancia de Esp. e como neste não encontram ainda esse furor que então seria div., descem á Terra para encontrá-lo e sentindo nauseas das suas impurezas terrenas ascendem outra vez ao Esp. para cairem de novo na Terra num movim. assim oscilante cheio de angustia, cheio de ancias sempre terrivelmente insatisfeitas por só encontrarem imperf.^{ões} quer no seu Mundo de Esp. que ainda não é vert. de Além, quer no Mundo Terr. onde tantas vezes se precipitam desvairadamente para só se

⁷ “de facto,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁸ “uma absol. absurda” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁹ Antes de “nos” riscado “to”, provável antecipação de “toma”.

conspurcarem com as suas impurezas. Era esse o Grande Drama Humano de F. P., tanto maior quanto é certo que só mentalmente, num erotismo estupendo, vivia a vida terr. de sensações convulsivas, torr.^{aes}, espasmodicas – as que genialmente exprimia nas Odes de Alv. de Campos, feitas dum masoquismo terrível e despedaçador – não podendo satisfazê-lo esse simples erotismo mental, já não tanto pelo que tem de impuro, mas sobretudo pelo que tem de irreal. A propria vida furiosa de sentidos que o consumia ferozmente, só surgia dentro dele, não ainda identificada com a de Esp. que lhe era *fund.^{al}, originaria*, mas também não exteriormente carnalisada porque continuava sempre a viver num horrível retraimento masturbador que o enchia de perene angustia mas que ele jámais podia evitar. Como as mais altas personalids. humanas, F. P. era um ser intermédio, vivendo convulsivamente entre o Esp. e a Carne, sempre dentro dele proprio, num hermetismo fechado que lhe era extremamente doloroso, como se a sua Alma fosse um vulcão imenso em que todo o furor intimo estivesse sempre terrivelmente comprimido, pois, reprimido¹⁰ sem nunca se libertar na vertigem dos sentidos, no delirio da carne. Eis a Tragédia Enorme do Fern. e que só eu, o seu Maior Amigo depois de Sá Carn., posso, consigo descortinar.

Tantos têm falado de F. P. e nem um sequer atingiu a Verd. da sua Alma semi-div., suspensa entre Deus e o Homem, entre o Esp. e a Carne, entre a Morte e a Paixão.

¹¹A publicação, considerada estultamente nefasta, de “Sodoma Div.^{ada}” em que eu, em vez de tomar uma atitude indecorosamente imoral, como se dizia, pretendi, pelo contrario, defender a dignificante sublimação de toda a Vida, até mesmo da Luxuria que, *como tudo o que existe*, tem um fundamento metaf., sendo, na Terra, a expressão mais ou menos impura da Vert. do Alem e do Furor aniq.^{antm} Criativo, diab.^m Div. de Deus-Satan, atravez de que surge a Fantasmogenia-Vert. em que os fants. mais contradit. – seres sublimados, seres astraes – *se possuem mutuamente num delirio louco, alucinante*.

(trechos, por vezes modif.^{ados} e truncados da carta ao Alberto de Serpa)¹²

¹⁰ “, pois, reprimido” acrescentado na entrelinha superior.

¹¹ O autor escreve “Aquando da”, depois risca este começo de frase e acrescenta, na entrelinha superior, “A”.

¹² “Serpa)” é leitura conjecturada, já que uma pequena dobra na margem inferior da folha impede a leitura completa do apelido do destinatário de dita carta e do fecho do parêntese.

et transmutação da personalidade, ^{John F. P. 1} então
 verdadeiramente sublimada, esp. de Fern.
 Pessoa eng. que Fern. P. nas outras person-
 alids. representa, evidentemente, uma geração
 e de modo alguma uma progressiva subli-
 mação esp. de Alv. de Campos, Bacião e
 Nic. Reis são, sem dúvida, pers. muito
 mais terrenas, menos sublimadas do
 que a de F. P. eng. ^{gras} propriamente F. P.

F. P. era um arrojo intelectual se não fosse
 — ver. espantoso — como prova o manifesto
 em minha defesa, assinado por F. P.
 mas, é claro, por Alv. de Campos — não
 se dispondo, pois, nunca, por princípio
 algum, a esconder-se covardemente por
 detrás de pseudónimos — que estas seriam
 verdadeiras pseudon. — quando preten-
 dia mostrar arrogância e agressividade.
 O razão por que as lides arcaicas e o
 Ultimatum têm a assinatura de Alv.
 de Campos é prof. psicol., não sendo
 por covardia niáral nem para justificar
 o público que F. P. assinou essas obras
 esse nome que não era o dele ^{mas que}
 também não era um simples pseudônimo
 de Campos, Bacião e Nic. R. são três ^{Alv. de} pessoas
 distintas ^{de} F. P. que as criou, tendo

Fig. 7a. Apontamentos de Raul Leal [elaborados a partir de uma carta a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949]. Rosto da primeira folha.

cada uma um caráter próprio, bem por
 isso apesar de estarem intimamente
 ligadas por isso que basiro é o mestre
senacionista dos outros, que tem seu
cionistas a seu modo, e sendo, afinal,
 todas três rescend. líneas de F. P. que nelas
vive certos aspectos psícs., assim pers.,
dele próprio, a aversão que F. P. tinha por seu
ao esp. especul. e metaf. — fuga, evazão,
esp. por avergia oculta de viva — a qual
o levava então, nesses momentos, a seu
basiro que era um ser complexo, com
tradiç., com varias partes psícols. opos.
ainda que a dominante seja a carater
ticamente, puramente esp., a qual
que, por seu dom, avergia precisa
mente como sendo de F. P., propria
mente F. P. Quando nos seus escritos
ele vive a alma de clv. de Campos,
tal como a carater seu — e esse o
caso das Ides e do Ultimatum — evi
denbemente tem os assinar com esse
seu heteron. e nao com o seu nome
próprio que, nesse caso, seria descabido.
cl razão não é do emprego de tal heteron. nao
esta pois no caso de mistif. que em
cobardia intel. al mas é, antes, prof. psícal,
derivado esse emprego da circunst. de clv.
de b. ser a personalid., da de F. P., que
se expressa precisamente nos escritos que
trazem a sua assinatura e que nao podiam
mais logicamente trazer outras. de F. P. seu

Fig. 7b. Apontamentos de Raul Leal [elaborados a partir de uma carta a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949]. Verso da primeira folha.

tu-se nesses escritos cdb. de b., vive-se
 subet. como tal, não se tratando, portanto,
 duma personalidade que ele estudasse obj.
de fora, como quaisquer personagens de
 romance ou peça teatral, tendo ^{uma vida, que não} a vida
 cdb. de b. ^{mostrado} quando comparou cdb. de b. com os personagens de b. que
 o tratou obj. de fora, não os vivendo sub-
 et., ^{como} f. p. vivem os seus
Yanto (metapsíquicos) em que metafisica-
 mente se transfigura, tomando-se eles
 próprios. et é portanto para mistificar,
 ninguém que f. p. toma por vezes o
 nome de cdb. de b., de b. ou R.
 R., tomando qualquer desses nomes
 quando ~~to~~ nos seus escritos toma a per-
 sonalidade de que tal nome é a indicação.
 (O propósito do pretendido estilo isabeliano
 das cartas comerciais: f. p. possuía vários
 estilos, cada um deles adaptado a aquilo de que
 queria tratar, e a maneira como pretendia
 tratar de qualquer assunto, sendo muito
 esculpido - como grande estilista que era -
 na escolha do estilo apropriado)
 cd transmuta-se impurif. ^{dessa} personalidade.
 de f. p. propriamente dit nas outras, essa
 autêntica involução tem um significado da
matematicamente humano. É uma fuga, seme-
 lhante a de Fausto pois que menos integral, da

Fig. 7c. Apontamentos de Raul Leal [elaborados a partir de uma carta a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949]. Rosto da segunda folha.

vida esp.^{al} para a vida de sens.^{tes} ~~terras~~
 de que a natureza humana não pode
 prescindir, por mais asceta que se queira
 ser. Se se vivesse efetivamente do ~~verdadeiro~~
 esp. Puro, assim tão intensificado, que se
 tornasse infim. impetuoso, torr.^{al}, delirante,
 espasmódico, vert.^{ico}, não se precisava
 procurar o convulsionismo, ainda im-
 ro, da vida terrível de sens.^{tes} ~~canabolas~~
 porque vivia-se o convulsionismo puro
 abstrato, sublimado da vida puramente, in-
 tensissimamente esp.^{al} Mas o grande
 drama é que as personalids. humanas,
 como simplesmente humanas e, pois, ~~ambas~~
 imperfs., impuras, por muito altas que
 sejam e por muito grande que seja
 também a sua tendência esp.^{al}, não podem
 apenas entrar no limiar do esp. puro,
 que nelas surge, portanto, vagificante, não
 em toda a sua impetuosid. ~~suprema~~. Mas
 como é pela impetuosid., pelo furor que
 anseiam coitadamente através da sua ancia
 de esp. e como nesti não encontram ain-
 da esse furor que então seria div., des-
 cem à Terra para encontrá-lo e sentindo
 náuseas das suas impurezas terrenas
 ascenderem entra no esp. para cair
 de novo na Terra num movimento ~~ascen-~~
 oscilante cheio de angústia, cheio de ancia,
 sempre ~~terrivelmente~~ insatisfeitos por não
 encontrarem imperf. ~~que~~ no seu choque

Fig. 7d. Apontamentos de Raul Leal [elaborados a partir de uma carta a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949]. Verso da segunda folha.

esp. que ainda não se rest. De esp. que
 quer no mundo Ter. onde se
 vezes se precipitam desvairada-
 mente para só se conspur-
 carem com as suas impurezas.
 Era esse o Grande Drama Humano
 de F. P. Tanto maior quanto é
 certo que só mentalmente, num
 erotismo estupefante, vivia a
 vida Ter. de sensações convul-
 sivas, torres, espasmos, — as
 que geralmente experimenta nas
 Obes de colv. e outros, feitas
 num masoquismo terrível e les-
 pedaçador — não podendo satis-
 fazê-lo esse simples erotismo
 mental, já não tanto pelo que tem
 de impuro, mas sobretudo pelo
 que tem de irreel. A própria
 vida furiosa se sentia que
 consumia por dentro, só sur-
 gia dentro dele, mas ainda identi-
 ficada com a de esp. que lhe
 era fund. e originária, mas também
 não exteriormente carnalisada, por
 que continuava sempre a viver
 num horrível retinimento mas-
 turbador que o enchia de perene
 angústia mas que ele jamais
 podia evitar. Como as mais af-
 fectivas humanas, F. P. era
 um ser inerte, vivendo con-
 pulsivamente entre o esp. e a
 carne, sempre dentro dele, próprio
 num hermético fechado que lhe
 era eternamente doloroso, como
 se a sua vida fosse um vulcão

Fig. 7e. Apontamentos de Raul Leal [elaborados a partir de uma carta a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949]. Rosto da terceira folha.

imenso em que todo o furor ^{intenso}
 estivesse. Sempre terrivelmente
 acompanhado ^{por} ^{representado} ^{sem} nunca se liberta
 na vertigem dos sentidos, no
 delírio da carne. Eis a Tragédia
 Enxame de Form. e que só eu
 e seu effeito amigo depois do
 da' carne, posso, consigo lembrar-
 tuar. Tanta tem passado do F.F. e nem
 sequer atinge a Verd. da sua
 eslima semi-iv., suspensa entre
 Deus e o Homem, entre o Aspi. e
 a carne, entre a morte e a Fúria.

Quando da publicação, con-
 sidera estupidamente refutada,
 de "Sardana Div.", em que eu
 me neg de tomar uma atitude
 inescrupulosamente imoral, como
 se fizia, pretende, pelo contrario,
 defender a significativa sublimação
 de toda a vida, até mesmo a sexual,
 que, como tudo o que existe, tem
 um fundamento metaf., sendo, na
 Terra, a expressão mais en-
 menos impura da Vert. do Homem
 e do Furore anig. ^{aut.} ^{ativo}, hab. Div.
 de Deus-Satan, atrazado que se dá
 a Fantasmagoria-iv. em que
 os furos mais contradit. — ^{seu}
 sublimados, seres estranhos —
 se possuem matematicamente num
 delírio louco, alucinante.

(Trechos, por vezes modificados
 cada) da carta ao ^{aluno} ^{de} ^{Leal}

Fig. 7f. Apontamentos de Raul Leal [elaborados a partir de uma carta a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949]. Rosto da terceira folha.

Carta de Raul Leal a Alberto de Serpa de 1 de dezembro de 1949
(Coleção de Manuscritos de Alberto de Serpa, Biblioteca Pública Municipal do Porto, BPMP-M.SER-599[14])¹

S/C Rua Antero de Quental, J.F.,
3.º D.
Amadora

Meu querido Amigo

Estou indignadissimo, sentindo, pois, uma grande necessidade, um enorme desejo de explodir, desabafando consigo apesar do seu exageradissimo silencio. Bem sei que lhe prometi rascunhos velhos e a informação do numero de versos do meu ultimo poema com sabor psalmico ou psalmatico, como quizerem (prefiro a primeira forma visto que a segunda é muito feia; é na mesma ordem de ideias, que emprego mais a palavra *fantasmico* do que *fantasmatico*). Bem sei tambem que nunca cumpri esta promessa e nunca lhe enviei o meu retrato. Mas a razão disso está em que, no primeiro caso, o envio dos manuscritos exige um trabalho previo de escolha que ainda não tive tempo nem disposição – digo-o francamente – de realizar, e sobre o caso do retrato devo dizer-lhe que não tenho tido dinheiro para tirá-lo.

Posto isto, vamos aos assuntos desta carta. Por determinação do Jardim Universitario de Belas Artes (Juba) ou antes, do pintor Guilherme Felipe, o unico Artista que depois de Fernando Pessoa se tem mostrado sinceramente meu amigo neste meio reles, porco de Lisboa e arredores, comentei terça feira passada no Tivoli o filme ocultista “Mistérios da Vida”, lançando, a proposito dele, um verdadeiro hino glorioso ao poder oculto da Vontade Criadora que esfacela as forças astraes da Desgraça e do Mal que escravizam e degradam a Personalidade, o Eu. Foi “numa atitude profetica”, conforme disse o “Diario de Noticias” – o unico jornal, até agora, que se referiu á sessão – que eu elaborei as minhas considerações metafisicas sobre o filme. É claro, pouco devia ter sido compreendido apesar da clareza da minha exposição, e por isso houve uma certa frieza da parte do publico que só como que por favor me aplaudiu vagamente, o que era de esperar pois eu não disse chalaças á maneira do Ramada Curto, Paço d’Arcos e professor Vieira de Almeida, outros comentadores de varios filmes antigos que se têm exibido ás terças feiras no Tivoli por iniciativa do Juba ou antes, do Guilherme Felipe que é a Alma dessa organização estética e cultural em que, por infelicidade, viscosamente se introduziram certos entes viperinos que têm procurado sempre desfazer

¹ Escrita a tinta preta em ambas as faces de dez folhas de papel de carta. A partir da segunda folha, os rostos mostram, no canto superior direito, a numeração progressiva, autógrafa, de “2” a “10”.

qualquer alta influencia que por ventura eu pudesse alcançar com as minhas intervenções de Iluminador. Essa espécie de fauna é muito frequente em Lisboa. Não sei se também no Porto mas creio mesmo que em todo o paiz. É o produto de certas qualidades vis dos portugueses que se, por vezes, se superiorisam grandemente, outras vezes são abjetos, podendo tomar ambas as atitudes simultaneamente, o que é proprio de muitos artistas e intelectuaes que eu conheço bem. Por isso, enojado, não vou nunca ou quasi nunca ao antro deles: a Brasileira do Chiado aonde também o Fernando Pessoa nunca queria ir. Por isso, faziamos vida apárte. Mas continuemos.

Não é contra a atitude fria do publico² no Tivoli que eu me revolto pois ela era natural e muito fizeram eles em não me atirarem batatas. O que me revolta, o que me indigna é não ter visto lá nenhum daqueles que se diziam meus amigos e admiradores, excetuando, além, é claro, do Guilherme Felipe que me apresentou ao publico duma forma muito gentil, o escultor e ceramista alemão Hans Senche que fugiu espavorido da Alemanha depois do advento do nazismo que ele não suportava de modo algum, vindo a cair como um metéoro brilhantissimo neste santo Portugal de rufias e prostitutas. Foi só esse meu amigo estrangeiro que eu vi no Tivoli. Apesar dos jornaes – antes da sessão – sobretudo o “Diario de Noticias” que, pelos modos, está-me a ser cativante, não sei por que motivo, me terem apresentado como futurista e antigo colaborador de *Orfeu*, nem do grupo desta revista nem da *Presença* nem entre os simpatizantes varios das tendencias modernistas e ultramodernistas, nem de qualquer lado, enfim, da Arte e do Pensamento Portuguez apareceu um unico representante! Almada, Alfredo Guisado, João Gaspar Simões, Antonio Navarro que tanto meu amigo se fazia, Mario Saa, Ferreira Gomes, Abel Manta e tantos outros, conhecidos e não conhecidos, sumiram-se pelo chão abaixo, talvez com medo da chuva que caiu copiosamente todo o dia, não aparecendo nenhum deles na sessão do Tivoli. Parece que se solidarisaram todos com os meus vis inimigos, decidindo por acinte e suggestionados por estes, não irem ouvir-me e apoiar-me. Este paiz de invejosos e tratantes só me causa nojo. Desejaria ardentemente sair daqui, procurar outros ambientes mais altos, menos provincianos, abandonar para sempre “este meio muito pequeno para mim”, conforme me disse o escritor e mago inglez Alleister Crowley que eu conheci, ha anos, em Lisboa e que veio propositadamente para me conhecer e falar com Fernando Pessoa. Mas, evidentemente, velho e doente, não posso abalar á aventura, só podendo sair daqui com muita segurança, de ordem economica. As aventuras já não são para a minha idade. E, contudo, estou convencido de que não conseguindo ir para o Brazil ou para Paris, estou perdido e perdida está toda a minha Obra que tantos esforços e tantos sacrificios me tem imposto. Aqui, todos se isolam de mim, procurando premeditadamente apagar toda a minha influencia, inutilisar por completo os meus esforços geniaes, afundar-

² “do publico” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

me inteiramente num olvido absoluto de modo que eu seja apenas uma sombra que passou e se esvaiu, perdendo-se na Imensidade. A quem hei de deixar os meus manuscritos se só vejo falsos amigos em volta de mim, feitos com os meus piores inimigos ou deixando-se vilmente subjugar por eles? Evidentemente, não quero, de modo algum, que as minhas obras inéditas que são muitas, que são quasi todas, vão parar ás mãos dum sobrinho, o meu parente mais proximo, que é um dos meus reles inimigos com quem cortei ha anos as relações. Mas então a quem hei de deixá-las? ao Jardim Universitario de Belas Artes se este afinal é só o Guilherme Felipe que, é claro, não será eterno e já não é novo? Em ele morrendo, o que fariam dos meus manuscritos os taes entes viperinos que viscosamente se introduziram no Juba? Decerto lança-los-iam numa fogueira ou deixariam que os ratos os consumissem. É tudo isto que me põe numa perplexidade horrivel, verdadeiramente tragica de que não sei como sair. E cada vez mais ³perto de mim eu sinto os passos angustos da Morte! Vejo a minha Alma que vive na minha Obra, perdida para sempre, tornando-se uma palavra vã o *Paracletianismo* que eu queria que fosse o Animador⁴ do Futuro. Estou só, absolutamente só perante um Destino sombrio⁵ que consome as Maiores Existencias!

Foi sempre assim. ⁶Aquando da publicação, considerada estultamente nefasta, de *"Sodoma Divinisada"* em que eu, em vez de tomar uma atitude indecorosamente imoral, como se dizia, pretendi, pelo contrario, defender a dignificante sublimação de toda a Vida, até mesmo da Luxuria que, *como tudo o que existe*, tem um fundamento metafisico, sendo, na Terra, a expressão mais ou menos impura da Vertigem do Alem e do Furor aniquilantemente Criativo, diabolicamente Divino de Deus-Satan, atravez de que surge a Fantasmogenia-Vertigem em que os fantasmas mais contraditorios – seres sublimados, seres astraes –⁷ *se possuem mutuamente num delirio louco, alucinante*⁸, conforme demonstro nas minhas obras e, em particular, na obra fundamental *Paracletianismo*, na qual apresento a profunda razão de ser metafisica de tudo o que se passa na Vida e de tudo o que se passa no Além, aquando dessa publicação que indignou falsos moralistas e falsos católicos, uma unica voz se ergueu em minha defeza para afugentar a matilha que me perseguia de todos os lados: a de Fernando Pessoa, o meu Grande, o meu Unico Amigo que altivamente, duma forma brilhantissima,

³ Antes de "perto", riscado "sinto".

⁴ O "A" maiúsculo de "Animador" sobreposto a um "a" minúsculo.

⁵ "sombrio" acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por um sinal de inserção.

⁶ Início da porção textual que Raul Leal copia – com alguma alteração – no último trecho do documento transcrito anteriormente.

⁷ "– seres sblimados, seres astraes –" acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por um sinal de inserção.

⁸ Fim da porção textual reproduzida no último trecho do documento conservado na Coleção de manuscritos de Fernando Távora.

chicoteou os meus inumeros inimigos e erguendo-me aos astros: “Aos estudantes de Lisboa não desejo mais – porque não posso desejar melhor – de que um dia possam ter uma vida tão digna, uma alma tão alta e nobre como as do homem que tão nesciamente insultaram. A Raul Leal, não podendo prestar-lhe, nesta hora da plebe, melhor homenagem, presto-lhe esta, simples e clara, não só da minha amizade que não tem limites, mas tambem da minha admiração pelo seu alto génio especulativo e metafisico, lustre, que será, da nossa grande raça. Nem creio que em minha vida, como quer que decorra, maior honra me possa caber que a presente, que é a de tel-o por companheiro nesta aventura cultural em que coincidimos, diferentes e sósinhos, sob o chasco e o insulto da canalha.” Assim falou Fernando Pessoa como jámais falára em defeza, fosse de quem fosse! Os mais que simulavam ser meus amigos, esconderam-se, sumiram-se como se sumiram agora para não me ouvirem nem me apoiarem no Tivoli. Essa ausencia absoluta de camaradagem é ignobil. Estou mesmo certo de que, digam o que dissérem em contrario, eu não consegui publicar o meu livro “Plano de Salvação do Mundo” na “Portugalia” do Porto porque eles, os meus “amigos”, alvoraçados com a terrivel nova, trataram logo de armar uma intriga tão ardilosa que acabaram por levar o Dr. Alvaro Bordalo a desistir da edição. Acredito lá que fosse por ele querer que o livro tivesse só 160 páginas quando eu insistia que não podia ter menos de 200 a 240 – afinal uma diferença pequenissima! – depois dum terço da obra estar composto e de ele me ter enviado 700\$00 por conta dos meus direitos de autor! Essa razão da desistencia, depois de tantas despesas feitas e que até se propunha fazer ainda – visto que estava disposto a enviar-me o que faltava para dois contos, o que eu, evidentemente, recusei –, esse motivo absurdo,⁹ em taes condições, é absolutamente incrivel. E todos a quem eu tenho contado o caso, são da mesma opinião. Houve com certeza muita intriga, muita reles, porca intriga! De inimigos declarados e de falsos amigos, sempre piores, ainda, do que os primeiros. A não ser que a Comissão de Censura, consultada, não quizesse responsabilisar-se pela não apreensão do livro, o que, aliás, era natural visto que essa apreensão ou não apreensão dependia do governo e não dela. Absurdo foi consultá-la, se tal consulta foi realmente feita. A Comissão de Censura nunca pode tomar a responsabilidade da não apreensão dum livro pois isto não depende dela que não¹⁰ tem a obrigação de conhecer o ponto de vista governamental a respeito do caso particular dum livro determinado, só conhecendo – se conhecer – o ponto de vista geral do mesmo governo.

Outro assunto antipático de que não quero deixar de falar. Indignou-me tambem muito o artigo que o João Gaspar Simões publicou ontem no “Diario Popular” sobre Fernando Pessoa. Mostrou uma falta de respeito absoluta pela Memoria que para todos deve ser sagrada, do meu Grande Amigo. Não é assim

⁹ “absurdo,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁰ “não” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

que se deve falar d'Ele! Esse artigo é absolutamente achincalhante além dos pontos de vista absurdos que apresenta quando elogia o Génio que por ele, assim se vê, é completamente incompreendido. Em primeiro lugar, se João Gaspar Simões fala, aliás muito fóra de proposito, como vou mostrar, “da transmutação alquímica da personalidade em outras personalidades, atravez das quaes, de espiritualização em espiritualização, alcançaria um dia a fusão com o Ente Supremo, com o Absoluto”, para que fala também, então contraditoriamente, *duma formidável mistificação* quando Fernando Pessoa assina os seus escritos mais agressivos e irritantes com o heterónimo de Alvaro de Campos? ¹¹Não sabe o critico que esse ser franzino era dum arrojo intelectual – se não fisico – verdadeiramente espantoso – como prova o manifesto em minha defeza, assinado por Fernando Pessoa, *propriamente Fernando Pessoa*, não, é claro, por Alvaro de Campos – não se dispondo, pois, nunca, por principio algum, a esconder-se cobardemente por detraz de *pseudonimos* – que então seriam verdadeiros *pseudonimos* – quando pretendia mostrar arrogancia e agressividade? A razão por que as Odes orfaicas e o Ultimatum têm a assinatura de Alvaro de Campos é *profundamente psicologica*, não sendo por cobardia moral nem para mistificar o publico que Fernando Pessoa assinou essas obras com esse nome que não era o dele *mas que também não era um simples pseudonimo*. E João Gaspar Simões que fala da “transmutação da personalidade em outras personalidades”, devia sabê-lo muito bem. Alvaro de Campos e Caeiro e Ricardo Reis são tres personalidades distintas entre si e de Fernando Pessoa que as criou, tendo cada uma um carater proprio, *bem pessoal* apesar de estarem intimamente ligadas por isso que Caeiro é o mestre *sensacionista* dos outros, *tambem sensacionistas a seu modo*, e sendo, afinal, todas tres descendentes diretas de Fernando Pessoa que nelas vive certos aspetos psicquicos, assim personificados, dele proprio que era um ser complexo, contraditorio, com varias facetas opostas, ainda que a *dominante* seja a carateristicamente, puramente espiritualista, aquela que, *por ser dominante*, surgia precisamente como sendo de Fernando Pessoa, *propriamente Fernando Pessoa*. Quando nos seus escritos ele vive a alma de Alvaro de Campos, tal como a caraterisou – e é esse o caso das Odes e do Ultimatum – evidentemente tem que os assinar com esse seu heteronimo e não com o seu nome proprio que, nesse caso, seria descabido. A razão do emprego de tal heteronimo é, pois, de facto, profundamente psicologica, derivando da circunstancia de Alvaro de Campos ser a personalidade, saida de Fernando Pessoa, que se exprime precisamente nos escritos que trazem a sua assinatura e que não podiam pois, trazer outras. E Fernando Pessoa nesses escritos sente-se Alvaro de Campos, vive-se *substancialmente* como tal, não se tratando, portanto, duma personalidade que ele estudasse objetivamente *de fóra* como quaesquer personagens de romance ou peça teatral, tendo, assim, o parvo do Augusto da Costa mostrado uma absoluta,

¹¹ Início da porção textual que Raul Leal copia – com várias alterações – no segundo trecho do documento transcrito anteriormente.

uma absurda incompreensão quando comparou Alvaro de Campos, Caeiro e Ricardo Reis com os personagens de Eça que os tratou objetivamente *de fóra*, não os vivendo substancialmente, subjetivamente como Fernando Pessoa viveu os seus fantasmas em que se transfigura, tornando-se eles próprios.

Portanto, repito, não é para mistificar ninguém que Fernando Pessoa toma por vezes o nome de Alvaro de Campos, de Caeiro ou Ricardo Reis, tomando qualquer desses nomes quando nos seus escritos toma a personalidade de que tal nome é a indicação.¹²

Por o Alfredo Pimenta – então numa intenção manifestamente pejorativa, conspurcante, o que não é o caso do João Gaspar Simões que pretendeu elogiar Fernando Pessoa sem saber elogiá-lo e ridicularizando-o até mesmo, ainda que involuntariamente –, por esse individuo ter igualmente chamado mistificador a Fernando Pessoa eu desanco-o numa passagem da minha obra *Paracletianismo*, também consagrada em grande parte ao Génio – por isso tem o sub-título de *Fernando Pessoa, Precursor do Quinto Império* – e depois de ter devassado bem a existencia desse videirinho que eu conheço desde os bancos da Universidade de Coimbra, termino o ataque violentíssimo com esta frase: “Era preferível esse homem vil ser um ‘souteneur’, um ladrão, um assassino a descer á extrema ignominia de pôr em leilão a Alma e o Pensamento.”

Mas voltando á critica errada¹³ do João Gaspar Simões, devo dizer que nenhum dos padrões do Fernando Pessoa – essa designação referente ao Génio irrita-me os nervos mas é a empregada pelo critico –, nenhum deles ignorava que tinha ao seu serviço um poeta e um escritor muito admirado nos meios intelectuaes e artisticos e respeitavam-no como tal. Eu conheci todos eles que não eram nenhuma duzia, e apesar de, é claro, não compreenderem nem mesmo, por ventura, lêrem Fernando Pessoa, tinham por ele a consideração que é devida a um grande escritor. Podiam chalacear com ele como Fernando Pessoa – então, á maneira de Alvaro de Campos – chalaceava com eles, mas isto não obstava a que o considerassem todos muito. Só quem não conhecia pessoalmente o Fernando e estava absolutamente alheado de meios intelectuaes e artisticos, não sabia quem ele era. Os que o conheciam, mesmo só comercialmente, tinham a noção de quem se tratava. Afirmando o contrario, João Gaspar Simões mais uma vez errou.¹⁴ Também, decerto, errou, ainda que eu não tenha informações seguras a esse respeito, quando afirma que de Inglaterra perguntaram “quem era o autor das

¹² Fim da porção textual reproduzida, com várias alterações, no segundo trecho do documento transcrito anteriormente, com a exceção da parte final, posta entre parênteses, que é tirada de outro segmento textual desta carta.

¹³ “errada” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁴ Início da porção textual que Raul Leal copia – ou melhor, sintetiza – na parte final, posta entre parênteses, do segundo trecho do documento transcrito antes desta carta.

cartas comerciais escritas¹⁵ em inglês *isabeliano*, vindas de Lisboa”. Que na Grã Bretanha afirmavam que os poemas ingleses de Fernando Pessoa tinham o estilo do tempo de Isabel e, portanto, quinhentista, sei-o bem, e Alleister Crowley que já citei, afirmava-o igualmente, mas que as cartas comerciais fossem escritas com o mesmo purismo clássico, no mesmo estilo isabeliano, é que não posso crer visto Fernando Pessoa possuir em português vários estilos, cada um deles adaptado áquilo de que queria tratar, e á maneira como pretendia tratar de¹⁶ qualquer assunto, sendo muito escrupuloso – como Grande Artista que era – na escolha do estilo apropriado e não sendo, pois, crível que em inglês procedesse de modo diferente a ponto de escrever cartas comerciais em puro estilo clássico. Isso é, com certeza, fantasia e se não o fosse, seria um contrasenso. Em francês vi eu cartas dele escritas em verdadeiro estilo comercial. Por que não fazer o mesmo em inglês, que ele manejava admiravelmente conforme queria, muito melhor do que a língua francesa?¹⁷

Mas ao maior absurdo do artigo ainda não me referi. É precisamente quando João Gaspar Simões fala da obra do Fernando como sendo em si mesma “caminho alquímico, transmutação da personalidade em outras personalidades, através das quais, de espiritualização em espiritualização, alcançaria um dia a fusão com o Ente Supremo, com o Absoluto”. Eu já citei essa frase de Gaspar Simões mas era preciso citá-la outra vez para a criticar diretamente, o que ainda não fiz, posto que promettesse fazê-lo. Esse “caminho alquímico” de que fala o crítico, é afinal um caminho alquímico *às avessas* visto que, no fundo, não é nada espiritualizador, aperfeiçoador, sublimador, purificante como devia ser se fosse, na verdade, alquímico. E afirmo isto que parece uma afirmação em desabono de Fernando Pessoa, para salientar *uma realidade psicológica* que João Gaspar Simões, na precipitação do elogio, esqueceu. E digo apenas *esqueceu* porque ela é tão manifesta que não pode ser propriamente *ignorada*.¹⁸ A transmutação da personalidade, então¹⁹ *verdadeiramente sublimada, espiritual*, de Fernando Pessoa *enquanto que* (“en tant que”) *Fernando Pessoa* nas outras personalidades (de Álvaro de Campos, de Caeiro e até mesmo de Ricardo Reis, aliás, a alma mais sublimada das três, a que mais se aproxima pelo seu *idealismo* helenico – ainda não *espiritualismo* puro – da Alma Originária²⁰ de que emanou, essa Alma então puramente ou quase puramente espiritualista), essa transmutação representa,

¹⁵ “comerciais escritas” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁶ “de” acrescentado posteriormente, de forma um pouco apertada, entre “tratar” e “qualquer”.

¹⁷ Fim do segmento textual resumido por Raul Leal na parte final, posta entre parênteses, do segundo trecho do documento transcrito antes desta carta.

¹⁸ Início do segmento textual copiado por Raul Leal, de forma alterada e truncada, no primeiro trecho do documento transcrito antes desta carta.

¹⁹ “então” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²⁰ As letras iniciais maiúsculas de “Alma Originária” sobrepostas a letras minúsculas.

evidentemente, uma *queda* e de modo algum uma *progressiva*²¹ *sublimação espiritualizadora* como se deduz do que, decerto, impensadamente João Gaspar Simões escreveu. Alvaro de Campos, Caeiro e Ricardo Reis são, sem duvida, personalidades muito mais terrenas, menos sublimadas do que a de Fernando Pessoa *enquanto que propriamente*²² *Fernando Pessoa*.²³ E é nisto que vae o maior elogio do Génio, não sendo pois, de facto, em desabono dele que eu contesto a afirmação intencionalmente elogiosa, mas duma forma absurda, incongruente, de João Gaspar Simões.

²⁴A transmutação verdadeiramente *anti-alquimica*, por ser *impurificadora*, da personalidade de Fernando Pessoa *propriamente dito* nas outras, essa autentica *involução* – para²⁵ empregar uma expressão ocultista – tem um sinificado *dramaticamente humano* que o critico do Fernando não conseguiu ver. É *uma fuga*, semelhante á de Fausto posto que menos integral, da vida espiritual para a vida de sensações terrenas de que a natureza humana não pode prescindir, por mais asceta que se queira ser. Se se vivesse efetivamente do verdadeiro²⁶ puro Espirito, assim *tão intensificado* que se tornasse infinitamente impetuoso, torrencial, delirante, espasmodico, vertiginico, não se precisava procurar o convulsionismo, ainda impuro, da vida terrena²⁷ de sensações caudalosas porque vivia-se o convulsionismo puro, abstrato, sublimado da vida puramente, intensissimamente²⁸ espiritual. Mas o Grande Drama é que as personalidades humanas, como simplesmente humanas e, pois, ainda imperfeitas, impuras, por muito altas que sejam e²⁹ por muito grande que seja tambem³⁰ a sua tendencia espiritualista, no fundo, apenas entram no limiar do Espirito puro que nelas surge, portanto, *vagificado*, não em toda a sua impetuosidade suprema. Mas como é pela sua impetuosidade, pelo furor que anceiam doidamente atravez da sua ancia de Espirito e como neste não encontram ainda esse furor que então seria divino, descem á Terra para encontrá-lo e sentindo nauseas das suas impurezas terrenas ascendem outra vez ao Espirito para cairem de novo na Terra num movimento

²¹ “*progressiva*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²² “*propriamente*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²³ Fim do segmento textual copiado por Raul Leal, de forma alterada e truncada, no primeiro trecho do documento transcrito antes desta carta.

²⁴ Início da porção textual reproduzida por Raul Leal, com algumas alterações, no terceiro trecho do documento presente na Coleção de Fernando Távora.

²⁵ “*para*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²⁶ “*verdadeiro*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²⁷ “*terrena*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²⁸ “*intensissimamente*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²⁹ “*e*” sobreposto a uma vírgula que seguia “*sejam*”.

³⁰ “*tambem*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

assim³¹ oscilante cheio de angustia, cheio de ancias sempre terrivelmente insatisfeitas por só encontrarem imperfeições quer no seu³² Mundo de Espirito que ainda não é Vertigem de Além, quer no Mundo terrestre onde tantas vezes se precipitam desvairadamente para só se conspurcarem com as suas impurezas. Era esse o Grande Drama Humano de Fernando Pessoa, tanto maior quanto é certo que só mentalmente, num erotismo estupendo, vivia a vida terrestre de sensações convulsivas, torrencias, espasmodicas – as que ³³genialmente exprimia nas Odes de Alvaro de Campos, feitas dum masoquismo terrível e despedaçador – não podendo satisfazê-lo esse simples erotismo mental, já não tanto pelo que tem de impuro, mas sobretudo pelo que tem de irreal. A própria vida furiosa de sentidos que o consumia ferozmente, só surgia dentro dele, não ainda identificada com a de Espirito que lhe era *fundamental, originaria*, mas também não exteriormente carnalisada porque continuava sempre a viver num horrível retraimento masturbador que o enchia de perene angustia mas que ele jámais podia evitar. Como as mais altas personalidades humanas, Fernando Pessoa era um ser intermédio, vivendo convulsivamente entre o Espirito e a Carne, sempre dentro dele próprio, num hermetismo fechado que lhe era extremamente doloroso, como se a sua Alma fosse um vulcão imenso em que todo o furor intimo estivesse sempre terrivelmente comprimido sem nunca se libertar na vertigem dos sentidos, no delírio da carne.

Eis a Tragédia Enorme do Fernando e que só eu, o seu Maior Amigo depois de Sá Carneiro, posso, consigo descortinar!

Tantos têm falado de Fernando Pessoa e nem um sequer atingiu a Verdade da sua Alma semi-divina, suspensa entre Deus e o Homem, entre o Espirito e a Carne, entre a Morte e a Paixão.³⁴ Só eu posso falar, posso escrever sobre Fernando Pessoa e se³⁵ não apareci ainda a revelá-lo é porque quero prestar-lhe uma homenagem excepcional, consagrando-o inteiramente na que fôr a Maior das minhas Obras³⁶ e não apenas num simples estudo critico de 160 paginas. É em *Paracletianismo* que Ele³⁷ surge em todo o Seu tragico Esplendor mas essa Obra cujo plano gigantesco é cada vez mais longo – por isso ainda não a conclui – sei lá se um dia será publicada! Se tanta dificuldade tem havido para a publicação dum livro de 200 paginas – livro sensacionalissimo e duma grande oportunidade – quanta

³¹ “assim” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³² “seu” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³³ Riscado, antes de “genialmente”, “tão”.

³⁴ Fim da porção textual reproduzida por Raul Leal, com algumas alterações, no terceiro trecho do documento transcrito antes desta carta.

³⁵ “se” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³⁶ A letra inicial maiúscula de “Obras” sobreposta a uma minúscula.

³⁷ A letra inicial maiúscula de “Ele” sobreposta a uma minúscula.

dificuldade não haverá a vencer para o aparecimento duma Obra extremamente mais complexa e dez vezes maior!

Seja como fôr, enquanto ela não surgir, Fernando Pessoa³⁸ continuará a ser sempre um enigma que ninguém decifrá. Fui eu quem mais contacto intelectual teve com ele, quem melhor poudo conhecê-lo, sendo eu, assim, o unico que dele pode falar com acerto. Por isso me enervam as multiplas asneiras que varios “arrivistes” da ultima hora têm lançado sobre Fernando Pessoa. E acotovelando-se, até conseguiram passar adiante de mim que os deixei ir, não estando disposto a contê-los. Tomaram assim o lugar que me competia ter, primeiro do que ninguém, na escolha das obras do Fernando que deviam ser imediatamente publicadas. Apesar de vãos prometimentos, nem sequer me ofereceram um exemplar delas que não pude comprar ainda, não sabendo que especie de escolha fizeram. Puzeram-me, enfim, absolutamente á margem como se eu nunca tivesse conhecido o Fernando, como se eu não tivesse sido, depois de Mario de Sá Carneiro, o seu Maior Amigo. Juraram todos em coro apagam-me para sempre e talvez o consigam pois não tenho idade nem saude para reagir. São tão poucos os anos que ainda terei de vida! Apenas quatro. Que posso eu fazer em tão curto espaço de tempo, sem dinheiro e sem amigos? É esse o meu Grande Drama. Prestes a ser irremediavelmente vencido por uma vil matilha de chacaes.

Mas basta de catalinarias.

Abraça-o o seu muito amigo e admirador

Raul Leal

³⁹P.S. – Disse-me o Guilherme Felipe que o Almada e o Eduardo Viana estiveram na sessão do Tivoli em que eu falei. Evidentemente, acredito mas então depressa desapareceram porque não os vi á saída.

R. Leal

³⁸ “Pessoa” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³⁹ O Post Scriptum foi escrito no rosto da primeira folha, no espaço à esquerda do endereço do remetente e da saudação inicial.

Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950]¹

²S/C Rua do Amparo, 24,

4.º E.

Lisboa

Meu querido João Gaspar Simões

Com toda a alma lhe agradeço o exemplar que teve a gentileza de me oferecer, da sua obra sobre o nosso Fernando Pessoa, o qual fui buscar ontem, conforme combinámos, á Bertrand.

Muito e muito obrigado.

Por agora, é claro, é só para agradecer a sua oferta que escrevo esta carta e mais tarde, depois de lêr cuidadosamente toda a sua obra – portanto,³ provavelmente em Setembro por⁴ ser longa e ter que ser muito pensada – escrever-lhe-hei outra carta, expondo-lhe desenvolvidamente as minhas impressões *com a*

¹ Rascunho de carta escrito a tinta preta nas quatro páginas de um bifólio de papel pautado e em ambas as faces de seis folhas de papel de carta. Quer o bifólio, quer as seis folhas apresentam, no canto superior direito da primeira página, o número progressivo, autógrafo, de “1” a “7”. Na margem superior da primeira página do bifólio aparece, em posição central, a indicação escrita a lápis, não autógrafa, “Sobre F.P.”. No canto superior direito do anverso da folha “7” (última página do documento) aparece a indicação não autógrafa, escrita a esferográfica azul, “Capítulos sobre F.P.”. O rascunho é acompanhado por uma nota de meta-arquivo, escrita por Fernando Távora: “O original desta carta – aqui um rascunho – vem transcrito na revista PERSONA 7 pág. 54-57. O texto é semelhante tendo aquele original um P.S. a mais. ...Mas eu creio – não será assim? – que o meu ‘rascunho’ é bem o original do original... Desculpe-me o Dr. Aucíndio possuidor do... 2.º original! 10/11/82. Curiosamente estive esta noite a falar, pelo telefone, com o Dr. Arnaldo Saraiva sobre esta carta...”. O “possuidor do.. 2.º original” a que se refere Fernando Távora é o Dr. Aucíndio Rodrigues da Silva, ilustre bibliófilo que facultou a publicação da carta no n.º 7 da revista *Persona* (agosto de 1982), órgão do Centro de Estudos Pessoaanos fundado e dirigido por Arnaldo Saraiva. As poucas variantes textuais que esta publicação apresenta em relação ao rascunho que aqui se transcreve, são assinaladas em nota de rodapé, precedidas pela abreviação **Pers.** De resto, a revista comunica ter procedido à atualização da ortografia e à correção dela “em meia dúzia de casos”, enquanto a presente transcrição mantém a grafia original. Não se consideram aqui as variantes ortográficas, mas sim as variantes no uso de itálicos ou de maiúsculas/minúsculas.

² **Pers.** Antes da morada, a carta enviada apresenta a data “23 e 24 de Julho | 1950”.

³ O autor escreve “provavelmente” logo depois do travessão; posteriormente, acrescenta “e portanto” na entrelinha superior, risca este acrescento e escreve, na entrelinha inferior, “portanto,”; uma linha curva liga o acrescento riscado na entrelinha superior à versão final escrita na entrelinha inferior.

⁴ “por” sobrescrito por cima de um travessão, anteriormente escrito.

maior sinceridade. Á medida que ia abrindo as folhas do seu livro, li⁵ algumas passagens e notei, duma maneira geral, que se trata dum estudo critico *muito valioso* e rico em pormenores. Entretanto, parece-me – isto é apenas uma primeira impressão – que o João Gaspar Simões se deixa demasiadamente sugestionar pelos processos *freudistas* ou *super-realistas*, o que é o mesmo, de critica. Sem duvida, do subconsciente não brotam apenas taras ou preconceitos⁶ a explicarem⁷ todas as atitudes, mesmo⁸ as mais altas e dignas⁹, dos génios ou de quem quer que seja¹⁰, brotando também grandes impulsos espontaneos de verdadeira e sincera nobreza espiritual. Já Huyssman condenava, com razão, o realismo de Zola que só via o lado porco da existencia, ainda que com um poder de expressão formidavel e intenso espirito construtivo¹¹[.] Com os freudistas ou super-realistas (não digo *surrealistas* porque é um francismo injustificavel e inutil) devemos, penso eu, adotar uma atitude semelhante á de Huyssman. Assim, por que procura o meu querido Amigo uma razão subtilmente psicologica, a meu vêr injustificada, ou¹² psicopatologica que ainda menos se pode justificar, da *seriedade* com que o Fernando me defendeu no seu admiravel manifesto, se, de facto, a razão é clara sem ser necessario ir-se¹³ buscar subtilezas de psicanalise, por vezes apenas conspurcadora, para a explicar?¹⁴ O Fernando viu que um Grande Amigo d'Ele, que merecia ser tratado com admiração e respeito pela beleza do seu carater e da sua inteligencia criadora – releve-me¹⁵ a imodestia – estava sendo arrastado na lama por um bando de biltres e cretinos¹⁶ sem escrupulos e, ¹⁷evidentemente,

⁵ Depois de “li” riscada uma vírgula e “aqui e ali,”.

⁶ “ou preconceitos” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁷ A desinência plural “em” acrescentada – com o “m” a acabar na entrelinha inferior – como consequência do anterior acrescento de “ou preconceitos”.

⁸ “mesmo” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁹ “e dignas” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁰ “ou de quem quer que seja” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹¹ Depois de “existencia” o autor sobrepõe uma vírgula ao ponto escrito anteriormente e acrescenta na entrelinha superior, acompanhado por um sinal de inserção, “ainda que com um poder de expressão”, continua na entrelinha inferior escrevendo “formidavel e”, e acaba na entrelinha ainda inferior acrescentando “intenso espirito construtivo”. As três partes acrescentadas são unidas por traços curvos.

¹² “ou” escrito por cima de um provável “do”; entre “ou” e “psicopatologica” riscado “antes”.

¹³ “-se” acrescentado na entrelinha superior.

¹⁴ “para a explicar” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁵ “releve-me” escrito na entrelinha superior, acima de “desculpe-me”, riscado.

¹⁶ “e cretinos” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

¹⁷ Desde “temente,” – parte final do advérbio “evidentemente” – até “ignominia e por um” o autor escreve na margem inferior da página (quarta e última do bifólio), como se não tivesse mais folhas à

encheu-se de *sincera* indignação contra semelhante ignominia e por um impulso *espontaneamente* nobre que lhe veio então, na verdade, do subconsciente, reconheceu que era necessario, *absolutamente necessario* empregar todo o seu grande prestígio de Intelectual e Artista defendendo *com seriedade* o Homem que tinha sido conspurcado, procurando, enfim, *com a maior gravidade* que o caso, *só o caso* requeria, erguer bem alto Aquele que a canalha tão vilmente insultara. A razão da atitude *nobilissima* do Fernando para comigo foi apenas esta, sendo inutil procurar-se subteis razões psicanalíticas!

Tambem não posso aceitar que a omossexualidade platónica ou erótica, enfim, teórica do Fernando – aliás, *verídica*, a meu vêr – seja o motivo que *subconscientemente* o levou a criar – de facto¹⁸ *metapsiquicamente* e não *carnalmente* – *em si proprio* varias personalidades distintas da que lhe era *fundamental* ainda que sendo a personalisação – então, na verdade, *metapsiquica* – ou antes personificação de certos aspetos *acidentaes* que ele possuía no seu contraditório psiquismo íntimo. Ele não se sentia Mãe – portanto, *Fêmea*¹⁹ – a parir filhos, tendo a sua criação de personalidades varias um carácter, como acabo de dizer, *metapsiquico* e de modo algum *carnal* ou *psicocarnal*. E era *em si proprio*, integrando-se absolutamente nelas, tornando-se *substancialmente* elas, que o Fernando as criava ao passo que uma mãe não *se sente* os filhos que concebe ainda que os tenha sempre no seu coração mas como seres *áparte* que engendrou *para fora de si propria*. Aliás, um omossexual superior – platónico ou não platónico – *nunca se sente mulher* que ele considera até um ser impuro – *simples costela de Adão* – que se destacou, assim, do *Homo Originarius*, quebrando a Unidade do Ser e não sendo mais do que a personificação, *lançada para fóra*, do que havia de *impuro*, de²⁰ *metafisicamente impuro* nesse mesmo *Homo originariamente Uno*, possuidor duma natureza entre astral e terrena. Isto tudo e muito mais²¹ é demonstrado por mim nas minhas obras mais

disposição para continuar a sua carta. De facto, a frase é continuada na margem superior da página (na vertical ascendente) onde o autor escreve: “impulso *espontaneamente* nobre que lhe veio então, na verdade, do subconsciente, reconheceu que era necessario, *absolutamente necessario*, empregar todo o seu grande prestígio de Intelectual e Artista <na defesa seria do>[↑ defendendo com seriedade o] Homem que tinha sido conspurcado, pro-”; a frase é acabada na primeira página do bifólio, ocupando o espaço que ficara vazio à esquerda do endereço e do início da carta: “curando [↑ <afinal>] *com a maior gravidade* que o caso, *só o caso* requeria, erguer bem alto Aquele que a canalha tão vilmente insultara. A razão da atitude [↑ *nobilissima*] do Fernando para comigo foi apenas esta, sendo inutil procurar-se subteis razões psicanalíticas.” Posteriormente, como se tivesse de repente encontrado mais folhas para continuar a sua carta, o autor riscou o que escrevera na margem superior da quarta página do bifólio e no espaço disponível da primeira página, e prosseguiu a sua escrita numa folha nova, passando a limpo o que acabara de escrever.

¹⁸ Riscada uma vírgula depois de “De facto”.

¹⁹ Pers. “Fêmea”.

²⁰ Pers. “*impuro, de metafisicamente*”.

²¹ “tudo e muito mais” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

recentes com um poder de lógica e de dialética enorme que, aliás, você não reconhece em mim, o que não admira pois só²² conhece o Raul Leal da *Liberdade Transcendente*, da *Sodoma Divinisada* e, por ventura, da *Visão de dois Artistas* e a *Luxuriosa Loucura de Deus*, não conhecendo o Raul Leal do *Paracletianismo*, de *La Création de l'Avenir*, do *Plano de Salvação do Mundo*, da *Nova Edade*, enfim, de *O Quinto Império* e a *Ultima Encarnação de Henoch*. Como Kant, foi depois dos 50 anos que eu atingi o auge do meu Génio Criador e Construtivo assim como do meu poder de expressão. É claro, a teoria de que acabo de dar uma leve indicação, é minha e não de outros omossexuaes superiores mas todos eles sentem a inferioridade ingénita – que já Platão reconhecia – do sexo femenino e, portanto, nenhum quer sentir-se mulher ainda que pratique alguns atos sexuaes semelhantes aos que ela pratica, com exceção, evidentemente, do fundamental pois nenhum possui vagina *nem queria, de modo algum possui-la*²³. O que atrai o omossexual superior no homem²⁴ é a Força e o Espirito, irmãos da sua propria Força e do seu proprio Espirito Criador. É claro, desde que tanto aquela como este se manifeste na beleza dum corpo, de atitudes elegantemente viris²⁵ e duma expressão fisionomica particular²⁶, o que nem sempre sucede. Por isso, nem todos os homens, mesmo os ²⁷Maiores, servem aos ²⁸omossexuaes. E ainda é preciso atender a certas subtilezas preferenciaes de gosto pessoal, diverso de omossexual para omossexual. “Este é belo mas não é do meu género”, tantas vezes se ouve. Enfim, o que quero acentuar é que o omossexual superior *sente-se sempre homem* e é muitas vezes valoroso como Julio Cesar e Frederico o Grande, da Prussia, amigo de Voltaire.

Outro assunto.

Foi pena o João Gaspar Simões não ter aparecido na Casa das Limonadas (rua do Crucifixo), conforme tínhamos combinado. Não só levava, para lhe mostrar, as cartas que Marinetti me escreveu e os manifestos meus,²⁹ *Uma Lição de Moral aos E. De L.*, *A Visão de dois Artistas* e *O Bando Sinistro* mas também duas

²² “só” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²³ O autor escreve inicialmente “possuir”, depois sobrepõe o hífen ao “r” final e sobrepõe o pronome “la” ao ponto final, que volta a escrever a seguir.

²⁴ O autor escreve inicialmente “O que o atrai no homem”, depois risca o pronome pessoal “o” (entre “que” e “atrai”) e acrescenta, na entrelinha superior “o omossexual superior”, acompanhado por sinal de inserção.

²⁵ O autor acrescenta na entrelinha superior “de atitudes viris”, depois escreve, na entrelinha ainda superior, “elegantemente”, com um traço curvo que indica o lugar de inserção do advérbio.

²⁶ “particular” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

²⁷ O “M” de “Maiores” sobreposto a um “m” minúsculo.

²⁸ Antes de “omossexuaes”, riscada uma letra de difícil interpretação, provavelmente um “h” que podemos eventualmente interpretar como sinal de insegurança acerca da grafia da palavra.

²⁹ Pers. “meus *Uma Lição*”.

cartas que o *Alleister Crowley me escreveu*³⁰ com a assinatura de *Mestre Thérion e 666*,³¹ agradecendo numa, em termos muito elogiosos, o meu hino-poema³² *Antechrist et la Gloire du Saint-Esprit*, e respondendo, na outra, também numa forma muito curiosa, á que lhe escrevi, tendo mostrado *grande desejo de me conhecer pessoalmente*. Quando chegou a Lisboa pediu ao Fernando que combinasse um encontro comigo e, por isso, o mesmo Fernando, sempre meu Grande Amigo, foi propositadamente á rua das Salgadeiras (ao Bairro Alto) onde eu morava, combinar esse encontro. Falei muito sobre magia e ocultismo com *Mestre Thérion* (666) (é claro, em francez) e a uma certa altura ele disse-me *que eu devia sair de Portugal porque era um meio muito pequeno para mim*. Tirei, depois, uma copia do meu poema *Messe Noire* para lh'a deixar no Hotel de Europa mas nessa ocasião deu-se a "fita" *verdadeiramente magica* da Boca do Inferno e nunca mais o vi, sabendo apenas pelo Fernando que ele lhe tinha escrito afinal da Alemanha. Segundo dizia na³³ carta que escreveu, tinha-se já separado³⁴ da tal rapariga, *com um olhar astral que fazia impressão*, a quem apelidava então de "monstro", estando magicamente³⁵ furioso com ela. Afirmava³⁶ o Alleister Crowley que essa rapariga era a incarnação dum elemental. Que havia qualquer cousa³⁷ *de muito estranho* nela, não resta duvida, bem mais do que nele,³⁸ sendo a sua beleza especial muito fóra deste mundo. ³⁹Não falava francez e, por isso, com ela não pude conversar mas disse-me o Fernando que era intelegentissima, dum genero de intelegencia mesmo anormal,⁴⁰ e sabia muito de astrologia. Todos esses pormenores eu podia ter-lhe

³⁰ **Pers.** "que o Aleister Crowley me escreveu,".

³¹ "com a assinatura de *Mestre Thérion e 666*," acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³² "hino-" acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³³ O autor escreve na linha "Nessa ocasião e na", depois risca e acrescenta na entrelinha superior "Segundo", por sua vez riscado e substituído por "Constava da", escrito acima do anterior acrescento; finalmente, também esta versão é riscada e substituída por "Segundo dizia na", escrito na entrelinha inferior e acompanhado por sinal de inserção.

³⁴ O autor escreve na linha "escreveu, tinha-se separado"; depois, na entrelinha superior, acrescenta "já" entre "tinha-se" e "separado"; risca a vírgula depois "escreveu" e também risca "tinha-se", acrescentando na entrelinha superior uma lição que não conseguimos interpretar, que é por sua vez riscada; finalmente, volta a escrever a vírgula depois de "escreveu" e acrescenta "tinha-se já" na entrelinha inferior, acompanhado por sinal de inserção.

³⁵ "magicamente" acrescentado na entrelinha superior e acompanhado por sinal de inserção.

³⁶ Riscado "Dizia" e acrescentado "Afirmava" na entrelinha superior.

³⁷ **Pers.** "cousa de muito estranho".

³⁸ "bem mais do que nele," acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

³⁹ O autor escreve "Ela não", depois risca o pronome e sobrepõe o "N" maiúsculo ao minúsculo.

⁴⁰ O autor escreve na linha "que era intelegentissima e sabia muito", depois acrescenta a vírgula depois de "intelegentissima" e começa a escrever, na entrelinha superior, "duma intel"; interrompe

dado se tivesse aparecido na Casa das Limonadas. Mas o mais interessante foi a forma *verdadeiramente magica* como o Ferreira Gomes encontrou a cigarreira e a carta para a alemã, deixadas por Mestre Thérion na Boca do Inferno. Ele não lhe contou? Pois foi assim como passo a expôr-lhe.⁴¹ O nosso Ferreira Gomes não ia a Cascaes, havia muito tempo,⁴² e não pensava em⁴³ ir quando de repente sentiu em si proprio um impulso mediumnico que ele não sabia donde vinha e que o impeliu, de facto, para⁴⁴ Cascaes. Sabe porque foi impelido para aí? Porque o Fernando na vespera ou nesse mesmo dia – não me recordo bem – tinha-lhe entregado um retrato de Alleister Crowley para ser publicado no *Noticias Ilustrado* com um artigo, é claro, muito menos espetacular do que aquele⁴⁵ que veio pois ainda não se tinha sabido da *pseudo-tragédia*⁴⁶ que redundou em *farsa magica*, da Boca do Inferno. Quando foi impelido para Cascaes, o Ferreira Gomes trazia no bolso o referido retrato, provavelmente no lado do coração, o órgão mais sensível a ações ocultas, e foi realmente a ação magica de Mestre Thérion atravez desse seu retrato, impregnado de fluido magnético ou de *od*,⁴⁷ que obrigou o jornalista a ir á Boca do Inferno para que a noticia sobre a estada do mago em Lisboa fosse muito mais sensacional do que primitivamente se tinha imaginado, e tivesse extraordinarias repercussões. Devo dizer que Alleister Crowley era ou é⁴⁸ extremamente vaidoso e autoréclamista, servindo-se do seu *real* poder magico para provocar⁴⁹ *ocultamente* factos que satisfaçam a sua vaidade imensa e dêem lugar a uma intensa propaganda do seu nome e da sua interessante mas sombria personalidade diabolica⁵⁰. Entretanto⁵¹ o Fernando que já se sentia seriamente incomodado com as consequencias inesperadas mas inevitaveis⁵² da *fita magica* da Boca do Inferno, pois como amigo do pretenso

a escrita, risca o “a” final de “duma” e sobrepõe “genero” a “intel”, e continua a acrescentar “de inteligencia”, sempre na entrelinha superior, acabando, por falta de espaço, na entrelinha inferior, onde escreve “mesmo anormal,” ligado ao resto do acrescento por um traço curvo.

⁴¹ “Pois foi assim como passo a expôr-lhe.” acrescentado na entrelinha superior.

⁴² O autor escreve “O nosso Ferreira Gomes ha muito que não ia a Cascaes,” depois risca “ha muito que” e acrescenta na entrelinha superior “havia muito tempo,” com um sinal a indicar a inserção depois de “Cascaes,”.

⁴³ “em” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁴⁴ “para” sobreposto a “a”.

⁴⁵ “aquele” sobreposto a “o”.

⁴⁶ **Pers.** “da pseudo-tragédia”.

⁴⁷ “impregnado de fluido magnético ou de *od*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção; “impregnado” aparece escrito por cima de outra palavra, que não conseguimos decifrar.

⁴⁸ “ou è” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁴⁹ “provocar” substitui por sobreposição o anterior verbo “gerar”.

⁵⁰ “diabolica” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵¹ “Entretanto” sobreposto a “Então” (leitura conjecturada).

⁵² “mas inevitaveis” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

suicida⁵³ foi chamado varias vezes ao Torel para prestar declarações,⁵⁴ fez-lhe a partida, por pequena vingança dos incomodos que lhe causara o mago-mistificador⁵⁵, de não se referir ao assunto na carta que lhe escreveu para a Alemanha em resposta á dele⁵⁶, e não lhe mandou o *Noticias Ilustrado*. Teria o mago visto *ocultamente* essa partida e, por sua vez, ter-se-ia vingado duma forma terrivel, arrastando por fim o Fernando para a Morte que poucos anos depois surgiu para ele subitamente⁵⁷ – *ainda que mais ou menos*⁵⁸ *prevista pela astrologia* – e apanhando-me de recochete de modo a provocar em mim uma horriavel doença que tambem quasi foi mortal e que o Fernando nunca conseguiu explicar *astrologicamente*, tanto mais que o Paracletianismo pretende destruir para sempre⁵⁹ o Império da Besta Apocalyptica (666), o Império da Matéria, imposta pela Razão? Não o posso dizer e não sei se os efeitos das ações magicas são ou não previstos perfeitamente pelo movimento aparente dos astros no nosso horoscopo. Pelo que diz respeito ao Fernando, o ataque á cabeça – *loucura* ou *cegueira* – e *possivelmente* a morte *na*⁶⁰ *ocasião em que se deu*, foram facto previstos por ele *com grande antecipação*, tendo-me dito muitas vez[es]⁶¹ que no caso de se salvar do péssimo aspeto astrologico de 33 a 35 ou 36,⁶² só morreria aos 70 anos, sendo, porém, possivel – *ainda que não certo* –⁶³ que morresse durante esse periodo maléfico, o que infelizmente sucedeu. Da minha prolongada doença, de que nunca me curei, apesar de me encontrar muito melhor,⁶⁴ é que o Fernando nunca conseguiu dar uma explicação astrologica satisfatoria. Creio que o meu horoscopo é extraordinariamente complexo.

Deixe-me agora dizer-lhe uma cousa sobre a adoção do numero 666 pelo Alleister Crowley. O Fernando e eu supozemos realmente que ele se julgava⁶⁵ o

⁵³ “como amigo do pretenso suicida” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵⁴ “para prestar declarações,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵⁵ “dos incomodos que lhe causara o mago-mistificador” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵⁶ “em resposta á dele” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵⁷ “subitamente” substitui “inesperadamente” por riscado e acréscimo na entrelinha superior.

⁵⁸ “*mais ou menos*” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁵⁹ “para sempre” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁶⁰ **Pers.** “na ocasião”.

⁶¹ **Pers.** “muitas vezes”.

⁶² “ou 36” acrescentado na entrelinha inferior.

⁶³ “– *ainda que não certo* –” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁶⁴ “apesar de me encontrar muito melhor,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁶⁵ “julgava” substitui “supunha” por sobreposição.

Antecristo ou Besta Apocalyptica mas pensando melhor cheguei á conclusão de que não era natural que ele tivesse uma tão estupenda pretensão diabolica. Antecristo é um fantasma que domina um longo periodo historico (da Renascença e Reforma até agora, até aos tempos presentes em⁶⁶ que está em plena explosão cataclismica), nunca se tendo *individualisado* propriamente como, *de facto*, se *individualisou* o Verbo de Deus. Houve um pronuncio dessa *individualisação* em Mohammed (vulgarmente Mahomet), na verdade, *precursor* da Besta, mas Mohammed é uma prodigiosa figura historica e lendaria com quem⁶⁷ não se pode comparar Mestre Thérion que apesar de todo o seu poder magico e inteligencia superior, *nada é* perante o fundador duma religião que tem hoje muitos milhões de adeptos. Alleister Crowley com certeza não se deixou cegar pela⁶⁸ sua vaidade a ponto de se julgar um segundo Mohammed ou seja então, o⁶⁹ autentico Antecristo. Ele deve ter a consciencia dos limites da sua personalidade, vigorosa mas restrita,⁷⁰ que não deixará decerto o rasto profundo que deixaria Aquele que incarnasse a Besta Apocalyptica. O motivo por que adotou o numero 666 que S. João Evangelista, *comunicando do Plano Astral e Divino com um medium medieval*, atribuiu á Besta, é, pois, diferente do que se possa supôr á primeira vista. É que esse numero cabalistico ou do Tarot⁷¹, *muito antes de ser o numero representativo*⁷² de Antecristo, era e *continúa a ser*, como Alleister Crowley sabe muito bem, o da Inteligencia Concreta, Pratica,⁷³ Materialista ou Materialisadora, enfim, *Impura* ao contrario de 888 que é o numero representativo da Inteligencia *Pura*, Abstrata, Espiritual e sublimadoramente Espiritualisadora⁷⁴. Por isso, de ora avante, se ainda publicar livros,⁷⁵ eu o imprimirei na parte de traz da capa deles⁷⁶, pondo-o em cruz grega, simbolo da Dôr Criadora, da Salvação e Redenção, entrelaçado com 333, numero representativo da Vida Carnal ou da Luxuria, então espiritualisada

⁶⁶ O autor escreve “até agora, em que está”, depois risca “em” e acrescenta, na entrelinha superior, “até aos tempos presentes em”, acompanhado por sinal de inserção.

⁶⁷ O autor escreve “e lendaria que não se”, depois acrescenta “com” entre “lendaria” e “que” e adiciona o “m” final ao pronome relativo

⁶⁸ **Pers.** “não se deixou cegar – cegar pela sua vaidade”.

⁶⁹ “o” substitui o artigo indefinido “um” por riscado e acrescento na sequência da escrita.

⁷⁰ **Pers.** “mas restrita que”.

⁷¹ “ou do Tarot” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁷² “representativo” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁷³ “Pratica,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁷⁴ A desinência “dora” de “Espiritualisadora” sobreposta à anterior desinencia “nte” de “Espiritualisante”.

⁷⁵ “se ainda publicar livros,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁷⁶ “deles” substitui “dos meus livros” por riscado e acrescento na entrelinha superior.

sublimadoramente pela Inteligencia-Espírito, representada por 888 ⁽⁸⁸⁸⁾. Foi precisamente⁷⁷ por 666 ser o numero cabalistico representativo da Inteligencia Material ou Materializada⁷⁸ que S. João, do⁷⁹ *Além*, o atribuiu á Besta (dizem que o Apocalypse é apócrifo, sendo obra dum monge medieval que viveu muitos séculos depois de ter morrido S. João Evangelista. É esta uma das muitas interpretações *empíricas* dos factos ocultos. Na realidade a famosa e formosissima⁸⁰ *Agua de Patmos*, discipulo-amante do Verbo Incarnado,⁸¹ *muitos seculos depois de ter subido ao Seio Espiritual de Deus* ou *do Seu Verbo Divino*, transmitiu a um medium medieval, *e*⁸² *com estylo sombriamente*⁸³ *medievo apropriado*, a Grande Profecia *que é, pois, d'Ele, não apócrifa*,⁸⁴ conhecida por Apocalypse, palavra grega que significa mesmo profecia. Essa é que é a Verdade, não sendo, portanto, efectivamente⁸⁵ apócrifo este formidavel Documento Astral. A comunicação d'Ele,⁸⁶ do Além⁸⁷, *ainda Lhe dá mais Valor Oculto*⁸⁸. Tudo isto Eu afirmo *porque o Sei!*).

Agora, um conselho dum grande amigo seu e admirador. Se não crê *convictamente* nos factos ocultos, é melhor não tratar deles *e*⁸⁹ *muito menos fazer blague com eles* pois isso pode ser *perigosissimo* para si e para a sua existencia, na Terra ou no Astral. Se é muito perigoso *mas então*⁹⁰ *necessario* por vezes⁹¹ fazer uma Revolução no Mundo que transcende da Vida, *criando-se novas forças astraes redentoras* – foi esse perigo tremendo que se concretizou no Calvario e em todas as minhas cruentas provações que têm *fundamentalmente* uma origem astral, conforme

⁷⁷ “precisamente” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁷⁸ “ou Materializada” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁷⁹ **Pers.** “do Além”.

⁸⁰ “e formosissima” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁸¹ “discipulo-amante do Verbo Incarnado” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁸² **Pers.** “e com”.

⁸³ “sombriamente” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁸⁴ “que é, pois, d'Ele, não apócrifa,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁸⁵ O autor escreve “não sendo, pois, apócrifo”; depois sobrepõe “portanto” a “pois”, acabando na entrelinha inferior, onde continua acrescentando a vírgula e escrevendo “efectivamente”. **Pers.** “efectivamente, apócrifo”.

⁸⁶ “d'Ele,” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁸⁷ **Pers.** “do Além”.

⁸⁸ As iniciais maiúsculas de “Valor Oculto” sobrepostas a letras minúsculas.

⁸⁹ **Pers.** “e muito”.

⁹⁰ “então” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁹¹ “por vezes” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

reconheço no meu poema *Messe Noire* através dum diálogo colossal, estupendo⁹² entre Jehovah e Henoch (1) – não menos perigoso é tratar-se de Ocultismo sem Convicção e sem Saber. E neste ultimo caso⁹³ não é, evidentemente, necessario nem é conveniente correr-se semelhante risco terrível de punição astral.

Desculpe-me todas as observações um tanto impertinentes⁹⁴ desta carta, fruto da minha profunda sinceridade e da minha grande amizade por si, a qual me impoz o dever de esclarecer o que não ficou bem esclarecido.

⁹⁵Abraça-o apertadamente o seu muito amigo e grande admirador, sempre obrigado

Raul Leal

1- Estava escrevendo isto⁹⁶ quando se apagaram de repente as luzes do Café em que redijo esta carta.⁹⁷

⁹² “estupendo” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁹³ **Pers.** “caso, não é”.

⁹⁴ “um tanto” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção; por falta de espaço, “impertinentes” é escrito quatro linhas mais abaixo, ligado a “um tanto” por um traço curvo.

⁹⁵ Tendo já escrito na margem inferior a nota (1) que se transcreve a seguir, o autor é obrigado a escrever a frase de despedida na estreita margem esquerda da página, na vertical ascendente, acabando na margem superior, onde figura também a assinatura.

⁹⁶ “isto” acrescentado na entrelinha superior, acompanhado por sinal de inserção.

⁹⁷ **Pers.** “P. S. – A sua obra vem com algumas gralhas. Assim, na transcrição duma passagem de *Sodoma Divinizada* vem uma frase que não faz sentido por uma falta de letras. Não lhe posso dizer qual é a frase pois aqui no Café só tenho o primeiro volume comigo tendo deixado em casa o segundo. Recordo-me que há um «com» quando devia vir «como» para o período ser gramatical. Já a minha colaboração do *Centauro* a que se refere a sua obra, veio muito gralhada porque então estava em Sevilha ou Madrid e, é claro, não vi as provas. Costumo sempre vê-las com o maior cuidado. *Liberdade Transcendente* também trazia muitas gralhas e tive que pôr uma errata porque foi o Dr. João Antunes que viu as provas e muito levianamente. Na colaboração do *Centauro* e num dos mais belos períodos há um terrível salto tipográfico que torna incompreensível a frase. As gralhas são as inimigas dos escritores. R. L.”.

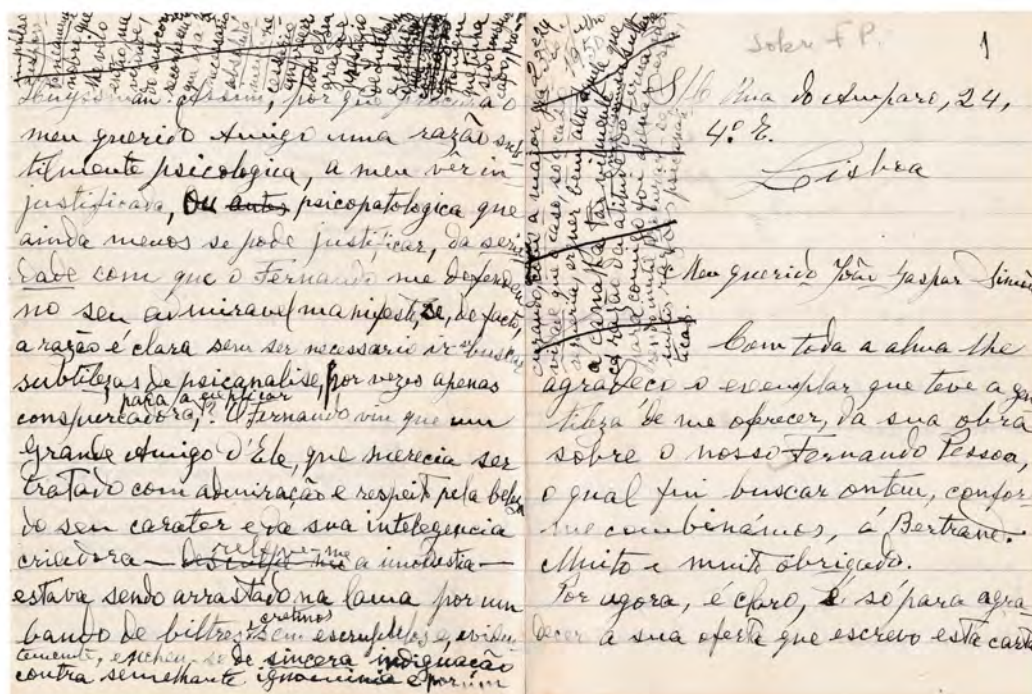


Fig. 8a. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Quarta e primeira página do primeiro bifólio.

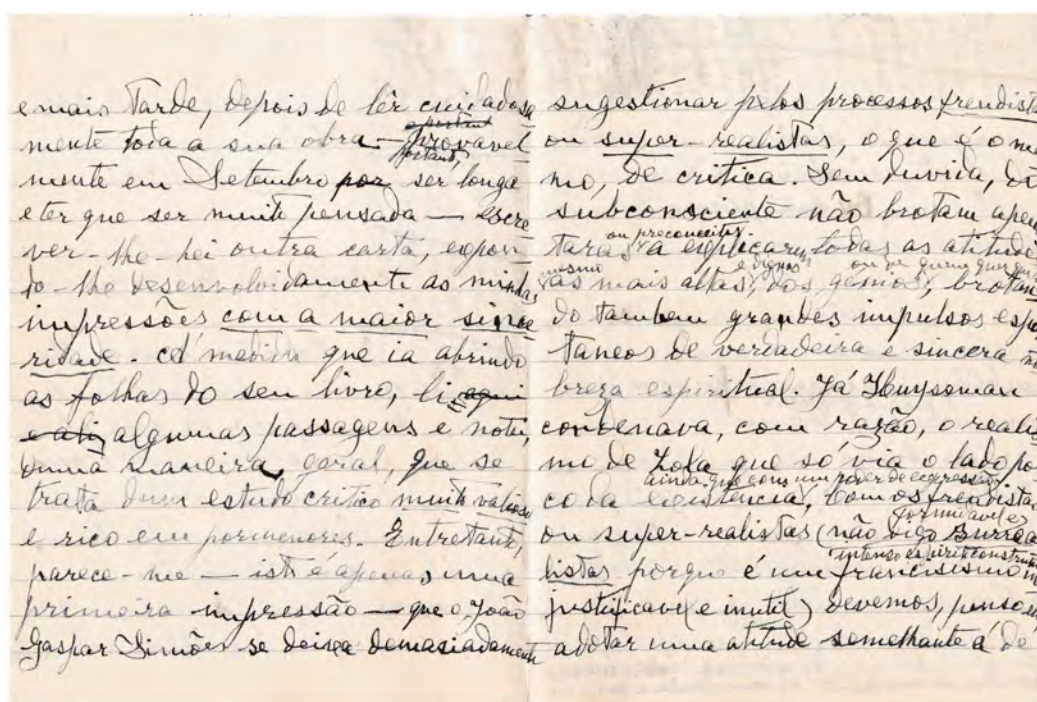


Fig. 8b. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Segunda e terceira página do primeiro bifólio.

2

impulso espontaneamente nobre que lhe veio
então, na verdade, do subconsciente, reco-
nheceu que era necessário, absolutamente
necessário empregar todo o seu grande
prestígio de intelectual e artista depen-
dendo com seriedade o homem que tinha
sido conspurcado, procurando, enfim,
com a maior gravidade que o caso, so-
o caso requeria, erguer bem alto aquilo
que a canalla tão vilmente insultara. A
razão da atitude nobilíssima do Fernando
para comigo foi apenas esta, sendo
inútil procurar-se subtilezas
psicanalíticas!

Também não posso aceitar que a
omosexualidade platónica ou erótica,
enfim, teórica do Fernando — aliás, ve-
ridica, a meu ver — seja o motivo que
subconscientemente o levou a criar —
de facto, metapsiquicamente e não carnal-
mente — em si proprio varias, pesso-

Fig. 8c. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].
Rosto da segunda folha.

nalidades distintas da que lhe era funda-
 mental ainda que sendo a personalização
 — então, na verdade, metapsíquica — ou
 antes personificação de certos aspectos
acidentais que ele possuía no seu con-
 traditório psiquismo intimo. Ele
 não se sentia mãe — portanto, fêmea —
 a parir filhos, tendo a sua criação
 de personalidades variadas um caráter,
 como acabo de dizer, metapsíquica e de
 modo algum carnal ou psicocarnal. E
 era in si proprio, integrando-se abso-
 lutamente nelas, tornando-se substancialmen-
te elas, que o tornando as criava ao passo
 que uma mãe não se sente os filhos que
 concebe ainda que os tenha sempre no seu
 coração mas como seres à parte que ex-
 geram para fora de si propria. Elles,
 um omosexual superior —
platónico ou não platónico — nun-
ca se sente mulher, que ele consi-

Fig. 8d. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].
Verso da segunda folha.

Dera até um ser impuro — simples casta
 de deuses — que se destacou, assim, do
Homo Originarius, quebrando a Unidade
 do Ser e não sendo mais do que a per-
 sonificação, lançada para fora, do que
 havia de impuro, de metafisicamente
impuro nesse mesmo Homo originarius,
 e um, assumido de uma natureza entre
 astral e terrena. Isto ^é demonstrado por
 mim nas minhas obras mais recen-
 tes com um poder de lógica e de dialética
 enorme que aliás, você não reconhece
 em mim, o que não admira pois ^é con-
 tado. Raul Leal da Liberdade transcendente,
 da Sedeia divinizada e, por ventura,
 da Visão de dois artistas e a luciferina
bonança de Deus, não conhecendo o Raul
 Leal do Paracletianismo, de La Création
de l'éternel, do Plan de Salvação do mundo,
de Nova Ede, enfim, de O Quinto Império
 e a Última Encarnação de Henoch. Como
 Kant, foi depois dos 50 anos que eu atingi
 o auge do meu gênio crítico e construtivo
 assim como do meu poder de expressão.

Fig. 8e. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Rosto da terceira folha.

no, a teoria de que acabo de dar uma leve in-
 dicacão, é minha e não de outros ou de
 reues superiores mas todos eles sentem
 a inferioridade ingênita — que já Platon
 reconhecia — do sexo feminino e, portan-
 to, nenhum quer sentir — se mulher ainda
 que pratique alguns atos sexuais semelhantes
 aos que ela pratica, com exceção, eviden-
 temente, do fundamental pois nenhum
 possui vagina nem queria, de modo al-
 gum, possuí-la. O que ^{comuns a superior} atrai o homem
 é a força e o espírito, irmãos da sua
 própria força e do seu próprio espírito
 criador. É claro, desde que ^{estes} ^{se manifestam}
 este se manifesta na beleza ^{de certos vultos} ^{particular}
 duma expressão fisionômica, o que ^{sempre}
 sempre sucede. Por isso, nem todas
 os homens, mesmo os maiores, servem
 aos ~~homens~~ sexuais. E ainda é preciso aten-
 der a certas subtilezas preferencias e
 gosto pessoal, diverso de o mesmo para
 o mesmo. "Este é belo mas não é do
 meu gênero", tantas vezes se ouve. E
 fim, o que quero acentuar é que o ^{superior} ^{sempre} ^{homem}
 superior sente — se sempre ^{homem} e e
 muitas vezes valeroso como Julio Cesar e
 Frederico o Grande, da Prússia, amigo de Voltaire.

Fig. 8f. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Verso da terceira folha.

Outro assunto. 4
 Foi pena o João Gaspar Simões não ter che-
 gado na casa das Spimenaca (rua do
 Crucifixo), conforme tínhamos combinado.
 Não só levava, para me mostrar, as cartas
 que Charinetti me escreveu e os mani-
 festos meus, Uma Lição de Moral aos C. de L.,
Advisão de dois artistas e O Bando Simi-
tro mas também duas cartas que o colégio
 Browley me escreveu, ^{com a assinatura de Charles Thérion e G.B.B.} (agradecendo minha
 em termos muito elogiosos, e meu poema
Contechnik et la Gloire du Saint-Esprit,
 e respondendo, na outra, também numa
 forma muito curiosa, à que lhe escrevi,
 tendo mostrado grande desejo de me conhe-
 cer pessoalmente. Quando chegou a Lisboa
 pediu ao Fernando que combinasse um
 encontro comigo e, por isso, o mesmo Fernando,
 sempre meu grande amigo, foi pro-
 possadamente a uma das Salgadeiras
 (ao Bairro cast.) onde eu morava, com-
 binar esse encontro. Falei muito sobre minha
 ocultismo com o Mestre Thérion (G.B.B.) (e
 claro, em francez) e a uma certa altura ele
 disse-me que eu devia sair de Portugal
 porque era um meio muito pequeno para
 mim. Tirei, depois, uma cópia do meu

Fig. 8g. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Rosto da quarta folha.

poema chasse noire para M'a deixar no Hotel
de Europa mas nessa ocasião deu-se
a fit, verdadeiramente magica da Boca
do Inferno e nunca mais o vi, sabendo
apenas pelo Fernando que ele lhe tinha es-
crito a final da chasse. ~~Estava de quando~~
carta que escreveu ~~estava~~ ~~segundo~~ ~~de~~ ~~uma~~
tal rapariga, com um olhar astral que fazia
impressionar a quem a contemplava ^{magicamente} e tanto ^{estava} ^{de} ^{monstruoso}
browley que essa rapariga era a incar-
nação dum elemental. Que havia qual-
quer coisa de muito estranho nela, não
resta dúvida, ^{bem mais do que nele,} ~~segundo~~ a sua letra especial
muito fora deste mundo. Ela estava
falava francez e, por isso, com ela não
pude conversar mas disse-me o Fernando
que era intelligentissima, ^{uma} ^{grande} ^{intelligencia} e sabia muito
de astrologia. Todos esses ^{mesmo} ^{anomalia} ^{em} ^{mesmo} ^{anomalia} ^{em}
podia ter-me dado se tivesse aparecido
na casa das Simonadas. Elle o mais
interessante foi a forma verdadeiramente
magica como o Ferreira Gomes encontrou
a cigareira e a carta para a alemã, deixando
por elle Therion na Boca do Inferno. Ele
não lhe contou? ~~Por~~ ~~assim~~ ~~isso~~ ~~passou~~ ~~de~~ ~~por~~ ~~me~~
~~nosso~~ ~~Ferreira~~ ~~Gomes~~ ~~na~~
~~monita~~ ~~de~~ não ia a basca ^{havia} ^{um} ^{tempo} não pensava

Fig. 8h. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].
Verso da quarta folha.

5
 em
 foi quando de repente sentiu em si proprio um
 impulso mediumnico que ele não sabia donde
 vinha, e que o impeliu, de fact, para bascaas. De
 be porque foi impellido para ai? Porque
 o Fernando na vespera ou nesse mesmo
 dia — não me recordo bem — tinha-lhe
 entregado um retrato de Collier Browly
 para ser publicado no Chocia Illustrado
 com um artigo, e claro, muito menos
 espectacular do que ~~aquele~~ veio pois ainda
 não se tinha sabido da pseudo-tragédia
 que redundou em farça magica, da
 Boca do Inferno. Quando foi impellido para
 bascaas, o Ferreira Gomes trazia no bolso
 o referido retrato, provavelmente no lado do
 coração, o órgão mais sensivel a ações
 occultas, e foi realmente a ação magica
 de effluvio thion através desse seu retrato,
~~impregnado~~ ^{fluidos magneticos} que obrigou o jornalista a ir à Boca do
 Inferno para que a noticia sobre a es-
 tada do mago em Lisboa fosse mu-
 to mais sensacional do que primitivamente
 se tinha imaginado, e tivesse extraordi-
 narias repercussões. Devo dizer que Collier
 Browly era ^{ou} extremamente vaidoso e
 auto-reclamista, servindo-se do seu real
 poder magico para provocar ocultamente factos
 que satisfizessem a sua vaidade inensa e

Fig. 8i. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].
 Rosto da quinta folha.

dão lugar a uma intensa propaganda do seu
 nome e da sua interessante mas sombria
 personalidade. ^{simbólica} ~~Entretanto~~ Fernando que já se
 sentia seriamente incomodado com as
 consequências inesperadas da ^{mas inesperadas} vida magica
 da Boca do Inferno, pois ^{como amigo do pretor} ~~seu~~
 rias verges ao Tereza ^{para prestar esclarecimentos} ~~por~~
 pequena vingança, ^{dos incomodos que lhe causara e muito mais} de não se referir ao
 assunto na carta que ^{em resposta a ele} ~~he~~ escreveu para
 a colmanha, e não ~~he~~ mandou o ~~Noti~~
 cias Ilustrado. Seria o mago visto ^{oculta}
 mente essa partida e, por sua vez, ter-se-ia
 vingado de uma forma terrível, arrastando
 por fim o Fernando para a morte que
 poucos anos depois ^{surgiu para ele} ~~perfeitamente~~
~~perfeitamente~~ — ainda que ^{maior ou menor} prevista pela
 astrologia — e apunhando-me de ~~exceção~~
 de modo a provocar em mim uma
 horrível doença que também quasi foi
 mortal e que o Fernando nunca conseguiu
 explicar astrológicamente, tanto mais
 que o Paracletismo pretende destruir
 o Império da Besta Apocalypica (666)
 o Império da Chateria, imposta pela
 Razão? Não posso dizer e não sei
 se os efeitos das acções magicas são ou
 não previstos perfeitamente pelo movimento da

Fig. 8j. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].
 Verso da quinta folha.

rente dos astros no nosso horoscopo. Pel^o que
 diz respeito ao Fernando, o ataque à cabeça
 — lucerna ou cegueira — e possivelmente
 a morte na ocasião em que se deu, foram
 factos previstos por ele com grande ante-
cipação, tendo me dito muitas vez que no
 caso de se salvar do pessimo aspect astro-
 logico de 33 a 35 ^{ou 36} ~~anos~~ ^{morrendo aos 40 anos},
 sendo, porém, ^{ainda que não certo} ~~possível~~ ^{que morresse durante}
 esse periodo maléfico, o que infelizmente
 sucedeu. Da minha propheta lucerna
 de que nunca me curei, ^{apesar de me encontrar muito melhor} é que o Fernando
 não conseguiu dar uma explicação astro-
 logica satisfatoria. Creio que o meu horo-
 scopo é extraordinariamente complexo.
 Deixei-me agora dizer — me uma coisa sobre
 a adoção do numero 666 ~~pel~~ ^{por} Alister
Crowley. O Fernando e eu supozimos real-
 mente que ele se julgava o Antecristo ou
 Besta apocalypica mas pensando melhor
 cheguei à conclusão de que não era natural
 que ele tivesse uma tão estúpida pretensão
 diabolica. Antecristo é um fantasma
 fixe dominou um longo periodo historico
 (da Renascença e Reforma até agora, ^{até}
~~aos tempos presentes em~~ ^{esta era plena de pavor cataclismico})
 nunca se tendo individualizado propriamente

Fig. 8k. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Rosto da sexta folha.

como, de facto, se individeralison o verbo de
 Deus. Houve um pronuncio dessa indivi-
dualisacão em Mohammed (vulgamente
 Mahomet), na verdade, precursor da Besta,
 mas Mohammed é uma prodigiosa figura
 histórica e benaria ^{conquer} não se pode com-
 parar a Mestre The'ion que apesar de todo
 o seu poder mágico e inteligência superior,
 nada é perante o fundador duma religião
 que tem hoje muitos milhões de adeptos.
 Eliezer Browley com certeza não se deixará
 cegar pela sua vaidade a ponto de se jul-
 gar um segundo Mohammed ou seja en-
 tão, ~~um~~ o autêntico conterista. Ele deve
 ter a consciencia dos limites da sua per-
 sonalidade, vigorosa mas restrita, que
 não deixará decerto o rasto profundo
 que deixaria aquele que incarnasse
 a Besta esdras calyptica. O motivo por
 que adotou o número 666 que S. João
 Evangelista, comunicando do Angelical
 e Divino com um médium meritaval,
 atribuiu à Besta, é, pois, diferente do que
 se possa supor à primeira vista. É que
 esse número cabalístico, ^{ou do Tarot} muito antes de
 ser o número ^{representativo} conterista, era con-
temia a ser, como Eliezer Browley sabe muito bem

Fig. 81. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Verso da sexta folha.

o da Inteligencia Concreta, ^{prática} Materializadora, enfim, Impura ao contrario
 de 888 que é o numero representativo da
Inteligencia Pura, abstrata, Espiritual e su-
 blimadoramente Espiritualizada. Por isso, de
 ora avante, ^{se ainda publicar livros} eu imprimerei na parte de
 traz da capa ~~do~~ ^{deles} livros, pondô o em
 Cruz grega, simbolo da Dor Criadora, da Sal-
vação e Redenção, entrelaçado com 333, nu-
 mero representativo da Vida carnal ou da
lucidez, então espiritualizada sublimadora-
 mente pela Inteligencia-Espirit, representa-
 da por 888 (888). Foi ^{precisamente} por 666 ser o numero
 cabalístico representativo da Inteligencia Material
 ou Materializada que S. João, do cástelo, o atribuiu á Besta (diz
 que a apocalypse é apócrifo, sendo obra dum
 monge medieval que viveu muitos séculos
 depois de ter morrido S. João Evangelista. Esta
 é uma das muitas interpretações empiricas
dos fatos occultos. A realidade é o Amor
de Jesus de Jesus, discipulo amante do verbo de deus
subido ao seio espiritual de deus ou do San-
cto Esprito Divino, transmitiu a um mediun me-
diaval e com estilo medieval apropriado, a Grande
Profecia, conhecida por apocalypse, palavra
 grega que significa mesmo profecia. Essa
que é a Verdade, não sendo, pois que este é o verbo de deus

Fig. 8m. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].

Rosto da sétima folha.

Capitulos Sobre F. P.
 Documental astral. e comunicação
 do Eterno, sinão lehe da' mais Valor Oculto. Tudo
 isto eu afirmo porque o Sei!).
 agora, um conselho dum grande amigo seu
 e admirador. Se não cre^{er} convictamente nos
 factos ocultos, é melhor não tratar deles e mais
menos fazer blague com eles pois isso pode
 ser perigosissimo para si e para a sua
 existência, na terra em no astral. Se é
 muito perigoso mais ^{então} necessario ^{por vezes} fazer uma
 Revolução no Eterno que transcende da
 vida, criando-se novas forças astraes recon-
struindo — foi esse perigo tremendo que se con-
 cretizou no Baharim e em todas as muitas
 eventuais provocações que têm puramente
 mentalmente uma origem astral, conforme reco-
 nheço no meu poema Chasse e Chaire atra-
 vez dum dialogo colossal ^{estupendo} entre Jéovah e
 Henoch (1) — não mejos perigoso e tratar-se
 de Ocultismo sem convicção e sem saber.
 O meu ultimo caso não é, evidentemente,
 necessario nem é conveniente correr-se
 semelhante risco terrivel de punição astral.
 Desculpe-me todas as observações desta
 carta, fruto da minha profunda sinceridade
 e da minha grande amizade por si, a qual
 me impõe o dever de esclarecer o que não ficou
 bem esclarecido: isto.
 Tinha estado escrevendo quando se apagaram de repente
 as luzes do radiolom que creio esta carta.

Fig. 8n. Rascunho de carta de Raul Leal a João Gaspar Simões [julho de 1950].
Verso da sétima folha.

Bibliografia

- BARRETO, José (2016). "Os destinatários dos panfletos pessoanos de 1923", *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 10, Outono, pp. 628-703.
- LEAL, Raul (1970). *O sentido esotérico da história* (Coordenação, prefácio e notas de Pinharanda Gomes). Lisboa: Livraria Portugal.
- ____ (1959a). "As tendências orfaicas e o saudosismo", *Tempo Presente*, n.º 5, setembro, pp. 17-24.
- ____ (1959b). "As tendências orfaicas e o saudosismo. II", *Tempo Presente*, n.º 7, novembro, pp. 39-48.
- MARTINES, Enrico (2017). "José Régio, Raul Leal e a *Presença*: marcas epistolares de um diálogo modernista", *Pessoa Plural – A Journal of Fernando Pessoa Studies*, n.º 12, Outono, pp. 82-133.
- PEREIRA, José Maria dos Reis (1925). *As correntes e as individualidades da moderna poesia portuguesa*. Coimbra: edição do autor.
- PESSOA, Fernando (1998). *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da presença*. Edição e estudo de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- RÉGIO, José (1994). "Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro", *Crítica e ensaio*/2. Lisboa: Círculo de Leitores, pp. 247-250
- ____ (1927a). "Literatura viva", *Presença*, n.º 1, Coimbra, 10 de março, pp. 1-2.
- ____ (1927b). "Classicismo e modernismo", *Presença*, n.º 2, Coimbra, 28 de março, pp. 1-2.
- SÁ-CARNEIRO, Mário de (2015). *Em ouro e alma – correspondência com Fernando Pessoa*. Edição crítica de Ricardo Vasconcelos e Jerónimo Pizarro. Lisboa: Tinta-da-china.
- SIMÕES, João Gaspar (1991). *Vida e obra de Fernando Pessoa. História de uma geração*. Lisboa: Dom Quixote. 6ª edição.
- ____ (1977). *José Régio e a história do movimento da "Presença": autobiografia*. Porto: Brasília.
- ____ (1974). *Retratos de poetas que conheci: autobiografia*. Porto: Brasília.
- ____ (1949). "No aniversário da morte de Fernando Pessoa", *Diário Popular*, Lisboa, 30 de novembro de 1949, pp. 4-5.